

CORREIO BRAZILIENSE

DE DEZEMBRO, 1808.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra la chegára.

CAMOENS, C. VII. e. 14.

POLITICA,

Collecção de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

[Continuados de p. 449.]

*Os Governadores do Reyno dirigiram ao Ex. e R. Senhor
Bispo da Cidade do Porto a carta seguinte :*

Ex. e R. SENHOR,

O PATRIOTISMO, e admiraveis esforços das Provincias de Portugal, e Reino do Algarve, auxiliados pelas valerosas Tropas de Sua Magestade Britannica, abençoados, e protegidos visivelmente pela Divina Omnipotencia, expulsárao as tropas Francezas. Removido assim o despotismo, com que estas embaraçaram o exercicio do Governo, que o Principe Regente nosso Senhor estabeleceo pelo Decreto, e Instrucçoens de 26 de Novembro proximo passado; os Governadores Francisco da Cunha e Menezes, e D. Francisco Xavier de Noronha, com assistencia do Secretario Joaõ Antonio Salter de Mendonça, que se acham sem impedimento, convocáram o Conde Monteiro Mór, e D. Miguel Pereira Forjaz, substitutos do Governador ausente Marquez de Abrantes, e do Secretario impedido Conde de Sampayo; e todos continuaõ no exercicio das suas Fun-

goens, suspensas desde o dia 1. de Fevereiro do corrente anno. Elegêram pelas faculdades do dito Decreto, e Instrucçoens, em lugar dos Governadores impedidos o Principal Castro, e Pedro de Mello Breyner, ao Marquez das Minas, e a V. Ex. ; e mandam, que tudo se tracte, regule, e determine na conformidade das Leis, e costumes observados até ao dicto dia 1, de Fevereiro, sem a menor alteraçãõ.

E como para a Restauração da nossa liberdade, e suave Governo de Sua Alteza Real muito concorrêram as incessantes fadigas, e exemplar prudencia, com que V. Ex., e a Juncta Provisioual dessa Cidade dirigiram toda a energia dos seus leaes Cidadãos para o unico fim da mesma Restauração, a que se propuseraõ sem os terriveis effeitos de paixoens particulares, nem effusaõ de sangue, dando com toda a dexteridade, e circumspecção as providencias mais adequadas, e saudaveis : Os Governadores, contemplando com especialidade a V. Ex., e os Deputados da mesma Juncta, fizeraõ a dita eleiçaõ da Pessoa de V. Ex., para os ajudar na Regencia destes Reynos com as suas virtudes, e luzes ; e tem no major apreço taõ relevante serviço, que muito louvaõ, e agradecem e poraõ na Real Presença de Sua Alteza com o respeitavel nome de V. Ex., e dos Deputados da mesma Juncta, que se tem feito taõ benemeritos, e dignos da Patria : E outro sim mandam, que este se registre nos livros da Relação, e Camara dessa Cidade : O que tudo participo a V. Ex., para que o faça presente aos mesmos Deputados, e todos assim o fiquem entendendo. Deus guarde a V. Ex. Secretaria d'Estado dos Negocios do Reyno em 20 de Septembro, de 1808.

João Antonio Salter de Mendonça.

Senhor BISPO do Porto.

Copia de um Aviso dirigido ao Illustrissimo e Excellentissimo Governador de Coimbra.

O Patriotismo, e admiraveis esforços das Provincias de Portugal, e Reyno do Algarve, auxiliados, pelas valorosas

Tropas de S. Magestade Britannica, abençoados, e protegidos visivelmente pela Divina Omnipotencia expulsáram as tropas Francezas. Removido assim o Despotismo, com que estas embaraçavam o exercicio do Governo, que o Principe Regente Nosso Senhor estabeleceu pelo Decreto e Instrucçoens de 26 de Novembro proximo passado; os Governadores Francisco da Cunha e Menzes, e D. Francisco Xavier de Noronha, com assistencia do Secretario Joaõ Antonio Salter de Mendonça, que se achão sem impedimento, convocáram o Conde Monteiro Mór, e D. Miguel Pereira Forjaz, Substitutos do Governador ausente Marquez de Abrantes, e do Secretario impedido Conde de Sampaio, e todos continuaõ no exercicio das suas Funçoens, suspensas desde o dia 1 de Fevereiro, do corrente anno. Elegêram pelas Faculdades do dito Decreto e Instrucçoens, em lugar dos Governadores impedidos, o Principal Castro, e Pedro de Mello Breyner, ao Marquez das Minas, e ao Bispo do Porto, e mandam, que tudo se tracte, regule, e determine na conformidade das Leis e costumes observados até ao dito dia 1 de Fevereiro, sem a menor alteraçãõ.

E como para a restauraçãõ da nossa liberdade, e suave Governo de S. A. R. muito concorrêram as incessantes fadigas, e exemplar prudencia com que V. S., e o Corpo Academico dessa Uniyersidade de Coimbra dirigiram toda a energia dos Leaes Estudantes para o unico fim da mesma restauraçãõ, a que se propozeram sem os terriveis effeitos de paixoens particulares, nem effusaõ de sangue, dando com toda a dexteridade, e circumspecçãõ as providencias mais adequadas, e saudaveis: Os Governadores contemplando com especialidade a pessoa de V. S. e o dicto Corpo Academico, nomeáram a V. S. Desembargador Honorario da Meza do Desembargo do Paço; tendo no maior apreço taõ relevantes serviços, que muito louvaõ, agradecem, e poraõ na Real presença de Se A. R.

com o nome de V. S. e dos mais, que tanto se tem distinguído, e feito benemeritos, e dignos da Patria : E outro sim mandáram que este se registe nos Livros da Camara dessa Cidade : O que tudo participo a V. S. para que assim o faça presente ao Corpo da Uuiversidade, e para sua devida intelligencia, e execuçaõ. Deos Guarde a V. S. Secretaria de Estado dos Negocios do Reyno em 20 de Septembro, de 1808.—*Joaõ Antonio Salter de Mendonça*—*Senhor Manoel Paes de Aragaõ Trigozo.*

◆

Copia de um Aviso, que acompanhava o precedente.

O Pátriotismo, e admiraveis esforços das Provincias de Portugal, e Reyno do Algarve, auxiliados pelas valorosas Tropas de S. Magestade Britannica, abençoados, e protegidos visivelmente pela Divina Omnipotencia expulsáram as tropas Francezas. Removido assim o Despotismo, com que estas embaraçavam o exercicio do Governo, que o Principe Regante Nosso Senhor estabeleceu pelo Decreto e Instrucçoens de 26 de Novembro proximo passado ; os Governadores Francisco da Cunha e Menezes, e D. Francisco Xavier de Noronha, com assistencia do Secretario Joaõ Antonio Salter de Mendonça, que se achaõ sem impedimento, convocáram o Conde Monteiro Mór, e D. Miguel Pereira Forjaz, Substitutos do Governador ausente Marquez de Abrantes, e do Secretario impedido Conde de Sampaio, e todos continuaõ no exercicio das suas Funcçoens, suspensas desde o dia 1. de Fevereiro do corrente anno. Elegêram pelas Faculdades do dito Decreto e Instrucçoens, em lugar dos Governadores impedidos e Principal Castro, e Pedro de Mello Breyner, ao Marquez das Minas, e ao Bispo do Porto, e mandam, que tudo se tracte, regule, e determine na conformidade das Leis e costumes observados até ao dito dia 1. de Fevereiro sem a menor alteraçã.

Os Governadores cheios de admiraçaõ, e reconhecimento pela fidelidade, Valor, e Generosidade com que as

dictas Provincias, e Reyno concorreram para a restauraçã da nossa liberdade, e suave Governo de S. A. R., daõ em seu Nome, e no de toda a Naçaõ os dividos louvores, e agradecimentos em geral aos habitantes das mesmas Provincias, e Reyno, e em particular a cada um dos que mais se distinguiram ; e faraõ presentes a S. A. R., taõ relevantes, e assignalados serviços com relaçaõ dos Nomes dos mais distinctos, em donativos, e acçoens heroicas: O que participo a V. M., para que fazendo presente na Juncta da Directoria Geral dos Estudos, e Escólas destes Reinos, e seus Domintos, assim o fique entendendo, e execute. Deos Guarde a V. M. Secretaria d'Estado dos Negocios do Interior em 20 de Setembro, de 1808.—*Joaõ Antonio Salter de Mendonça.*—Senhor *Manoel Paes de Aragaõ Trigozo.*

Hoje se recebeu um Aviso do theor seguinte :

Os Governadores destes Reinos tendo presente a conta, em que V. S. expoem a promptidaõ, com que dissolveo o Corpo dos Voluntarios Academicos, e a necessidade de suspender a abertura solemne dos Estudos até o 1, de Novembro; e em que pede licença para continuar pelo mesmo modo a impressaõ da Minerva Lusitana, e mais papeis periodicos, que tem por objecto a feliz Restauraçã do Governo de S. A. R. ; Estimaõ o zelo, com que V. S. reduzio tudo á boa ordem, e regularidade para os Estudos Academicos, logo que o permittio a Causa Publica ; Permittem que a dita abertura se suspenda até o 1, de Novembro, a fim de que os Alumnos descancem dos trabalhos Militares, em que tanto se distinguiram ; E authorisaõ a V. S., em quanto for conveniente, para fazer imprimir os sobreditos papeis periodicos pelo mesmõ modo, com que tem sido impressos até ao presente ; O que tudo participo a V. S. para sua intelligencia. Deos Guarde a V. S. Secretaria de Estado dos Negocios do Reyno em 5 de Outubro, de 1801.—*Joaõ Antonio Salter de Mendonça.*—Senhor *Manoel Paes de Aragaõ Trigozo.*

BRAZIL.

Justa Reclamação, que os Representantes da Casa Real de Hespanha, D. Carlota Joaquina de Bourbon Princeza de Portugal e Brázil; e D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, Infante de Hespanha fazem a S. A. R. o Principe Regente de Portugal; para que se digne attender, proteger, e conservar os sagrados Direitos, que sua Augusta Casa tem ao throno das Hespanhas e Indias, e que o Imperador dos Francezes, por meio de uma abdieação ou renuncia, executada pela violencia mais atroz, e detestavel, acaba de arrancar das mãos d'El Rey D. Carlos IV. e de Suas Altezas Reaes o Principe das Asturias e Infantes D. Carlos, e D. Antonio.

As infaustas noticias, chegadas de Hespanha, sobre a occupação da Capital, e principaes postos militares, pelos Francezes, inimigos declarados da Coroa de Portugal, e não menos hostis, por sua conducta á de Hespanha, nos affligiram grandemente; porque logo previmos a escravidão do fiel e generoso Povo Hespanhol, e a conseguinte ruina do throno de nossos avós.

O comportamento irregular do Imperador dos Francezes, e os injustos procedimentos de seus Generaes, e mais Ministros, ha muito tempo que nos dávam sobejos motivos, para manifestar, ao Mundo todo o justo resentimento, que naquelle momento julgamos conveniente suffocar em silencio. Considerando que não necessitávam do auxilio de nossa voz, para que fosse patente a nossa razão e justiça, ultrajadas pelo Despotismo de um poder absoluto e arbitrario; porém agora que sabemos a perfidia com que, de baixo da capa de uma conferencia amigavel El Rey, Chefe da nossa casa, e todos os membros da nossa familia em Hespanha, fôram persuadidos a pôr as suas pessoas nas mãos daquelle que ameaçava os seus direitos, os nossos, e o de todos o vassallos d' El Rey de Hespanha: perfidia, pela

qual fôram primeiramente violentados a assignar actos formaes de abdicacão e renuncia, e depois conduzidos individualmente para fóra do Reyno, para sepultallos em lugares manchados ja com o sangue de outros membors da nossa Real Familia. Cheios de horror com taes attentados; julgamos proprio do nosso dever implorar o auxilio de V. A. R. como amparo, e protector natural immediato; pedindo-lhe soccorros, contra a propagação d' este systema usurpador, que absorbe os Estados da Europa uns depois dos outros, empenhando a V. A. R. a favor de nossa causa; para que, com seu poder, e respeito, nos ponha em estádo (como os mais immediatos parentes d' El Rey de Hespanha) de poder conservar os seus direitos, e segurar com elles os nossos, combinando as forças Portuguezas, Hespanholas, e Inglezas, para impedir os Francezes, que com seus exercitos practiquem na America as mesmas violencias, e subversoens, que ja commettêram sobre quasi toda a extensaõ da Europa.

V. A. R. em consideraçãõ do estado, e situaçãõ em que se acha nosso Augusto Pay, e respectivo Tio, com a mais familia de nossa Augusta Casa de Hespanha, não deixará de justificar este nosso proceder; proceder, que está fundado nos principios, e leys fundamentaes da Monarquia Hespanhola, das quaes nunca nos separaremos; proceder authorizado pelos incontrastaveis principios da justiça divina, e natural; e que como tal esperamos merecerá a approvaçãõ de nosso querido Tio El Rey das duas Sicilias, a de Sua Real Familia, e a de todas aquellas pessoas que saõ nisto interessadas. Este mesmo proceder o consideramos como cousa esperada pelos membros da nossa Familia infeliz e desgraçada, que se acha cercada e oprimida pela força, removida de seu Reyno, e o que seguramente lhes será mais doloroso, separado do seio de seus mui amados vassallos, os fieis, os constantes, os generosos Hespanhoes.

Tal he o conceito, que nos querem significar nossos mui amados Irmaõs e Tio, o Principe das Asturias, e os Infantes D. Carlos e D. Antonio, quando, depois de haver descripto a entrada das tropas Francezas, e sua superioridade em numero, dizem assim :

“ Neste estado das cousas, reflectindo Suas Altezas
 “ Reaes na situaçaõ em que se ácham, e nas delicadas cir-
 “ cumstancias em que igualmente se acha a Hespanha,
 “ considerando que, em tal conflicto, qualquer attentado
 “ da parte do Povo Hespanhol, para a reparaçaõ de seus
 “ direitos traria com sigo mais ruina do que proveito, sem
 “ outro resultado mais do que fazer correr rios de sangue
 “ e occasionar a perca indubitavel ao menos de grande
 “ parte de suas Provincias, e de todas as Colonias Trans-
 “ marinas.”

Este modo de fallar, parece offerecernos provas evidentes ; premeiro, da violencia que se fazia aos Principes, para que escrevessem, sem lhes permittir escrever tudo o que quizessem para expressar os seus sentimentos : segundo ; que, se a Hespanha naõ estivesse em taes circumstancias, e sugeita a um exercito inimigo, elles mesmos naõ julgariam inutil uma tentativa dos habitantes para recuperar os seus direitos : terceiro ; que, quando isto succedesse ás colonias transmarinas, ellas se perderiam, e nestas palavras vemos uma insinuaçaõ tacita, porém mui evidente, que elles nos fazem, e a seus mui fieis compatriotas, ainda livres, para que, de unanime consentimento propendamos todos á defeza, e conservaçaõ de seus direitos.

Estamos por tanto na firme persuaçaõ de que este será o modo de pensar de nossos Tios em Sicilia, como igualmente dos outros membros de nossa Real Familia, e de todos os nossos compatriotas, que se acham livres e distantes de semelhantes insultos, e oppressoens.

Roma, a depositaria de nossa Sancta Religião, se acha de novo insultada, e sujeita a este poder arbitrario, e perturbador de toda a Europa. Em vão protesta S. S. contra o extermínio dos Eminentissimos Cardeaes ; em vão ordena que somente se movam, quando a violencia os obrigue; não tem outro recurso senão queixar-se, e lamentar-se, como nos o vemos em seu acto ; assignado pelo Eminentissimo Cardeal Doria Pamphilo, dizendo, *que taes vistas conhecidamente se dirigem a subverter, e acabar o poder da Igreja.*

Felizes nos, os que nos achamos desta parte do Atlantico, pois não estamos sujeitos, nem em circumstancias de o sermos, se apartando para longe de nos todo o espirito de partido, logramos aquella perfeita uniaõ e alliança, que ao mesmo tempo que enlaçar os nos sentimentos, reuna tambem os nossos recursos, com os quaes se possa formar uma força respeitavel, capaz de resistir e rechaçar, por si só, qualquer invasaõ, e de assegurar, contra a ambiçaõ Franceza, nossos interesses, nossa liberdade, e nossas proprias vidas.

Nem por um só instante podemos duvidar da lealdade, e amor, que em todos os tempos tem manifestado os habitantes das Americas á nossa Augusta Casa, e mui particularmente a nosso muí querido Pay ; porquem nestes ultimos tempos tem sacrificado as suas vidas e interesses, e dado as maiores provas de sua lealdade. Nesta intelligencia, e certos, que a desgraça da nossa familia terá entristecido seus espiritos, que sempre se tem interessado na conservaçaõ de seus direitos, esperamos que, mediante o respeito, e auxilio de V. A. R. se poderá realisar uma perfeita alliança com os Vassallos d'El Rey das Hespanhas existentes na America, e que por ella podermos com facilidade livrarnos dos ataques do inimigo, e evitar por um meio taõ justo e saudavel, o fomentarem-se discordias que mui de continuo se suscitam, entre os vas-

sallos de ambos estes Reynos, cujas consequencias produzem sempre um resultado funesto.

Para ver realizadas nossas justas e saãs intenções, desejamos ter occasião segura de as communicar aos Chefes, Tribunaes, e mais pessoas, em quem se acha legitimamente depositada a authoridade de nosso Senhor e Rey, a qual de nenhum modo queremos alterar nem diminuir, mas sim conservar e defender, para livralla do poder dos Francezes, e para este fim esperamos, que V. A. R. se interesse tambem com o Almirante do nosso forte e poderoso Alliado El Rey da Gram Bretanha, para que ordene e disponha as suas forças de maneira que, sem faltar á defeza de V. A. R. e costas do Brazil, sejam uteis aos Rios e Costas do Rio da Prata, e mais dominios da America Hespanhola, e de nenhum modo prejudiciaes á sua navegação, e commercio, que tem aquelles habitantes, neste e outros portos deste Principado, a qual protecção não duvidamos, que nos será immediatamente conferida, pela generosidade e nobre character d'El Rey da Gram Bretanha, e de sua poderosa Nação.

Por ultimo rogamos a V. A. R. seja servido pôr á nossa disposição todos os meios, que nos forem necessarios, para communicar as nossas intenções aos Chefes, Tribunaes, Authoridades civis, e ecclesiasticas, em quem reside, em todo o seu vigor e força, a authoridade de nosso augusto Rey e Senhor, e em sua lealdade depositados os direitos de Nossa Real Casa, os quaes desejamos manter inviolaveis, durante a desgraça com que se acha opprimida, pela nação Franceza, a nossa Familia Real de Hespanha.

Escripta no Palacio do Rio de Janeiro, aos 19 de Agosto, de 1808.

A Princesa D. CARLOTA JOAQUINA DE BOURBON.
O Infante D. PEDRO CARLOS DE BOURBON E BRAGANÇA.

Resposta de S. A. R. O Principe Regente de Portugal á reclamação feita por SS. AA. RR. a Princeza do Brazil, e o Infante de Hespanha D. Pedro Carlos.

Vossas Altezas Reaes me fazem justiça, quando me julgam disposto a sustentar os seus direitos, e os daquelles Hespanhoes, que são fieis á coroa, e á patria. No manifesto, que publiquei depois da minha chegada a este continente, em que pude expor o meu justo resentimento pela conducta de Hespanha, permittindo o seu Governo o transito das tropas Francezas, e unido-se a ellas para invadir Portugal, omittí esta diligencia, e quiz antes fazer justiça aos pezarosos sentimentos, que necessariamente teriam os fieis Hespanhoes, vendo-se obrigados a executar um acto tão contrario aos interesses de seus Principes, e á sua propria segurança.

Tinha eu a maior confiança em que chegaria o tempo de poder unirnos como alliados para nos defendermos mutuamente, do excesso de tão multiplicadas aggressoens.

Agora julgo, como Vossas Altezas Reaes, que he chegado o tempo desta uniaõ, para obrar contra um inimigõ commum, e espero que de commum acordo com os meus alliados, entre os quaes deve entrar a Sicilia, e como tal necessariamente deve considerar-se, poderemos pôr uma barreira á extensaõ das conquistas, que pelo menos, farei quanto estiver de minha parte, para effectuar esta suavel combinaçaõ, e alliança, que Vossas Altezas Reaes me acabam de propor, e desejo que os Hespanhoes Americanos, sabendo que estamos de acordo, sobre a grande necessidade que ha de protegellos, unaõ os seus recursos ás nossas forças, para dar pleno e inteiro effecto, ás intençoens que tenho, de procurar a paz, e prosperidade de que são capazes, e susceptiveis por sua propria posiçaõ. Dado no Palacio de Nossa Real morada do Rio de Janeiro, debaixo de nosso Real Sello aos 19 de Agosto, de 1808.

L. S.

PRINCIPE.

Dona Carlota Joaquina de Bourbon, Infanta de Hespanha, Princeza de Portugal e do Brazil.

Faço saber, aos leaes e fieis Vassallos d' El Rey Catholico das Hespanhas e Indias, aos Chefes, e Tribunaes, aos Cabidos Seculares e Ecclesiasticos, e ás demais pessoas em cuja fidelidade se acha depositada toda a authoridade e administração da Monarchia, e confiados os direitos da minha Real Casa, e Familia; que o Imperador dos Francezes, depois de haver exaurido a Hespanha de homens e de cabedaes, que, sob pretexto de uma falsa, e capciosa alliança, exigia de continuo para sustentar as guerras, que promovia a sua illimitada ambição e egoismo, quer por ultimo realizar o systema da Monarchia Universal.

Este projecto, grande unicamente pelas grandes atrocidades, roubos, e assassinatos, que o devem preceder, suggerio a idea de assegurar primeiramente, em si e na sua familia, o throno, que a sanguinaria revolução usurpon á primeira linha da minha Real familia, e depositou no poder deste homem até então desconhecido. Para isto pretende exterminar, e acabar a minha Real Casa, e Familia, considerando, que nella residem os legitimos direitos, que retém usurpados, e ambiciona o justificar em seu poder.

Intentou primeiramente, pela mais falsa politica, apoderar-se de nossa Pessoa, e da de nossos mui amados Esposo e Filhos, debaixo do especioso e seductor principio de protecção contra a nação Britanica, de quem temos recebido as maiores provas de amizade, e alliança; porem, frustrados os seus designios pela nossa retirada para este continente, mitigou a sua ira, e sede insaciavel, com o saque geral, que mandou praticar, por Junot, em todo o Reyno de Portugal, sem respeitar cousa alguma, chegando ao ponto de manchar as suas mãos nos vasos do Sanctuario.

Suscitando-se pouco depois uma sublevação, ou tumulto popular, na Corte de Madrid, contra meu Augusto Pay e Senhor El Rey D. Carlos IV. para obrigarlo a abdicar,

ou renunciar o throno a favor de me meu irmão o Príncipe das Asturias, quiz logo intrometter-se, nestas agitações domesticas, para conseguir o fim abominavel de os convidar a passarem-se ao territorio, de seu imperio, pretextando a maior segurança de suas pessoas; sendo o seu unico objecto o tellas em aptidão de poder, com ellas mesmo, realizar o iniquo plano de seus projectos.

Leva, e arrasta a meu Augusto Pay, com todos os mais individuos da minha Real Familia, a Bayonna de França, e ali os violenta, e obriga a assignar um acto de abdicacão ou renuncia; por si mesmo nullo, debaixo dos especiosos e fantasticos motivos de conservar a integridade da Hespanha, que so elle quer violar, e de conservar a Religião Catholica, que so elle ultraja e detesta: acto aquelle pelo qual todos os Direitos da minha Real Familia á Coroa de Hespanha, e Imperio das Indias ficarãam cedidos a favor deste Chefe ambicioso, se não reclamassemos a tempo desta violencia, injusta, e iniqua, concebida, e executada contra o Direito natural e positivo, contra o Direito Divino e humano, contra o Direito Geral, e das Gentes; violencia desconhecida nas mais barbaras naçoens.

Achando-se, desta sorte, meus mui amados Pays, irmãos, e mais individuos da minha Real Familia de Hespanha, privados de sua authoridade, e menos ainda poder attender á defeza, e conservacão de seus Direitos, á direcção e governo de seus fieis e amados vassallos; e considerando, por outra parte, a perniciosa influencia que pode ter semelhante acto em os animos máos, e dispostos a propagar o scisma, e anarchia, tão prejudiciaes á Sociedade, e aos Membros, que a compoem. Por tanto, considerando-me sufficientemente authorizada a exercer as vezes de meu Augusto Pay, e Real familia de Hespanha, existentes na Europa, como a sua mais proxima Representante, neste Continente da America, para com seus ñeis, e amados Vassallos. Pareceo-me conveniente, e opportuno dirigir-vos este meu Manifesto,

pelo qual declaro por nulla a abdicacão ou renuncia, que meu Senhor e Pay El Rey D. Carlos IV. e mais individuos da minha Real Familia de Hespanha, tem feito, a favor do Imperador, ou Chefe dos Francezes, com a qual declaracão se devem conformar todos os fies e leaes vassallos de meu Augusto Pay, em quanto se naõ acharem livres e independentes os representantes de minha Real Familia, que tem melhor direito do que eu a exercitallos; pois naõ me considero, senaõ como uma depositária e defensora destes direitos, que quero conservar illesos e immunes da perversidade dos Francezes, para os restituir ao Representante legal da mesma Augusta Familia, que exista ou possa existir independente, na epocha da paz geral. Igualmente vos rogo, e encarrego encarecidamente; que prosigais, como ate agora, na recta administracão da justiça, conforme ás leis, as quaes cuidareis, e zelareis, que se mantenham illessas em seu vigor, e observancia, cuidando mui particularmente da tranquillidade publica, e defensa destes dominios, até que meu muito amado primo o Infante D. Pedro Carlos, ou outra Pessoa, chegue authorisada interinamente, para regular os assumptos do governo desse Dominio, durante a desgraçada situacão de meus muito amados Pay, irmaõs, e Tio, sem que as minhas novas providencias alterem, na menor cousa, o disposto, e providenciado por meus Augusto Antecessores. Esta Declaracão, que vai por mim assignada, e attestada por quem serve de meu Secretario, volla remetto, para que a guardeis, cumprais, e façais guardar, e cumprir a todos os subditos de vossa jurisdicção; circulando-a do modo e forma, que até aqui se tem circulado as ordens de meu augusto Pai, a fim de que conste a todos, naõ só quaes saõ os meus Direitos, se naõ tambem a firme resoluçãõ, em que me acho de os manter inviolaveis, certificando igualmente que, como depositaria, naõ he, nem será jamais da minha Real intençãõ, alterar as leis fundamentaes da Hespanha,

nem violar os privilegios, honras, e isençoens do Clero, Nobreza, e Povos da mesma monarchia ; que todos, e todas reconheço, aqui, e diante do Ente Supremo, que abençoará ésta solemne, e tanto justa como bem fundada Protestaçãõ.

Dada no Palacio de nossa Real Residencia, no Rio de Janeiro, aos 19 de Agosto, de 1808.

A Princeza D. CARLOTA JOAQUINA DE BOURBON.
L. S. *D. Fernando José de Portugal.*

Manifesto, dirigido aos fieis Vassallos de S. M. C. por D. Pedro Carlos de Bourbon, e Bragança, Infante de Hespanha, e Graõ Almirante das Esquadras de S. A. R. o Principe Regente de Portugal.

D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança, Infante de Hespanha, Graõ Almirante das Esquadras de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, &c.

Faço saber a todos os fieis Vassallos de meu muito amado Senhor, e Rey da Hespanha e Indias, aos Chefes e Tribunaes, aos Cabidos Seculares e Ecclesiasticos, e as demais pessoas estabelecidas em dignidade, em todos os dominios da Soberania Hespanhola ; que, achando-se meu Augusto Tio, e outros individuos da minha Real Familia de Hespanha, debaixo do poder oppressivo dos Francezes, onde fõram conduzidos pelos vis meios da seducçaõ, e engano, e privados de sua liberdade natural ; fõram violentados a assignar uma abdicacaõ ou renuncia a favor do Imperador dos Francezes, pela qual todos os direitos da minha Real Familia passariam a seu podér ; se isto se não houvesse realizado por uns meios taõ injustos, e iniquos, como saõ os do engano, e se não declarasse por nulla aquella abdicacaõ, conformando-me, como me conformo em tudo, ao referido no Manifesto, que minha mui querida Prima Dona Carlota Joaquina, Infanta de Hespanha, e Princeza

de Portugal e Brazil, vos tem dirigido, o qual approvo, e ratifico, em todas as suas partes, guardando, em consequencia desta mesma approvaçãõ minha, o direito de antelhaçãõ, e preferencia que pertence aos individuos de minha Real Familia, inculida a de meu muito amado Tio, Rey de Napoles, e das suas Sicilias, segundo a ordem de successãõ prefixa pelas leis fundamentaes da Monarchia Hespanhola, cujos direitos, e prerogativas quero se conservem do modo e forma referidos; até que a Divina Providencia se sirva restituir a seu antigo Estado os individuos da minha Real Familia de Hespanha, a quem confessamos o melhor, e primeiro direito, e para que assim o tenhaes entendido vos remettemos este nosso Manifesto, sellado com nosso sello Real, e attestado pelo que serve de nosso Secretario, e vos rogamos e encarregamos o façais circular pela vossa respectiva jurisdicçãõ, pelo modo e forma porque até aqui se tem circulado as ordens de meu Augusto Tio, e Senhor El Rey D. Carlos IV

Dado no Palacio de minha Real Morada no Rio de Janeiro, aos 20 de Agosto, de 1808.

O Infante D. PEDRO CARLOS DE BOURBON E BRAGANÇA.

L. S.

D. Fernando José de Portugal.

Documentos officiaes relativos á Hespanha.

[Continuados de pag. 482.]

Os Deputados Da Juncta Geral Extraordinaria.

AMADOS Hespanhoes Dignos Compatriotas! As vossas familias, os vossos lares, as vossas fortunas, são para nos tão charos, e tão preciosos como os nossos; e nos desejavamos que vos estivesseis todos junctos a nos para vos certificareis disso.—Nos temos sido tão fieis, e tão affectos á nossa antiga Dynastia, como vos; até que a Divina Providencia, que dispoem dos thronos e sceptros fixou o periodo de sua duraçãõ. Os maiores Estados nos fornecem mil exemplos do infinito poder da Providencia; e a his-

toria do nosso mesmo paiz offerece naõ pequeno numero de casos.—Um dever resistivel, e um objecto taõ sagrado, como he a nossa propria felicidade, nos fez abandonar os nossos proprios coraçoes, e nos trouxe ao invencivel Imperador dos Francezes. Nós o confessamos: a contemplaçã do seu esplendor, e poder, poderá ter feito em nós uma forte impressã; mas nos viemos com a determinada resoluçã de renovar-mos os nossos esforços a favor de uma monarchia, cuja prosperidade está necessariamente ligada com a nossa. Porém qual foi a nossa admiraçã, quando S. M. Imperial e Real anticipou o nossõ cuidado manifestando a sua bondade, e affabilidade, que excitou tanto mais a nossa admiraçã, quanto he maior o seu poder. Elle naõ tem outro desejo senã o da nossa prosperidade e felicidade. Dando-nos um Soberano para reynar sobre nos, he seu illustre irmão, José, cujas virtudes saõ a admiraçã de seus vassallos. Occupando-se no melhoramento de nossas antigas leys, e em corrigir as suas imperfeiçoens. Quando deseja que as nossas finanças recêbam nova organizaçã, he para fazer poderosa a nossa força militar e naval, e para a fazer temivel aos nossos inimigos evitando toda a superflua imposiçã de tributos. Por uma sabia administraçã he que elle tem resolvido corrigir os abusos, reviver a industria nacional, remover todos os impedimentos, que podem obstar ao commercio, e aliviar-nos, em tanto quanto está no seu poder, de todas as oppressoens, que tem annihilado a nossa agricultura, e todas as nossas fontes de emprezas,—Finalmente, conhecendo a rectidã do vosso character, o vosso apego ao culto de Deus, elle se naõ opporã ao vosso zelo religioso. Elle vos segura, que vós conservareis, bem como vossos antepassados, a vossa sancta Religiã Catholica, e que a mesma permanecerã, como se acha no presente tempo, a unica e só igreja dominante em todo o Reyno. E qual he a remuneraçã, que o Grande Imperador dos Francezes pede

debaixo de circumstâncias taõ importantes para a Nação como estas saõ ?—Que vós vivaes socegados ; que providencieis as vossas casas, e as vossas familias ; que naõ vos abandoneis cegamente ás fataes desolaçoens, que saõ inseparaveis da resistencia e rebeliaõ ; que espereis, com socegada confiança, o melhoramento dos vossos destinos, e fortunas, que vos podeis esperar do Governo de um Monarcha virtuoso—que o paternal cuidado vos trará—que he inseparavel da sua benignidade, e do que os seus vassallos tem experimentado os effeitos.—Hespanhoes ! Dignos de melhor sorte, evitaí a terrivel anarchia, que vos ameaça, cuidai de vos, das vossas familias, e dos vossos filhos. Que proveito tirareis das dissençoens accesas pela malevolencia? Vos que sois ricos, e gozaes em paz a propriedade, que a vossa familia possui, pela industria, ou pelos serviços publicos de vossos antepassados—honrados agricultores, que conheceis as doçuras dos confortos domesticos—laboriosos mechanicos, que sois felizes nos vossos lares, cercados por tudo quanto vos he charo—industriosos mercadores, e fabricantes, que desejaes conservar o producto da vossa industria e economia—cidadãos de todas as classes, que viveis em descanso com um moderado mas sufficiente rendimento, que deveis a uma vida regular—lembrai-vos do abysmo em que vos hides precipitar, se vos deixareis desencaminhar por aquelles que vos excitam á desordem. Vos correis o perigo de perder tudo em um momento. Que esperaes vos que possa contrabalançar taõ grandes sacrificios ? Que vaãs esperanças ráiam diante de vossos olhos, que vos podem fazer desobedecer ao poder que vos governa, e fazer-vos sacudir o jugo saudavel das leys ? A anarchia he o pessimo flagéllo, que Deus pode infligir a um povo ; em quanto ella prevalece, destroe, diminue, consoine, e annihila tudo ; e os melhores saõ commumente os mais sujeitos a ser victimas. A vista naõ pode profundar o todo destas calamidades, e horrores,

nem alcançar as praias deste mar de miserias.—Felizes sois vós Hespanhoes, que não conheceis os horrores de uma guerra civil. Ha muito tempo que a Hespanha está livre desta calamidade. E com tudo a pezar do periodo que tem decorrido, ainda elle se não pode restabelecer dos males, que ella soffreo por isso, nos primeiros annos daquella idade. Oh! que ja não são vivos os que disso fôram testemunhas; a sua experiencia serviria para vos proteger contra esses males. Vos os convidareis, e trareis sobre vós, se não ouvis os nossos fraternaes conselhos. Ah! como podeis vós fazer resistencia á poderosa força, que se ha de trazer contra vós.—Ninguem duvida do valor Hespanhol: nos sabemos, que vós podeis arrostar os perigos; porem sem auxilios, nem disciplina, sem concordia, todas as tentativas seriam em vão. Os mais numerosos ajuntamentos de povo se dissipam, assim que apparece um exercito disciplinado, como as nuvens se desfazem com a mais branda viração.—Não vos lisongeeis, que haveis de ganhar no conflicto. Vos sois desiguaes, se não em valor, ao menos em recursos, vos deveis por fim succumbir, e então tudo está perdido. A prosperidade do Estado depende somente da unanimidade, e rectidão com que cordealmente nos unimos com o novo Governo, e co-operamos com elle nos melhoramentos, que prepara, a beneficio da nossa Patria. Nos temos cahido, he verdade, n'uma desamparada condição, e que outra cousa mais nos trouxe a ésta condição senão o obstinado, insensivel, e injusto Governo, debaixo do qual temos vivido por estes 20 annos. Que temos agora a fazer? Comportar-nos submissamente, e cada um de per si contribuir para a organização do novo Governo, sobre principios immoveis, que póssam conservar-nos a liberdade, os direitos, e a propriedade de cada individuo. Isto he o que requer o invencivel Napoleão, o qual está empregado em providenciar a vossa felicidade, e que merecerá da vossa Patria, e alcançará da posteridade, o cognome de restaura-

dor. Não lhe ponhamos impedimentos no caminho desta regeneração, ou grande bem, que se originará da nossa íntima união com o nosso poderoso aliado.—Taes são os sentimentos, que S. A. o Tenente General do Reyno, a Juncta, o Conselho de Castella—que o Supremo poder da Nação tem trabalhado por imprimir, e estes são os mesmos de que vós desejamos ver penetrados; que voltando á paz, e á ordem vós podeis esperar tudo da poderosa, e benéfica mão de que tudo depende.—Queira o Ceo conceder que esta sincera demonstração, que nos suggere o mais puro patriotismo, produza o saudavel effeito de reprimir os designios dos rebeldes, que trabalham por incitar-vos á desordem, a estabelecer daqui em diante, entre vós, a paz e a confiança!

O Moniteur de 4 de Junho contem o seguinte artigo. “ Madrid, 4 de Mayo. S. A. Imperial o Gram Duque de Berg, bem como a Juncta do Governo, havendo sido informados dos desejos do Imperador dos Francezes, de ver congregada em Bayona, aos 25 do mez que vem, uma Deputação de 150 pessoas do Clero, Nobreza, e Estados-geraes, para o fim de deliberar sobre a interessante situação do Reyno, a Juncta fica encarregada de tomar as medidas necessarias para a execução da vontade de S. M. e de dar as ordens necessarias ás Cidades e Corporações. O clero será representado por dous Arcebispos, seis Bispos nomeados pela Juncta, dezeseis Conegos ou Dignidades nomeados pelos seus Cabidos, vinte Sacerdotes nomeados pelos seus Bispos, e seis Geraes das Ordens. Haverá dez Grandes de Hespanha, que serão o Duque de Frias, o Duque de Medina Celi, o Duque de Hyen, o Conde de Orgaz, o Conde de Fuentes, o Marquez de Sancta Cruz, o Conde de Fernan Nunez, o Duque de Ossuna, o Duque del Parque, o Conde de Sancta Colona: dez titulares, e dez Cavalleiros de Castella, dous deputados de Navarra, &c.

O Conselho Geral Patriótico do Governo do Reyno de Galicia.

Valentes Hespanhoes ! A abdicação deste Reyno pelo nosso Soberano Fernando VII., que nos foi officialmente communicada, he a mais concludente prova da violencia que elle soffre. Elle por isto nos manifesta a sua falta de liberdade, e poder, e o pezar que tem, sendo obrigado pelo despotismo e tyranuia, a separar-se dos seus vassallos: elle implicitamente pede o nosso auxilio. Inténtam substituir em seu lugar um altivo, e perfido conquistador, que medita derramar o vosso sangue, em ordem a saciar o seu appetite sanguinario, e ambição sem limites, assim como tem ja derramado profusamente o sangue da nobre, valerosa, e leal nação Franceza. Elle intenta arrancar-nos por força a mais illustre mocidade Hespanhola, para seguir aquelles, que a confiança não sospeitosa do nosso monarcha ja la mandou, sem outro fim mais do que engrandecer um homem para quem o Mundo todo não parece assas extenso, e que se farta em sangue humano. O premio daquella generosa acção tem sido actos de perfidia, de que não ha exemplo nos annaes das Naçoens civilizadas. São notorios os estratagemas, as fraudes, as traiçoens, que Buonaparte tem empregado, para, na qualidade de intimo amigo, e fiel alliado, introduzir as suas tropas na nossa capital e fazer-se Senhor das fortalezas nas nossas fronteiras, embaraçar a delicadeza do nosso Monarcha, causar disturbios no povo, roubar-nos o nosso Rey, Principes, e infantes, e guiar com uma mão de ferro a resolução do nosso governo, o qual sem liberdade, dá ordens que elle mesmo abhorrece, tyrannizado como está por um Regente estrangeiro, e usurpador. Este escandaloso comportamento, e o que obrou a respeito da Raynha de Etruria, e dos nossos visinhos os Portuguezes, nos mostra, que fidelidade, e fé podemos esperar das altisonantes promessas, com que elle se propoem

capear os seus malignos designios, tratando-nos como um povo ao mesmo tempo estúpido e covarde.—Curvará pois, ésta nação valente e generosa, a cervís, debaixo do jugo da perfídia? Soffrerá ella ser insultada por injurias as mais pérfidas, immoraes, e vergonhosas, commettidas á face de todo Mundo, e submetter-se-ha á mais humilhante escravidão, que se lhe prepára? Naõ. Nobres Galegos, taes naõ são os dictames de vossos nobres espiritos. Abundando com o mais virtuoso ardor, e mais nobre enthusiasmo, tendes sempre exprinido os vossos sentimentos, dignos do louvor, e da imitação de todos os Hespanhoes. Vos que-reis antes morrer, do que ver a vossa independencia pizada aos pes, a vossa Religiaõ destruida, o vosso Rey em captiveiro, e o vosso paiz ameaçado com um jugo igualmente pezado que injusto. Apressai os generosos sentimentos de vossos nobres espiritos—Correi ás armas, naõ como aquelle monstro, para fartar uma ambição desordenada; naõ como elle para violar os direitos da humanidade, e o direito das gentes; naõ para nos fazer-mos odiosos ao genero humano; naõ para offender uma nação generosa, e amiga, governada por um monstro, que ja he insuportavel, sobre a terra; Correi ás armas, para assistir aos vossos compatriotas; para salvar o vosso Rey do captiveiro; para restituir ao nosso Governo a liberdade, energia, e vigor; para conservar as nossas vidas, e as de nossos filhos; para manter o illimitado direito de dispor da nossa propriedade, para assegurar a independencia da terra em que nascemos, e sobre tudo, para defender a nossa sagrada Religiaõ. Empre-gai as armas, que ella vos offerece, armai os vossos espiritos com o temor de Deus; implorai o soccorro da immaculada Conceição, e do Glorioso Apostolo St. Thiago, nosso Patrono; e confiados no bom successo de taõ gloriosa causa arremessai-vos a lançar mão da victoria, que se vos prepara, pela sua sua intercessão, e pela justiça de vossa causa.—E vós corporações e individuos particulares, que pela

vossa situação e character se vos não permite pegar em armas, assisti os vossos irmãos com as vossas propriedades e fortunas. Importa-vos isto mais do que a nenhuns outros. Sacrificái espontaneamente parte da vossa propriedade, para que não sejaes privado do todo por violencia. Não demoreis por um momento este sacrificio, se desejaes que pela prompta execução de um bem combinado plano, se obste á furia de um inimigo, que está em todos os tempos acostumado a obrar com a rapidez de relampago. Despí-vos de todas as vistas particulares, e não hesiteis; aliás vos mesmos, vossas mulheres, vossas filhas, e vossas familias, viraõ a ser as victimas da mais implacavel vingança.

Corunha 4 de Junho, de 1808.

D. MANUEL ACHA.

Proclamação do Conselho geral do Principado das Asturias.

Leaes Asturianos! Amados Compatriotas. Os vossos primeiros desejos estão ja satisfeitos. O Principado, desempenhando aquelles deveres, que são mais sagrados para com os homens, declarou formalmente guerra á França. Vos podereis talvez temer esta vigorosa resolução; mas que outra medida se podia ou devia adoptar? Achar-se-ha entre nos um só homem que seja, que prefira a vil, e ignominiosa vida de escravo, á gloria de morrer no campo da honra, com as armas na mão, defendendo o nosso desgraçado monarcha, as nossas casas, as nossas mulheres, os nossos filhas? Se ao momento em que estes bandos de malfeitores éram recebidos com o mais terno afago, e favores, pelos abitantes da nossa capital, elles assassináram a sangue frio acima de duas mil pessoas, sem outro motivo senão aquelle de haverem defendido seus irmãos insultados, que podemos nos esperar delles, se nos submettessemos ao seu dominio? O seu perfido comportamento a respeito do

nosso Rey, e de toda a sua familia, a quem elles leváram enganados para a França, debaixo da promessa de um amnistio eterno, em ordem a lançar-lhes os ferros a todos; isto mãõ tem precedente na Historia. O seu comportamento a respeito de toda a Naçaõ, he mais iniquo do que se podia esperar de um rebanho de Hotentots. Elles profanáram os nossos Templos; elles insultáram a nossa Religiãõ; elles tem accomettido as nossas mulheres; em fim tem quebrado todas as suas promessas. Naõ ha direito, que naõ ténham violado. A's armas Asturianos; ás armas! Naõ nos esqueçamos de que os Asturianos no tempo de outra invasaõ, que indubitavelmente éra menos injusta, restabelecêram a monarchia. Aspiremos á mesma glória na presente occasiaõ. Lembremo-nos, que nenhuma naçaõ estrangeira pôde jamais senhorear-nos; por mais que nisto se empenhassem. Offereçamos as nossas oraçoens ao Deus dos exercitos. Imploremos a intercessaõ de N. S. das Batalhas, cuja imagem se venera no mais antigo templo de Covadonga; e seguros de que ella naõ pôde desemparrar-nos em taõ justa causa, corramos ao nosso detestavel inimigo, e annihilemos, e lancemos fóra da nossa Peninsula um povo taõ baixo, e traidor. Este petitorio he dirigido a vós, em nome dos vossos Representantes pelo Procurador geral do Principado.

ALVARO FLORES ESTRADA

[*Continuar-se-ha.*]

França.

Tractado apresentado officialmente ao Senado Francez, em 6 de Setembro, de 1808; como feito e ajustado entre Napoleaõ e Carlos IV.

“NAPOLEAÕ, &c. e Carlos IV. Rey das Hespanhas, e das Indias, animados igualmente do desejo de pôr um ter-

mo prompto á anarquia, a que se acha entregue a Hespanha, de salvar aquella digna Nação das agitações dos facciosos; querendo livrálla de todos os males da guerra civil, e estrangeira, e collocálla na unica posição, que nas circumstancias extraordinarias, em que se acha, pôde manter sua integridade, e assegurar-lhe suas colonias; e ainda polla em estado de ajunctar suas forças, e recursos aos de França para a segurança da paz maritima: resolvêram reunir todos os seus esforços, e regular tão importante assumpto em um Tractado particular. Para este effeito nomeáram, a saber: S. M. o Imperador dos Francezes, Rey d' Italia, Proteetor da Confederação do Rheno, o General de Divisaõ Duroc, Aposentador Mór do Palacio; e S. M. o Rey das Hespanhas, e das Indias a S. A. S. D. Manoel Godoy, Principe da Paz, Conde de Evora-Monte: Os quaes, depois de haverem trocado seus plenos poderes, convieram nos artigos seguintes.

Art. 1. Não havendo S. M. El Rey Carlos aspirado em toda a sua vida senão á felicidade de seus Vassallos, firme no principio, de que todas as acçoens de um Soberano não devem ter outro objecto; não podendo as actuaes circumstancias produzir senão um manancial de dissensões, tanto mais funestas, quanto as facçoens chegaram a introduzir a discordia até em sua Familia mesma: Tem resolvido ceder: como cede, pelo presente Tractado, a S. M. o Imperador Napoleaõ, todos seus direitos ao Throno das Hespanhas, e das Indias, como a unica pessoa, que no estado, a que tem chegado as cousas, pôde restaurar a boa ordem; na intelligencia de que a dita cessaõ se dirige somente a fazer gozar seus Vassallos das duas condiçoens seguintes.

2. 1. A integridade do Reyno será conservada: o Principe, que S. M. o Imperador Napoleaõ tiver por conveniente collocar no Throno d' Hespanha, será independente, e os limites da Hespanha não soffreraõ alteraçãõ

alguma. 2. A Religiaõ Catholica, Apostolica, Romana será a unica em Hespanha; e naõ poderá tolerar-se outra alguma Religiaõ reformada, e muito menos algum infiel, segundo se pratica actualmente.

3. Todos os actos executados contra nossos Vassallos fieis, desde a revolucaõ de Aranjuez, saõ nullos, e de nenhum vigor, e se lhes restituiraõ seus bens.

4. Havendo segurado El Rey Carlos desta maneira a prosperidade, integridade, e independencia de seus Vassallos, S. M. o Imperador se obriga a dar azylo em seus Estados a El Rey Carlos, á Raynha, á sua Familia, ao Principe de Paz, da mesma sorte, que aos criados que queirãõ seguillos, os quaes gozaraõ em França de um lugar equivalente ao que gozavam em Hespanha.

5. El Rey Carlos possuirá durante sua vida o Palacio Imperial de Compeigne, e seus jardins, e bosques.

6. S. M. o Imperador dá, e segura a S. M. El Rey Carlos 30 milhoens de reales, que S. M. o Imperador Napoleaõ lhe fará pagar directamente, por mezes, do Thesouro da Corôa. Depois do fallecimento d' El Rey Carlos, conservará a Raynha no estado de viuvez 2 milhoens por anno.

7. S. M. o Imperador Napoleaõ se obriga a conceder a todos os Infantes de Hespanha uma renda annual de 400 mil francos, para que a desfructem perpetuamente elles, e seus descendentes; ficando livre a reversaõ de uma linha á outra em caso de extinguir-se alguma dellas, segundo o theor das leys civis. Acontecendo extinguirem-se todas as linhas, as dictas rendas reverteraõ á Coroa de França.

8. S. M. o Imperador Napoleaõ se ajustará como lhe convenha, e lhe pareça, com o futuro Rey d' Hespanha para o pagamento da dotaçaõ, e rendas comprehendidas nos artigos precedentes; porém S. M. El Rey Carlos naõ terá que entender-se para este objecto, senaõ com o Thesoureiro de França.

9. S. M. o Imperador Napoleaõ dá em troca a S. M. El Rey Carlos o Palacio de Chambord com seus jardins, bosques, e mais pertenças, para que o defructe em toda a propriedade, e disponha delle a seu arbitrio.

10. Em consequencia S. M. El Rey Carlos renuncia a favor de S. M. o Imperador Napoleaõ todos os bens allodiaes, e particulares naõ pertencentes á Corõa, que possue em propriedade. Os Infantes de Hespanha continuaraõ a desfructar as rendas dos encargos, que obtem em Hespanha.

11. O presente Tractado será ratificado, e as ratificaçoens trocadas em o termo de 8 dias, ou antes, se for possível.

Feito em Bayona a 6 de Mayo de 1808.—Duroc—o Principe da Paz.

Paris, 20 de Novembro. O Presidente do Corpo Legislativo leo a seguinte carta do Imperador, datada de Burgos 12 de Novembro.

PRESIDENTE DO CORPO LEGISLATIVO. Havendo as minhas tropas tomado, na batalha de Burgos, 12 bandeiras do exercito da Estramadura, de que as guardas Wallonas e Hespanholas formavam parte, quiz aproveitar-me desta circumstancia, para dar uma prova da minha estimaçaõ aos Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo, mandando-lhes as bandeiras conquistadas dentro em 15 dias depois de aberta a Sessaõ. Estimarei que os Deputados dos Departamentos, e os Collegios Eleitoraes, a quem ellas pertencem, descubram, neste procedimento, o desejo que tenho de lhes dar uma prova da minha estimaçaõ.

Naõ tendo esta carta outro objecto, rogo a Deus vos tenha em sua Saucta Guarda.

NAPOLEAÕ.

Paris, 20 de Novembro. O seguinte foi inserido nas ordens do dia em Perpignan, aos 8 do corrente.—S. Ex.

o Coronel General Conde do Imperio, e Commandante em Chefe do 7 corpo, informa o exercito, que o Gen. de Divisaõ Duhesme lhe deo parte, de haver ultimamente derrotado e disperso o inimigo, com perca de 1.200 homens mortos e feridos, tomando seis peças de artilheria.—O Gen. de Divisaõ Duhesme louva muito os officiaes Gen. de todos os Corpos, que entráram em acçaõ. Entre os que se distinguiram particularmente, faz mençaõ do Regimento 99, e dos Voluntarios Reaes Italiános. O ultimo corpo executou as suas evoluçoens na presença do inimigo, tanto a sangue frio como se estivesse na parada.

Quartel Gen. 1 de Novembro.

REY.

O Prefeito de Tolosa mandou ordens aos seus Sub-prefeitos, e Maioraes, para que ajunctassem quantos padeiros e carneiros se pudessem achar, e que os mandassem para o exercito. Devem estes ser formados em Brigadas; e receberaõ a devida paga por seus serviços.

Hollanda.

Amsterdam, 22 de Novembro. A Sessaõ do Corpo Legislativo foi aberta sexta-feira passada, com as solemidades do costume: e estando S. M. sentado no throno, Mr. Rengeis, Presidente interino, se dirigio a S. M. nos seguintes termos.

SENHOR! Admittidos por V. M. a esta audencia solemne, nos, vossos fieis vassallos, que constituimos o corpo Legislativo, viemos a desempenhar uma das mais agradaveis de nossas obrigaçoens; que he, renovar a V. M. a homenagem de nosso profundo respeito, affecto, e inviolavel devoçaõ. Nos esperavamos que a calamitosa guerra, que tanto tem durado, se haveria concluido, ao tempo em que tinhamos de fazer a nossa Sessaõ annual; mas os nossos desejos ainda se naõ satisfizêram, e inumeraveis sacrificios, que o bem do Estado exige, augmentados pela total estagnaçaõ do Commercio, continuam a opprimir com

todo o seu pezo, todas as classes da sociedade. O coração de V. M., nós o sabemos, soffre mais com ésta consideração do que nos mésmos. Nos recebemos incessantes provas da affeição, que V. M. tem ao seu povo, e dos incançaveis esforços, que faz, para suavizar ao menos as feridas do Estado, quando não possa de todo curallas. Consequentemente approximamonos outra vez ao throno de V. M. cheios de confiança no vosso paternal cuidado, a fim de que, de acordo com o nosso Rey, animados com o mesmo espirito, e movidos pelos mesmos sentimentos, possamos alliviar os encargos do Estado, e cooperar para a sua felicidade e prospeidade, que são os constantes objectos de todos os pensamentos, e medidas de V. M.; assim como o são da ardente, e perpetua gratidão do povo de V. M., e mais specialmente do corpo Legislativo, que pode melhor apreciar os vossos cuidados, e anxiedade paternal, pelos seus trabalhos e repetidas provas de confiança e estima de V. M. que os chama para juncto do sua Pessoa neste interessante periodo do anno, quando se devem discutir os mais importantes negocios do Estado, com a precizaõ, e franqueza dignas do character de V. M. e do seu valoroso e fiel povo.

(El Rey respondeo a esta falla, em um longo discurso, em que se extendeo sobre os progressos que se tem feito na execuçaõ de varias medidas, que se adoptáram para promover a prosperidade interna do Reyno. Elle lamenta que os acontecimentos do anno passado, e a necessidade de preencher os seus ajustes com a França, fizessem necessario um estabelicimento militar de 50.000 homens, que occasionou um consideravel augmento nas despezas publicas, alem do que avaluou em Julho, de 1806. Justifica porém este procedimento mostrando, que era indispensavel para o restabelicimento do paz do Continente, e que, nas circumstancias presentes, “ não éra dificultoso a escolha, ou, para melhor dizer, que não havia escolha.”

Elle se demorou nas vantagens, que, no caso de uma paz marítima, deviam resultar a Hollanda do novo Departamento que ella tinha adquirido. Elle admite que ha um *deficit* de 70 milhoens, no producto dos tributos dos dous annos passados, comparados com a despeza. Para diminuir esta falta olha para a operaçãõ de um fundo de amortizaçãõ ; a adopçãõ de um arrajamento definitivo de receita e despeza, no 1 de Janeiro, de 1812, sobre um systema economico, quer entãõ se conclua a paz quer naõ, e um pequeno imprestimo, que deve ser o ultimo, até que o fundo de amortizaçãõ principie a operar. Sobre este ponto diz mais.” Nos temos um anno inteiro para preparar este arranramento de receita e despeza, no anno de 1810. Nos descansamos na amizade da França, e de nosso irmaõ o Imperador, que nos porá em estado de persistirmos no plano de ordem e economia, que com a Bençaõ de Deus, havendo a paz, e restabelecendo-se o commercio, completamente tornaremos a possuir a nossa prosperidade. O nosso systema politico naõ pode ser outro senaõ o da França. He do seu interesse favorecer, e proteger, de todos os modos possiveis, ate com alguns sacrificios, a independencia, a prosperidade, e o commercio de um Estado Continental, que pela sua situaçãõ e governo está para sempre unido com aquelle Imperio, e que, em proporçãõ que se faz mais feliz, e prospero, lhe pode tambem ser mais util.” Depois entra em uma exposiçãõ circunstanciada dos arranramentos de Finanças, que propoem ; e conclue fallando outravez das esperanças que deve ter o seu povo do prompto restabelicimento de uma paz geral, e das bençaõs que a deve acompanhar. Segura-os que em quanto viver, as suas leis nacionaes, os seus costumes, e as suas manciaras, seraõ cuidadosamente respeitados, e mantidos, e que sejaõ quaes fõrem as difficuldades, que se originarem, nunca consentira nem em uma bancarotã nacional, nem em uma conscripçãõ.

Na mesma Sessão, o Ministro do Interior apresentou uma conta circumstanciada do estado da nação, que coincidia em muitas passagens com a substancia da falla d' El Rey.)

Napoles.

Outubro 8. S. M. publicou um Decreto com os seguintes regulamentos.

1. O Conselheiro de Estado Joaõ Paolo, he encarregado de visitar, o mais depressa que for possível, todas as prisões da Capital, examinar os registros das pessoas nellas detidas, informar-se dos motivos, e tempo de sua prisão, das authoridades de quem dependem, e de suas respectivas necessidades. Em consequencia, he authorizado a obter toda a informação, que possa ser necessaria.

2. Esta informação, será acompanhada por notas e observações particulares, e será apresentada, pelo dicto Conselheiro de Estado, aos nossos Ministros de Justiça e De Policia Geral, cada um dos quaes nos fará o seu relatório particular sobre ésta materia, em ordem a podermos adoptar as medidas, que julgarmos convenientes.

Napoles, 21 de Outubro. No dia seguinte ao da tomada da Ilha de Capri se publicou o seguinte Decreto.

“ Nos Joaquim Napoleaõ, &c. ordenamos o seguinte: 1. Todos os nossos vassallos, que fõram banidos do nosso Reyno, por causa da segurança publica, tem liberdade de voltar para aqui, excepto somente aquelles, que fõram condemnados pelos Tribunaes.—2. O sequestro da propriedade daquelles, que seguïram a Corte para Palermo, fica levantado.—3. Todos os direitos, impostos aos pescadores, devem cessar, e a pescaria, será para o futuro inteiramente livre.

Suecia.

Stockholmo, 11 de Novembro. S. M. recebeu aviso do General em Chefe do exercito de Filandia, que incluiaõ a relação do Coronel Sanders, sobre a acção de Idensalmi: he o seguinte.

Havendo-se concluido o armisticio, que existia entre os exercitos Russo e Sueco, chegou um Official Russo com um recado da parte do Gen. Tutschekoff, para annunciar, que se hiam immediatamente renovar as hostilidades.— Logo depois se me deo parte que os meus postos avançados haviam sido atacados pelos Russos, e forçados, pela immensa superioridade do inimigo, a retirar-se á ponte de Werda, que se destruiu, logo que as tropas a passaram. O inimigo commçou logo uma canhonada forte, attirando das alturas visinhas ; e a ella respondéram as nossas tropas vigorosamente : e o Principe Dolgorucki, que commandava a Vanguarda Russa, foi ferido mortalmente no principio da acção, e expirou pouco depois. Ao mesmo tempo os caçadores do inimigo, e a sua infantaria, passaram a ponte, que tinham feito, formaram a sua linha, e avançaram sobre as nossas tropas, a pezar do fogo das nossas baterias, que elles intentaram tomar; nisto fôram repulsados pelas nossas tropas com a maior intrepidez, e perseguidos até a ponte de Werda. Nesta acção foi a perca do inimigo de 360 homens mortos e feridos, e de 70 officiaes, entre os quaes ha dous officiaes superiores.—Pela informação dos prisioneiros se acha, que as forças do inimigo, nesta acção, que durou seis horas, chegavam a 6.000 homens, Commandados pelo Tn. Gen. Tutchkoff, o qual tinha debaixo de suas ordens os Gen. Rachmanoff, Principe Dolgorucki, Alexioff.—No fim da acção propos o Gen. Russo uma suspensaõ d' armas, por 14 horas, para enterrar os mortos, o que eu lhe concedi de tanto melhor vontade; porque a nossa perca não deixou de ser consideravel ; chegando a 30 mortos, e 250 feridos.

Quartel General de Idensalmi, 28 de Outubro, de 1808.



*Inglaterra.**Carta official.*

*Secretaria dos Negocios Estrangeiros,
15 de Dezembro, de 1808.*

My Lord. Tenho a honra de remetter inclusa a V. S. a copia da Declaraçãõ, que S. Magestade mandou publicar hoje, annunciando o haver-se terminado a communicaçãõ, que teve lugar entre S. M. e os Governos da Russia e França, em consequencia das proposicoens de Erfurt. Tenho a honra de ser

My Lord,

De V. S.

O mais humilde Criado,

GEORGE CANNING.

DECLARAÇÃO.

As proposiçoens, que se fizéram a S. M. pelos Governos da Russia e França não produziram negociaçãõ: e estando concluidas as communicaçõens, a que estas proposiçoens déram lugar, achou S. M. que éra justo dar a saber esta terminaçãõ, prompta, e publicamente.

As continuadas apparencias de uma negociaçãõ, quando se achou que era absolutamente impossivel obter paz, só podfãam ser vantajozas ao inimigo. Podia isto dar lugar a que a França espalhasse as suspeitas e a desconfiança, nos Conselhos daquelles, que se tem combinado para resistir á sua oppressãõ: e se entre as naçoens, que gemem debaixo da tyrannia da alliança Franceza, ou entre aquelles que mantem contra a França uma duvidosa, e precaria independencia, houver alguns, que ainda mesmo agora estejam hesitando entre uma ruina certa, ou uma inactividade prolongada, e os perigos contingentes de um esforço para se salvãrem da ruina: a Naçoens situadas nestas circumstancias, o illusivo prospecto de uma paz, entre a Gran Bretanha e França, não podia deixar de ser peculiarmente injurioso. Poderfãam afrouxar, nos seus preparativos, com

as vaás esperanças de tornar a haver tranquillidade ; ou a sua determinação ser abalada pela apprehensão de ficarem sós no combate.

S. M. tinha uma forte persuasão de que tal era, na realidade, o objecto principal da França, nas proposições, que de Erfurth transmittio a S. M. Porem ao momento, em que da decisão da paz ou da guerra dependiam resultados tão respeitaveis por sua importancia, e tão tremendos por sua incerteza, julgou El Rey que éra do seu dever averiguar ao certo, alem da possibilidade de duvida, as vistas e intenções de seus inimigos.

Fazia-se difficil a S. M. o crer, que o Imperador da Russia se havia tão cega e fatalmente entregue á violencia, e ambição da Potencia, com quem S. M. Imperial infelizmente se havia alliado, que estivesse preparado para apoiar abertamente a usurpação da Monarchia Hespanhola; e para reconhecer e manter o direito, que assumio a França, de depôr e aprisionar Soberanos amigos, e de transferir para si forçosamente a fidelidade de nações independentes.—Por tanto, quando se propos a S. M. o entrar em negociação para uma paz geral, de concerto com os alliados de S. M. e tractar, ou sobre a base do *Uti-possidetis* (ate aqui objecto de tanta controversia) ou sobre outra qualquer base, consistente com a justiça, honra, e igualdade. S. M. determinou tractar ésta apparente equidade e moderação, com real e sincera equidade e moderação, da parte de S. M.

El Rey declarou a sua promptidão em entrar em taes negociações, concorrendo os seus alliados ; e empredeo immediatamente communicar-lhes éstas proposições, que S. M. havia recebido. Mas como S. M. não estava ligado á Hespanha por tractado formal de alliança, S. M. julgou que éra necessario declarar, que havendo-se empenhado, á face do Mundo, com aquella nação, S. M. consideráva esta ligação como não menos sagrada, e não menos obri-

gatoria, da parte de S. M. do que os mais solemnes tractados; e exprimir a justa confiança de S. M. de que o Governo de Hespanha, obrando em nome de S. M. Catholica Fernando VII. se devia entender que era comparte da negociação. A replica, que a França fez a ésta proposição de S. M., lançou fóra repentinamente o leve disfarce, que se havia tomado para um fim momentaneo, e patentea, com menos do que ordinaria reserva, a arrogancia, e a injustiça daquelle Governo. O total da nação Hespanhola se descreve com o humilhante nome de “ Insurgentes Hespanhoes” e a proposição para se admittir o Governo de Hespanha como comparte de qualquer negociação, que se fizesse, he rejectada como inadmissivel, e insultante.— Com admiração, e com pezar, recebeo S. M. do Imperador da Russia uma replica, semelhánte no sentido, posto que menos indecorosa no tom e maneira. O Imperador da Russia tambem estigmatiza de “ insurreição,” os gloriosos esforços do povo Hespanhol a bem de sua Patria, dando assim a sancção da authoridade de S. M. a uma usurpação, que não tem parallelo na historia do Mundo.

El Rey abraçaria, de boa vontade a occasião de alguma negociação, que lhe apresentasse algumas esperanças, ou prospecto de paz, compativel com a justiça, e com a honra. S. M. lamenta amargamente um exito, pelo qual os males, que a Europa soffre, se agrávam e prolôngam. Porém nem a honra de S. M. nem a generosidade da nação Britannica admittiriam que S. M. consentisse em começar uma negociação, abandonando um povo valoroso e leal, que tem pelejado pela conservação de tudo quanto he estimavel, e precioso aos homens; e cujos esforços, em uma causa tão inquestionavelmente justa, S. M. tem promettido sustentar.

Westminster, 15 de Dezembro, de 1808.

America.

Mexico. Representação da nobilissima Cidade de Vera Cruz, a S. Ex. o Vice Rey.

EXCELLENTISSIMO SENHOR. Esta corporação e todos os habitantes desta Cidade tem estado, desde que chegou o *Ventura*, na mais indizível afflicção.—Elles viram, na gazeta No. 59, desta Capital, publicada hontem, copias das tres gazetas de Madrid de 13, 17, e 20 de Maio, inseridas por ordem de V. Ex. para informação de todo este Reyno; e a sua consternação chegou ao ultimo ponto.—Das formalidades, que se obsérvam no protesto, e ratificação, attribuidos a S. M. D. Carlos IV. e na carta do Imperador dos Francezes, que se diz ser dirigida ao Snr. D. Fernando VII. do terrivel contheudo de todos estes instrumentos, e da serie dos acontecimentos, que ao depois succederam, não pode haver duvida, que as renunciias de nossos desgraçados Principes, ainda quando fossem voluntarias, serfiam invalidas, havendo sido extorquidas por extrema violencia, e dictadas pela imperiosa força da necessidade.—A nossa Metropole, occupada por 160.000 homens (que recebeo como alliados, e tractou como amigos, em paga desta generosa hospitalidade, se apoderáram das fortalezas, d' onde offerecêram a alternativa de escravidão ou morte) actualmente sorprendida, desprovida, indefeza, não pode, ao menos neste momento, manifestar geralmente a sua resolução, punir os ultrages que tem soffrido, e combater a oppressão debaixo de que existe.—Nos concebemos que a Nova Hespanha, feliz, leal, valorosa, opulenta, e a inveja do Mundo, está na indispensavel obrigação de conservar para o seu natural Soberano ou seus legitimos successores; a nossa Religião, as nossas leys, os nossos costumes, que formam a preciosa herança de seus augustos predecessores.—Vera Cruz, o primeiro estabelecimento neste Continente, que lhes deo o juramento de fidelidade: leal, obediente. e singularmente affeiçoada aos seus Mo-

narchas ; está devidamente persuadida da inalteravel fidelidade de V. Ex. e de todos os tribunaes do Reyno : e os seus habitantes estaõ promptos para sacrificar as suas vidas e propriedade, em defeza, e apoio da mais digna e importante empreza, que jamais se apresentou aos caracteristicamente fieis coraçoes dos Hespanhoes.—Consequentemente havemos hoje assegurado ao Governador Militar D. Pedro Alonzo, tanto em nosso nome, como em nome de todos os habitantes, que elle pode confidamente descansar nos nossos esforços, em tanto quanto elles se julgarem uecessarios para o dicto fim ; e entretanto conservamos a esperanza de que a maõ do todo Poderoso, o especial protector dos Reys Catholicos, abençoará os esforços de nosso patriotismo, e livrará o innocentissimo Fernando das prisocns da escravidão, por um daquelles meios, que a limitada concepção humana deve adorar, mas he incapaz de comprehender ; e que elle será restabelecido ao seu Augusto throno, ou que elle o restabelecerá neste importante azylo de suas desgraças.—Nós sentimos a maior satisfação em pensar, que V. Ex., animado por iguaes sentimentos, e desejos, fará todos os esforços, que convem á sua exaltada dignidade e obrigaçoens ; e fazendo-o assim, immortalizará o seu nome no templo da fidelidade.—Esta linha de conducta he, na nossa opiniaõ, naõ somente prescripta pelos internos sentimentos de nossa ardente lealdade ; mas tambem pelo interesse da nossa captiva patria ; visto que, se ella se livrasse do jugo, que a opprime, seria desapossada desta preciosa colonia, se no entanto nos rendessemos ao Governo do Usurpador ; e esse rendimento podia talvez fazer abortar todos os esforços que fizesse para se libertar.—Politica, patriotismo, character, indignação, tudo nos chama á resistencia, e a uma defesa heroica : e a posteridade, impellida por uma cordeal gratidão, consagrará os mais esplendidos monumentos á memoria de V. Ex., e a todos os felizes, e leaes habitantes da Nova Hespanha, cujos

sentimentos nos lisongeamos, com a mais justa confiança, saõ igualmente unanimes aos de V. Ex. que poderá convencer-se delles se for servido ajunctar, e consultar os seus Representantes.—Os desta fidelissima Cidade, se lisongeam de que V. Ex. recebera, com approvaçaõ ésta pequena prova do seu ardente zelo. e que se servirá communicar-lhes taes instrucçoens, e ordens, que possam assegurar o alcance de seus fins, e admittillos a participar da maior parte possivel, na glória de attrahir a admiraçaõ do Universo á extensaõ de lealdade dos successores do immortal Cortez ; e a affeizaõ dos Americanos aos seus Soberanos ; affeizaõ que he tanto mais ardente por estãrem cercados de desgraças, e separados dos seus vassallos e dominios.—Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Casa da Cidade, em Vera Cruz, 22 de Julho, de 1808.

(*Assignados*) Pedro Telmo Landero, Josef Marino de Almansa. Angelo Gonzales. Joaõ Manuel Muños. Joaõ Baptista Lobo. Martin Maria de Cos. Matheus Lourenzo Murphy. Francisco Antonio de la Sierra. Alberto Herreto. Francisco de Arrillaga. Joaõ Josef de Irreta. Pedro Garcia del Valle, Joseph Xavier de Olazabal. Salvador Garrau. Miguel Cabaleri.

A. S. Ex. o Snr. VICE REY. D. Josef de ITURRIGARAY.

—◆—

Proclamaçaõ do Vice Rey da Nova Hespanha.

HABITANTES DO MEXICO ! A Juncta Geral, congregada aos 9 do corrente determinou, que se satisfizessem os vossos desejos, informando-vos do resultado de suas deliberaçoens. Isto he o que eu vou agora a fazer, e a isto tendes vós direito ; porque os leaes sentimentos, que mostrasteis a respeito d'El Rey, e da Metropole, fõram generosos, e energicos.—Penetrada dos mesmos sentimentos, e impellida pelos mais ardentes, e nobres transportes, ésta respeitavel assemblea, a que presido, pronunciou com acclamaçoens

o nome do novo Monarcha da Hespanha o Senhor D. Fernando VII. Elles continuáram a repetir estas acclamações, no acto solemne de prestar o juramento a sua Magestade, a quem elles immediatamente juráram fidelidade, proclamando-o Rey da Hespanha e das Indias. Juráram reconhecêllo somente a elle por Soberano, e por sua morte, os seus legitimos successores da Real familia de Bourbon. Pela mesma solemne promessa se obrigáram a não dar obediencia a ordem alguma, que proceda da nação, que oppressivamente os detem em captiveiro; seja qual for o canal por que ella seja dirigida; e de resistir a todas as tentativas de lhe dar execução por força, ou tractados, ou ligás, que para este fim se formárem, até que estejam completamente satisfeitos os vossos desejos.—Habitantes destes dominios, a vossa segurança he certa. Descançai no seio da vossa Patria. He do meu dever vigiar na vossa seguridade. A preciosa obrigação de vossa defenza, que me foi confiada pela mão do mesmo Monarcha, será desempenhada o melhor que o permittirem a minha habilidade, e energia. Posto que não me sejam desconhecidas a destruição e carnagem, que acompanham as operações militares, eu invocarei constantemente o Deus dos exercitos, para que arme o meu coração com aquelle valor, que somente se obtem do seu poder, para a defeza dos seus altares, justiça, e innocencia. Os armazens de Marte não contem mais poderosas armas.—Aceitam-se as vossas offertas, e todos os Membros da Junta Geral tem promettido realizallas. Considera-se isto como uma obrigação social, e sagrada, aque só se deve recorrer em caso de necessidade.—Entretanto a tranquillidade do Reyno está segura, as authoridades constituidas são legitimas, e continúam sem nenhuma mudança no exercicio dos deveres, que lhes prescrevem as leys do paiz, e os seus respectivos officios, e dignidades.—Quanto aos negocios externos do Reino, ja vos tenho assegurado que

á força se opporá força ; e nesse caso terá o vosso valor occasiaõ de obrar : o nobre impulso que o anima, se estiver debaixo dos devidos regulamentos fara tudo ; porque a virtude militar não pode existir entre operaçoens desorganizadas.—A capital destes Reynos, recebendo a primeira noticia das calamidades da Hespanha, e quando o risco éra maior, se voltou para mim, e encarecidamente me rogou, que tomasse eu tudo debaixo da minha djsposiçaõ, em ordem a conservar e defender estes dominios, para o seu Soberano.— Os papeis publicos ja tem feito saber os sentimentos e subscripçoens das Municipalidades, Corporaçõens, Prelados, Nobreza, e Communeiros, e vos estais convencidos, não duvido, de que todos se acham animados por iguaes sentimentos.—Concentrados em nos mesmos, não temos nada que esperar de nenhum outro poder senão do nosso Catholico Monarcha, o Senhor D. Fernando VII. e quaesquer Junctas Supremas, que se póssam estabelecer para os Reynos, em qualquer dos Hemispherios, não devem ser obedecidas ; a menos que não tenham sido instituidas, creadas, ou formadas, por S. M. ou seus Representantes, legal, e authenticamente nomeados. Mas a éstas, assim constituidas, prestaremos a obediencia devida aos mandados de nosso Rey e natural soberano, na forma e maneira respectivamente estabelecida pelas leys, ordenanças Reaes, e cedulas.—A serie e character dos acontecimentos futuros, que podem resultar dos heroicos esforços da naçaõ Hespanhola ; ou as tentativas e maquinaçoens do inimigo, indubitavelmente exigirão ulteriores deliberaçoens, e precauçoens, que se projectaraõ, com a maior prudencia e decoro. Em virtude da minha authoridade de Vice Rey, eu vos informo destas circumstancias ; porque amo um povo taõ fiel e leal, e tenho sempre julgado, como haveraõ entendido, que elles éram dignos, e tinham direito a que se lhes participasse toda a informaçãõ que de sua natureza não requeresse ser tida em segredo. Dada no Palacio Real de Mexico, aos 11 de Agosto, de 1808.

Roma.

Collecção de Documentos officiaes, relativos á occupaçãõ de Roma pelos Francezes, (continuada de p. 509.)

Declaraçãõ de S. S.

O Sancto Padre tem visto com infinita dor, que a força das razoens, que elle ja tem produzido, não impediram, que S. M. Imperial e Real puzesse em execuçãõ os seus ameaços. Vio tambem, com os mesmos sentimentos, que o poderoso Monarcha, em cujas mãos elle collocou o sceptro, e a vara da justiça, aos pes do Altar, tem commettido, em retribuiçãõ disto, um novo acto de esbulho, no resto de suas possessoens.—Mas qual he a admiraçãõ de S. S. vendo um Decreto, datado um dia antes da Nota de Mr. Champagny; demaneira que, antes daquelle Ministro haver renovado a sua proposiçãõ, e recebido uma resposta, ja estáva determinada a sorte das provincias usurpadas.—A admiraçãõ do Sancto Padre se augmentou ainda mais, vendo que a causa, que se dava para esta espoliaçãõ, era, *a sua constante negativa de fazer guerra aos Inglezes, e ligar-se com os Reys da Italia e Naples.* Com tudo S. S. nunca cessou de representar, que o seu sagrado character, de ministro da Paz, (o Deus cujo lugar occupa na terra, sendo o Deus da Paz;) que a sua qualidade como cabeça da Religiãõ, Pastor universal, e Pay commum de tod o so fieis; que as sagradas leys da justiça, as quaes elle como representante de um Deus, que he a fonte de toda a justiça, devia guardar, e proteger, lhe não permittiaõ entrar em um systema de guerra permanente; e ainda menos declaralla, sem ter nenhum motivo, contra o Governo Britanico, de quem ja mais recebêra nem a mais leve offença. Com tudo o S. Padre observava a S. M., que reflectisse, que não tendo, nem sendo capaz de ter inimigos, porque era Vigario de Christo, que veio a este Mundo não a fomentar, mas a destruir inimizades, elle não podia empenhar-se, nem empenhar os seus successores, para sem-

pre, como o Imperador queria, em fazer a guerra na causa de outros.

Com tudo S. S. havia concebido a opiniaõ dos incalculaveis males, que resultariãam á Religiaõ, se elle entrasse em um systema de liga perpetua, e que elle naõ podia, sem violar a sua honra, sem incorrer no o dio universal, sem ser traidor aos seus deveres, e á sua consciencia, expor-se a ser, em consequencia do proposto tractado, inimigo de Soberano algum, mesmo Catholico; e constituir-se na obrigaçaõ de lhe fazer guerra : mas todas éstas representaçoens, e todos estes argumentos, tantas vezes apresentados a S. M., com paternal brandura, naõ fizéram impressaõ.—Tentou-se justificar este roubo com outro pretexto, assignando como outra razaõ, que os interesses dos dous Reynos de Italia e Napoles, requeriam que as suas communicaçoens naõ fossem interrompidas por uma Potencia hostile.—Se nisto se intenta incluir a Inglaterra, a historia de quasi dous Seculos mostra a falsidade desta especiosa asserçaõ. Os Soberanos Catholicos de Hespanha, e da Casa d'Austria, desde o Imperador Carlos V. até Carlos II. estiverãam de posse do Reyno de Napoles, e do Ducado de Milaõ, que forma actualmente a principal parte do Reyno de Italia; e nunca pretendêram, que os seus interesses perigãvam; nunca experimentãram este pretense obstaculo á communicaçãõ de seus exercitos. Elles estiverãam muitas vezes em guerra com a Gram Bretanha, e mais vezes ainda com a França, e nunca tivêram apprehensõens de um desembarque intermediario, nos Estados da Igreja; menos ainda trabalhãram por forçar os Pontifices daquelles dias a entrar em uma alliança, e confederaçaõ com elles, nem os ameaçãram de os esbulhar de seus dominios no caso de o recusarem fazer.—Porem sem recorrer á historia; como podem os interesses dos dous Reynos perigar? A neutralidade do S. Padre, reconhecida, e respeitada, por todas as outras Potencias, e as medidas, que se havãam tomado para acautellar a sua violaçaõ, cram mais do que

sufficientes para os os pôr em segurança.—Para tornar ainda maior esta segurança, e remover todo o protexto, havia S. S. levado a sua condescendencia, o mais longe que éra possível, e havia declarado, que estava prompto para fechar os seus portos á Inglaterra, durante a presente guerra, e de empregar todas as suas tropas em prevenir, que não fossem attaccadas as praias dos Estados da Igreja. Mas que ataque podiam temer os dous Reynos, que ficam adjacentes ao Estado Ecclesiastico, quando as tropas Francezas tem, ha tanto tempo, e sem nenhuma attençaõ aos interesses do Estado, ou dos individuos, occupado todos os seus portos, e toda a costa.

Se pelas palavras *Potencia hostil* se quer designar a Pessoa de S. S. o seu character brando, e pacifico, o faz superior a esta insultante imputaçãõ; mas para a repellir ainda mais. S. S. invoca o testemunho do Imperio Francez, e do Reyno de Italia, em cujo favor assignou duas concordatas, cuja violaçaõ he motivo de perpetuo sentimento em seu coraçãõ; tendo continuamente, posto que sem fructo, solicitado a sua fiel execuçaõ. Elle invoca o testemunho da Europa, que o tem visto, em sua avancada idade, na mais rigorosa estaçaõ do anno, atravessar os Alpes no seu caminho para Paris, não sem excitar o zelo, e desgosto, das outras grandes Potencias, para o fim de coroar a S. M. Imperial e Real. Elle appella para o testemunho de todo o exercito Francez, desde o mais alto até o mais baixo posto, se na passagem pelos seus territorios, ou quando nelles fizéram halto, não encontráram com a mais amigavel recepçaõ, e com a mais liberal hospitalidade, recepçaõ e hospitalidade, que tem trazido lagrimas aos olhos de S. S., que se achou na imperiosa necessidade de carregar os seus vassallos de tributos, para manter e pagar o exercito Francez. Finalmente S. S. appella para o mesmo testemunho de S. M., a quem em todas as occasioens manifestou, a mais decidida estimaçaõ—Porém se S. S. se ad-

mirou com os dous primeiros argumentos, que se avançaram para justificar ésta espoliação; elle não pode achar pallavras para exprimir o profundo espanto, que sentio, vendo a linguagem em que o terceiro éra concebido. He applicavel á doação de Carlos Magno, e he seguido por uma observação; que a doação foi feita *para beneficio da Christandade, e não para o dos inimigos da nossa Religião.* —He bem sabido que este glorioso, e celebre Monarcha, cuja memoria a Igreja sempre abençoará, não conferio á Sancta Sé as provincias, que agóra se usurpáram. He notorio que, tempo consideravel, antes deste periodo, ja estávam em poder dos Pontifices Romanos, pela voluntaria submissão dos habitantes, que haviam sido abandonados pelos Imperadores do Oriente: que havendo, ao depois, os Lombardos entrado, e occupado, o Exarchado de Ravenna, e a Pentapole, que incluia éstas provincias, Pepino, ó illustrissimo, e religiosissimo Pay de Carlos Magno, as resgastou de suas mãos, e as restituiu ao Papa Estevaó, por uma escriptura de doação; que este grande Imperador, a honra, e admiração do oitavo seculo, longe de desejar revogar este generoso e pio acto de Pepino, seu Pay, o approvou, e confirmou no tempo de Adriano; que longe de desejar o despojar a Igreja Romana de suas possessoens, pelo contrario as confirmou e augmentou; que, em consequencia disso, inserio no seu testamento uma expressa determinação a seus tres filhos, de as proteger com as suas armas; que não reservou para si, ou para os seus successores, nenhum direito de revogar o que elle e seu Pay tînham feito, em beneficio da cadeira de S. Pedro; que a sua unica intenção éra proteger os Pontifices Romanos contra os seus inimigos, e não compellillos a crear-se inimigos; que dez seculos, que tem decorrido desde Carlos Magno, e mil annos de uma posse pacifica, tem feito desnecessaria toda a inquirição antecedente, e interpretação ulterior; e que, ainda no caso de que este Religioso Principe em vez de restituição ou dativa voluntaria, o tivesse

restituido e dado para o beneficio da Christandade ; he precisamente para o bem da Christandade, ou, para fallar com mais exacção, para o bem da Igreja Catholica, que o S. Padre deseja estar em paz com todo o Mundo ; e que não quer provocar o resentimento de Potencia alguma ; e que evita empenhar-se em guerras politicas. Se tantas vozes se tem levantado contra aquelles Papas, que entraram em guerras, com os mais justos fundamentos ; não pode o Sancto Padre perceber como se lhe faz um artigo de accusação contra elle—que, não sendo de modo algum provocado, mas recusando seguir um impulso estrangeiro, não consente em revestir-se de um character marcial, prejudicial á Religião, e a seus subditos.

S. S. não pode, por motivo algum, dissimular o insulto, que se lhe fez no dicto decreto, em que, notando que *a doação de Carlos Magno não foi feita a beneficio dos inimigos de nossa Religião*, he accusado de ter sido traidor a seus mais sagrados interesses. Esta accusação tocou muito a S. S., que por tres annos, e particularmente agora, tem estado exposto á perseguição, que elle soffre por amor da Religião, e em consequencia de permanecer fiel nos deveres de sua Missão Apostolica. Elle soffre esta perseguição por não ter admittido os principios, que lhe fôram suggeridos por varias vezes, que se elle éra o Sancto Padre, e Soberano de Roma, S. M. com tudo éra o Imperador della ; que o S. Padre devia submeter-se-lhe no temporal, do mesmo modo que era do seu dever, submeter-se ao Papa nos negocios espirituaes ; que os Estados da Sancta Sée pertenciam ao Imperio Francez, e eram parte delle : que, em consequencia dos direitos de sua coroa, o Papa devia, agora, e sempre, fazer causa commum com elle, e seus successores, que devia sempre considerar os inimigos da França como seus proprios ; e que lhe incumbia, por tanto, entrar no systema federativo.—O juramento solemne, que S. S. prestou de manter a sua liberdade e independencia, taõ necessarias á prosperidade da Religião

Catholica, e ao livre exercicio do seu Supremo poder espirital, não lhe permittia subscrever a maximas de tendencia tão destructiva e fatal.—Elle soffre a presente perseguição; porque não pode assentir ao petitorio de S. M. que insistia em nomear um numero de Cardiaes Francezes, sufficiente para constituir a terça parte do Sacro Collegio; porque isto solaparia a base fundamental de sua constituição; attacaria a independencia do seu Espiritual; e tornaria a abrir a porta a todos aquelles desastres, que a Igreja de Deus teve por longo tempo occasião de lamentar.—Em fim, soffre ésta perseguição, por não se dispor a entrar em uma liga offensiva e defensiva; por não se deixar levar a um systema de hostilidade progressiva contra todas as Potencias quaesquer, incluindo os Estados Catholicos, que não tomassem um character militar e aggressor, com evidente damno da Religião.—Se isto he o que se chama ser traidor aos seus interesses, julgueo o Ceo, a Igreja, o Mundo, e a posserridade.

O. S. Padre esta persuadido, na sua consciencia, que não tem feito injustiça alguma a S. M. ou á França. Porém ainda admittindo, que houvesse alguma razaõ de queixa pessoal contra elle, daqui se não segue, que a Igreja Catholica, possa ou deva ser punida, irrevocavelmente, e para sempre, despojando-a da propriedade, que se diz no mesmo decreto ter sido doada, para beneficio da Christandade, nem se segue que aquella Igreja possa ser despojada dessas provincias, de que não he mais proprietaria do que o summo Pontifice, o qual he simples depositario, e guarda, aquella Igreja que, tendo uma superintendencia espirital sobre todas as outras, tem, desde o momento da paz de Constantino, sido dotada pela piedade dos Monarchas, e povo, e por uma ordem admiravel da Providencia, primeiro com patrimonios consideraveis, e depois com Estados, para que pedesse manter o seu governo espirital, com maior dignidade, liberdade, e vanta-

tagem ; aquella Igreja, em fim, que agora se intenta reduzir a um estado de humilhação, e fazella incapaz de exercitar o seu divino Primado.—Alem disto S. S. não pode queixar-se assás do erro em que S. M. tem cahido ; porquanto, no mesmo acto porque elle usurpa á S. Séé uma parte de seus Estados, e declara que os quer tomar *por que* elles não são destinados ao beneficio dos inimigos da Religião Catholica, ordena que, nestes mesmos Estados, seja proclamado um Codigo, contra o qual o Cabeça da Religião tem tantas vezes, e tão sem fructo, representado ; por causa dos differentes artigos, que contem, particularmente os do casamento, e divorcio, contrarios ás leis da Igreja, e do Evangelho.—S. S. não pode deixar de se admirar vendo que neste decreto se faz menção dos passaportes, que pedio Monsenhor Caprara, que aqui se descreve somente como Embaixador da Corte de Roma, e que este petitorio se alega como uma quarta razão para justificar o esbulho.—Depois de tudo o que o abaixo assignado teve a honra de expressar, no mez de Abril passado, em resposta a uma nota de S. Ex. Mr. Champagny, S. S. pensa, que este topico de accusação está completamente destruido. Ja se tem sufficientemente provado, que a ordem de pedir os passaportes, estava ligada com a justa condição de evacuar Roma, e de deixar de insistir nas pretençoens, que eram inadmissiveis ao Cabeça da Igreja. S. S. por tanto não podia deixar de repetir, que dependia inteiramente de S. M. e que não tinha no seu poder a alternativa de deixar partir Mr. Caprara, não simplesmente como Embaixador da Corte de Roma, mas ao mesmo tempo como legado Apostolico, ou vello continuar a sua residencia na Corte da Paris. Daqui vem que esta materia se mencionou erradamente no decreto, como um tão grande objecto de queixa. Porém se a injustiça deste Decreto augmentou, a profunda dor que afflige o Coração de S. S., não he com menos pezar que elle

vio o outro decreto da mesma data, que manda aos Cardeaes, Prelados e Officiaes, e a todas e quaesquer pessoas, empregadas pela Corte de Roma, que sêjam naturaes de Italia, que voltem para ali, sobpena de confiscação de bens, em caso desobediencia. Daqui fica obvio, o que S. S. diz, que não he somente o seu poder temporal, mas tambem o espirital o que se procura destruir: ainda que neste segundo decreto se estabelece uma estudada distincção entre o Soberano temporal de Roma, e o Vigario de Jesus Christo; para mostrar um affectado respeito a este ultimo.—Quem he que não percebe, que a ley, que se acabou de passar, tende a fazer impossivel que S. S. preencha os seus deveres, estando dispersos os membros de seu sagrado Senado, o que transtorna o governo da Igreja; e removendo delle as pessoas, que lhe são mais charas, o priva da unica consolação que lhe resta, no penoso exercicio de suas funcçoens Apostolicas, que daqui em diante iraõ em declinação?—O Papa não he simplesmente o Bispo de Roma, como impropriamente se allega; elle he ao mesmo tempo o Pastor da Igreja universal; e, consequentemente, tem o direito de escolher os Ministros e cooperadores de sua missaõ Apostolica, de entre todas as naçoens da terra. De facto, desde os primeiros tempos da Christandade o Clero de Roma tem sempre sido composto, não somente de Romanos, mas de individuos de todas as naçoens, como se prova evidentemente pelo numero de estrangeiros, incorporados com o Clero de Roma, e que tem subido á cadeira de S. Pedro, nos primeiros quatro seculos da Igreja Catholica.

Todas éstas razoens justificam o pezar de S. S., que fez representaçoens contra uma ley, que não perdoa nem mesmo áquelles distictos Ecclesiasticos, que fõram escolhidos para o ajudar nos trabalhos da Igreja de Deus.—Elle, ao mesmo tempo, representa, e protesta altamente, á face de toda a terra, contra a usurpação de seus Estados

Elle declara solemnemente, que he injusta, invalida, nulla, he de nenhum effeito; que não pode nunca influir nos impreser p ivels, e legitimos direitos de Soberania, e posse inherentes perpetuamente a S. S. e seus Successores; e que não obstante ser esbulhado delles, por força, está resolvido a manter a integridade de seus direitos; porque a Sancta Sé. pode recobrar a sua posse actual, quando aprouver áque'le Deus verdadeiro, que julga, e combate a favor da justiça, e que tem inscripto nos seus vestidos, e na sua cabeça—o REY DOS REYS, E O SENHOR DOS QUE GOVERNAM.

Ao mesmo tempo S. S. dirige as suas mais ferventes oraçoens ao Pay das misericordias, para que inspire a todos os seus vassallos, que tem sido subtrahidos ao seu poder, e que sempre serãõ charos ao seu coração, com espirito de paciencia e resignaçãõ, para que pôssam algum dia alcançar do Ceo consolaçãõ e paz, e para que possam conservar em seus coraçãoes a Religiãõ, e a Fé.—*O Deus de Israel dará ao seu povo fortaleza, e coragem.*—Tais são os sentimentos e protestaçoens que S. S. mandou ao abaixo assignado que transmittisse a Vossa Senioria Illustrissima, como encarregado de negocios do Reyno de Italia, com o qual as suas Provincias fôram incorporadas. O abaixo assignado, assenta que he do seu sagrado dever obedecer implicitamente á ordem que recebeo, e ao mesmo tempo renova seguranças de sua sincera consideraçãõ.

(Assignado) *Cardeal* GABRIELLI.

Ao Sñr. ALBERTI, Encarregado
de Negocios do Reyno Italia.



COMMERCIO E ARTES.

O IMPORTANTE commercio, que o Brazil tem de fazer com a Inglaterra, me faz persuadir, que aos leitores do Correio Braziliense será agradável, achar aqui uma idea succincta do estado actual do mercado, em Londres, pelo que diz respeito aos productos do Brazil.

O mais lucrativo genero, que do Brazil se pode agora mandar para Inglaterra he o algodão. A exportação deste artigo, para fora da Inglaterra, he prohibida; para conservar o algodão no mais baixo preço possível; mas o embargo que os Americanos poséram aos seus navios, privando a Inglaterra dos generos dos Estados Unidos, tem necessariamente augmentado o preço do algodão: mas este preço diminuirá, logo que o embargo Americano venha a cessar, acontecimento, que se espera, mas cuja epocha he absolutamente incerta.

Proximo ao algodão he o sebo: este artigo vinha da Russia, e este paiz não so está em guerra com a Inglaterra, mas não ha, por agora, nenhuma probabilidade de que altere o seu systema; por consequencia he de esperar, que o sebo continue a ter o alto preço que agora produz. O preço deste artigo éra, antes de se fechar o Baltico 50 até 70 shellings o quintal, agora he de 120 para cima, e se supoem que continuará a subir.

O assucar, que faz um dos principaes ramos das produções do Brazil, he a este momento de mui pouco valor em Londres, pela difficuldade que ha de o reexportar para o Continente da Europa; e pela grande quantidade deste genero, que tem chegado das Indias Orientaes, e Occidentaes. Alem disto o assucar, que não he de colonias Inglezas, paga tão pezados direitos na Alfandega, que não faz conta nenhuma vendêllo em Inglaterra. Mas havendo

agora uma prohibiçaõ de se distilarem os graõs, que saõ comestiveis, os distiladores de licores espirituosos se viram obrigados a valer-se do assucar, para delle distilarem os licores, donde se seguio um augmento de 20 por cento neste genero, que he natural subsista até a colheita que vem.

O tabaco, que he outro ramo consideravel, nas produçoens do Brazil tem subido quasi na mesma proporçaõ do algodão, com o embargo dos Estados Unidos ; demaneira que se acha n' um preço 5 vezes maior do que era d' antes ; mas parando o embargo Americano sem duvida este artigo descerá ainda a menos do que dantes éra.

O caffè, tem agóra mais consumo, em consequencia de se lhe diminuirem os direitos que pagava ; e por isso tem subido o seu preço : mas este he um dos generos, que, não sendo producto de colonias Inglezas, não pode vender-se para o consumo do paiz, sendo obrigado quem o tem a vendêllo com a expressa clausula de ser para exportaçãõ.

O embargo da America tem tambem feito subir o preço do arroz ; e o arroz do Brazil tem boa reputaçãõ ; porém éra para desejar, que os cultivadores deste artigo, no Brazil, mandassem buscar semente á Carolina nos Estados Unidos ; aonde ha variedades desta planta, desconhecidas no Brazil ; e poucas experiencias bastariam para dar a conhecer, qual éra a especie que mais convem ao clima e terreno ; porque he evidente que o arroz da Carolina tem melhor, fervura que o do Brazil.

O anil do Brazil he de qualidade mui inferior ; eu não decidirei se isto provem da qualidade da planta, se da maneira de o fabricar. O mercado abunda deste artigo, e se no Brazil não houver cuidado de o produzir melhor, não fará conta aos negociantes mandallo para aqui ; a menos que o não comprem por mui baixo preço.

Os couros não produzem agora bom preço ; mas isto he devido á grande quantidade, que se ajunctou deste artigo

em Inglaterra, quando se fecháram ao Commercio a maior parte dos portos do continente ; mas este artigo he de um consumo geral, e quando este grande suprimento, que ha no mercado, descahir, os couros continuaraõ a produzir um preço que não dará perca, sendo comprados no Rio-Grande : a sola e atanados, porém, são obrigados a taõ altos direitos na alfandega, que quasi monta a uma prohibiçaõ formal de os importar para Inglaterra.

O cacao do Brazil continuará sempre a ter um bom preço no mercado, assim como o tem agóra ; mas os negociantes do Brazil deveraõ cuidar em renertello não somente novo, e sem mixtura de velho ; mas até limpo das impurezas de que muitas vezes vem inquinado, e que lhe diminue considerabilissimamente o preço.

As drogas que podem vir do Brazil, como são a quina, ipecuacuanha, salsaparilla, e outras, continuaõ a ter um bom preço no mercado.

As pontas de boi tem um preço soffrivel, mas alem de ser um artigo de pouco consumo, he taõ volumoso, relativamente ao valor, que se deve reputar esta uma especulacão de pouca conta.

A caxaça ou agoardente de cana, ha tempos que se tem conservado em preço alto, e não he provavel que abata.

Para dar alguma idea do que rendem as mercadorias do Brazil no estado actual, aqui se poem uma pequena lista, dos preços medios no mez de Dezembro ; sendo o calculo do dinheiro feito ao cambio de 70 peniques por mil reis. Os pezos, são notados por approximaçaõ exacta, mas julga-se que a differença he de um por cento entre os pezos do Rio de Janeiro e os de Londres. Os fretes dependem inteiramente das circumstancias, nos Portos do Brazil, ao tempo do embarque ; e os seguros, com o Comboi, são ordinariamente de 8 até 10 por cento, mas isto tambem depende das esquadras, que andam fora, e de outros incidentes.

LISTA DOS ARTIGOS.

Generos	Qualidade	Direitos	Quantidade.	Preço.	
Assucar	branco	_____	arroba	de 2.200	a 2.700
	trigueiro	_____	do.	1.700	2.200
	mascavodo	_____	do.	1.700	2.200
Algodão	Rio de Janeiro	.043	arratel	.430	.450
	Maranhão	do.	do.	.495	.525
	Pernambuco	do.	do.	.530	.540
	Midus novas	do.	do.	.500	.510
Anil	Brazil	_____	do.	.3 0	.850
Agoardente	Cachaça	_____	almude	3.800	4.600
Arroz	Brazil	_____	arroba	2,200	2.700
Cacao	Pará	_____	do.	4.100	4.900
Caffé	do Rio	_____	do.	4.900	5.950
Cebo	bom	.128	do.	5.600	5.900
Chifres	grandes	.770	Cento.	5.000	6.900
Couros	Rio grande	.004	arratel	.065	.085
Ipecucuanha	boa	.515	do.	1.900	2.050
Quina	Palida	_____	do.	.500	.600
	ordinaria	_____	do.	.770	.940
	mediana	_____	do.	1.200	1.700
	finna	_____	do.	4.300	4.500
	Vermelha	_____	do.	.50	.550
Amarela	_____	do.	.680	.950	
chata	_____	do.	.680	.950	
torcida	_____	do.	.680	.950	
Pão. Brazil		13.400	70 arrobas		290.000
salsa parrilha		.181	arratel	.360	.670

Os direitos do algodão na importação regulam-se pela tarifa seguinte.

L. S. D.

- 16 10½ por 100 arrateis : vindo de colonias Inglezas, ou Ilhas.
- 76 10½ por ditto : de Turquia em navios Inglezes.
- 1 5 5 por ditto : vindo de Turquia em navios Estrangeiros.
- 1 5 3½ por ditto : de qualquer outro lugar em navios Inglezes.
- 1 13 10½ por ditto : vindo de dito em navios Estrangeiros.

Na exportação, segundo a ultima ordem em Conselho, paga o algodão nove Peniques por libra.

Londres, 17 de *Dezembro*. Na Corte do Palacio da Raynha aos 14 de *Dezembro*, 1808, presente a Excellentissima Magestade d' El Rey, em Conselho.—S. M. por, e com o parecer de seu Conselho Privado, he servido ordenar e declarar e por ésta fica ordenado, e declarado, que os pórtos e lugares da Ilha de S. Dominos, que não estão actualmente possuidos por França, e donde não he excluida a bandeira Ingleza; sêjam considerados, como se não estivessem em estado de hostilidade com S. M., e que os subditos de S. M. e outros estão em liberdade de negociar livremente para ali, na mesma forma, que negociam para os portos neutraes.

Decreto sobre o Commercio na Hollanda.

Nos Luiz Napoleaõ, pela graça de Deus e a Constituição do Reyno, Rey de Hollanda. e Condestavel da França, temos decretado, e por esta decretamos.

ART. 1. Os portos da Hollanda se conservarão fechados, e a nenhum vaso será permittido entrar nestes Reynos, nem desembarcar mercadorias algumas.

2. Os navios, que houverem tocado em algum porto da Inglaterra ou em algum porto inimigo, ou que se achar que tem sido empregados em algum commercio prohibido, ou tivéram communicaçãõ, ou trouxerem mercadorias, cartas, ou passageiros; ou que tiverem tomado a seu bordo no mar, e trazido ao porto mercadorias, cartas, ou passageiros, não seraõ avizados que se retirem, mas seraõ apprehendidos, e confiscados.

3. O Mestre e equipagem de qualquer navio, que se souber que entrou em Inglaterra, ou em algum porto inimigo, e que la metter abordo algumas mercadorias, cartas, ou passageiros, e tambem aquelles que tiverem recebido no mar mercadorias, cartas, ou passageiros, seraõ sem distincção alguma mettidos a bordo de qualquer dos nossos navios de guerra, para nelles servir de simples marinheiros.

4. Se algum navio, que navegar com bandeira neutral, carregado com fazendas neutraes, e vindo de algum porto neutral, naufragar nas nossas costas, ou por extrema necessidade for impellido a entrar nestes Reynos, e se achar inhabil para tornar a sahir ao mar; toda a carga de taes navios será depositada nos armazens Reaes; para se tornar a embarcar depois do navio concertado, ou, no caso de ser impracticavel o concerto, se guardará em segura custodia, até depois da paz.

5. No caso em que as dictas cargas, ou parte dellas se achem damnificadas, conceder-se-ha licença para dispor das mesmas, em venda publica e o producto será depositado no thesouro Real até á paz.

6. Os regulamentos, estabelecidos nos art. 2., e 3., são igualmente applicaveis aos barcos de pescadores, e outros vasos pequenos de qualquer denominação que sejam, e igualmente aos carregadores, capitaens, mestres, e equipagens de taes vasos, que se achar, que fizéram commercio prohibido, ou tivéram communicação, ou importáram ou ajudáram, ou protegêram os que importáram algumas mercadorias, cartas, e passageiros.

7. Com tudo das restricções, que se impoem no art. 1. são exceptuados os navios carregados de chá, ou outro producto da China, que, antes do nosso primeiro decreto de bloqueio, tivessem obtido licença nossa para ir buscar carga a China. Tal producto será depositado nos armazens Reaes e se não venderá, nem o producto de sua venda se entregará aos donos, sem nossa ordem especial.

8. Os navios carregados de sal, e que não houverem trazido artigo algum de mercadoria, nem cartas, ou passageiros, não serão incluídos nas regulações sobredictas. Porém se se achar, que tem contravindo as disposições dos art. 2. e 3., o mesmo lhes será tambem applicavel, sem se exceptuar nem o mesmo sal, que será igualmente confiscado.

9. Os Marechaes De Winter, e Dumonceau, e o Tenente General Cartaret, saõ, cada um no districto que lhes he assignado, pelo nosso deçreto de 13 de Outubro proximo passado, encarregados desta execuçaõ, e ficarãõ responsaveis pelas providencias, que se devem dar para que se naõ soffra, que vaso algum, que entrar, torne a sahir ao mar, mas sim que seja effectivamente seguro, até que se saiba a nossa ulterior vontade, que lhes será communicada pelo nosso Ministro das Finanças, e com o dicto Ministro se corresponderãõ nesta materia; e elle nos representará e esperará as nossas ordens, no caso de cada vaso em particular, da maneira que fica decretada.

10. Os nossos Ministros de Finanças, Justiça, e Policia ficam encarregados da execuçaõ do presente Decreto, o qual se participará ao nosso Ministro de Marinha e Colonias, e da guerra: e se fará publico.

Dado no nosso Real Palacio de Amsterdam aos 27 de Novembro, de 1808.

(Assignado)

LUIZ.

Propriedades Portuguezas detidas em Inglaterra.

O haver-se inserido (no numero passado, p. 509,) a carta assignadã — *Amante da Verdade*. — He, ao que parece, uma Prova bastante, de que o Correio Braziliense tem por fim referir com imparcialidade as memorias do tempo, e dar todos os dados possiveis ao leitor, para ajuizar das causas dos acontecimentos, e quanto couber na alçada humana, preconizar-lhe as consequencias.

O naõ se haver respondido aos argumentos daquella carta no mesmo numero; dará a conhecer, que o Correio Braziliense naõ he escripto com o fim de tyrannizar as opinioens, estabelece uma, que lhe parece melhor, mas nem exclue, nem deseja excluir outras: e por tanto naõ só se fez publico aquelle papel; mas naõ se lhe deo resposta, no mesmo numero; para que em um mez de tempo tivessem seus argumentos lugar de produzir, sem contradicçaõ, todo o effeito de convicçaõ de que fossem capazes. Quem assim obra, naõ quer fazer proselytas, nem tomar por supreza os leitores; quer sim descobrir a verdade dos

factos para informar delles os presentes, e transmittillos aos vindouros.

O escriptor daquella carta diz (p. 509, linha ult.) que o Redactor não disse neim uma palavra sobre a tomada dos navios Portuguezes, e chama a isto falta de candura. Sim que o seria, se nisso se não fallasse; mas no numero 1º. vem os despachos officiaes do bloqueio de Lisboa; primeiro fundamento destas tomadas. No N. 3, vem os argumentos, que outras pessoas, mesmo Inglezes, haviam produzido, para mostrar que se não deviam ter feito aquellas tomadas; argumentos que naquelle tempo parecêram concludentes ao Redactor, mas que ao depois julgou escusado expender de novo; não só porque era repetição desnecessaria, mas porque o Governo Portuguez, que éra nisso o offendido, se havia offensa injusta, se acomodou com o que se havia determinado em Inglaterra. Logo o Correio Braziliense fallou nas tomadas, e deo sobre isso a sua opiniaõ, que he o mais que podia fazer.

O escriptor daquella carta refferindo a consulta de negociantes, que fez o Ministro Portuguez, queixa-se (p. 510, linh. 1 a seg.) que no Correio Braziliense so a este se imputaõ os males; e suppoem mais a carta, que o Redactor, para carregar com toda culpa sobre uma só pessoa, faz que não sabe daquelles factos. Primeiramente o Correio não omittio o facto da Consulta, pois se acha referido a pa. 112, e o que mais he com a “decidida approvaçaõ” desta medida, se as pessoas nomeadas para constituir o committeé particular possuam as qualidades necessarias. Em segundo lugar, a approvaçaõ da medida não quer dizer, que o homem publico fica izento da responsabilidade. Não: com elle he que o havemos, se obra bem elle merece todo o louvor; se obra mal delle nos devemos queixar. Que tem ninguem que o conselheiro, ou por ignorante ou por máo, não aconselhasse bem? ou como pode saber o povo, que o homem publico seguiu o que lhe disse o conselheiro, talvez lhe dissessem uma cousa, e elle seguisse outra: em uma palavra o homem publico he o responsavel, e se se admitte que obrou mal, não ha que voltar-se para os conselheiros de sua escolha.

Quanto á insinuaçaõ de ser isto vingança contra pessoas daquella familia, como nessa familia não ha senaõ um homem a quem isto se possa attribuir, que he o actual Ministro dos Negocios Estrangeiros, no Brazil, ésta insinuaçaõ fica assis refutada, com o que se disse no mesmo N. 6. a favor daquelle Ministro, de quem o Correio Braziliense recordará as faltas, quando ellas apparecerem, com tanta imparcialidade, quanto he o prazer que teve em achar por onde o louvar.

Diz a carta, que a medida da commissãõ éra a melhor, que se podia adoptar. Isso he o que redondamente se nega ; muito principalmente tendo nella inspecçaõ, e influencia, um Ministro Diplomatico, que não se suppoem saber de materias mercantis, e o que peior he, admittindo-se nessa commissãõ Membros, que, como reclamantes, e procuradores, tinham interesse nas fazendas ; em cujos negocios tinham de ser juizes e parte.

Quanto ao Correio Braziliense dever apontar-lhe o remedio : primeiramente a Commissãõ nomeou-se antes de se começar a publicar esta obra ; e quando isso não fosse, deve o escriptor da carta lembrar-se, que o officio do critico não he escrever o livro mas apontar-lhe os erros.

O character desta obra he registrar aqui os factos importantes do tempo, unido-lhe os raciocinios do Compilador, que podem servir para os illustrar : em geral, o jornalista deve ser o censor e não o conselheiro intromettido dos homens publicos, que sendo pagos, com rendas, e honras para bem servir o Estado, devem procurar conselheiros sabios, e desinteressados, que os não enganem.

As difficuldades immensas, que o Ministro encontrou, não sei para que se trazem ; porque 2 dos 4 Commissarios foram escolhidos directa ou indirectamente pelo Ministro, e se a escolha foi má de quem he a culpa ?

He pena que esta causa seja taõ mal defendida, se he taõ justa, como se inculca ; as difficuldades, os embarços, a muita quantidade de negocios nunca se devem allegar como escusa das acçoens do homem publico ; porque, quem não pode com o pezo do lugar deixa-o.

Agora uma palavra mais sobre a assignatura. Eu não creio que o Sñr. Amante da verdade esteja taõ cego de amores por ella, que faça racionios errados, em consequencia de sua paixãõ ; porque se assim fosse não se mascararia com um nome fingido. O Redactor do Correio Braziliense não se mette de traz da porta para attirar a pedrada.



MISCELLANEA.

Notícias deste Mez.

PARIS, 17 de Novembro. Primeiro Buletim do exercito da Hespanha. Vittoria, 9 de Novembro.

Posição do exercito Francez aos 25 de Outubro. O Quartel General em Vittoria. O Marechal Duque de Cornegliano, com a sua esquerda ao longo da margem do Aragon, e Ebro, com o seu quartel-general em Guardia. O Marechal Duque de Istria, tem o seu quartel-general em Miranda, com uma guarnição no forte de Pancorba. O General de Divisaõ Merlin occupa, com uma divisaõ, as alturas de Durango, e aperta o inimigo, que parece disposto a attacar as alturas do Mondragos. Havendo o Marechal Duque de Dantzic chegado, com a divisaõ de Sebastiani e Laval, deo El Rey ordem á divisiaõ de Merlin para que voltasse.

Achando-se o inimigo neste tempo com algumas forças em Lerin, e havendo occupado Viana, e varios postos, na margem esquerda do Ebro, ordenou El Rey ao Duque de Cornegliano, que se avançasse ao inimigo. O General Waltier, commandante da Cavallaria, e as brigadas do General Habert, Brune, e Razout, se dirigiram aos postos do inimigo. Aos 27 de Outubro foi o inimigo derrotado em todos os pontos: 1.200 homens, que estavam cercados em Lerin, mostraram ao principio alguma disposicaõ de quererem defender-se; porem o General Grand-Gean, tendo feito os seus arranjamientos, os derrotou completamente, fazendo prisioneiros um Coronel, 40 officiaes, e 1.200 soldados: estas tropas formavam parte do campo de S. Roque, juncto a Gibraltar. Ao mesmo tempo o Marechal Duke de Elchingen marchou para Logroño, passou o Ebro fez prisioneiros 300 do inimigo, e perseguio-o algumas legoas adiante; e restabeleceo a ponte de Logroño.

Em consequência deste acontecimento, o Gen. Hespanhol Pignateli, que commanda os rebeldes, foi por estes apedrejado.

As tropas da traidor Romana e os prisioneiros Hespanhoes, que estavam em Inglaterra, e que os Inglezes fizeram desembarcar na Hespanha, com as divisoes de Galiza, que montava tudo a uma força de 30.000 homens, ameaçavam de Bilboa ao Marechal Duque de Dantzic, o qual, com um nobre ardor avancou a elles aos 31 de Outubro: e, á ponta da bayoneta os expulsou de todos os seus postos. As tropas da Confederação do Rheno, e particularmente o corpo de Baden, se distinguiram muito. O Marechal Duque de Dantzic apertou o inimigo seguindo-o por todo o dia 1 de Novembro, até Guenes, e entrou em Bilbao. Nesta Cidade se acharam muitos provimentos, e se aprisionaram alguns Inglezes. A perca do inimigo, em mortos e feridos foi muito consideravel; porém fizemos mui poucos prisioneiros. A nossa perda foi somente de 50 mortos, e obra de 100 feridos. Por mais digna de louvor, que seja ésta acção, éra para desejar que não tivesse acontecido: o corpo Hespanhol estava am situação de poder ser completamente cortado.

O Corpo do Marechal Victor, logo que chegou, foi destacado de Vittoria para Orduna. Aos 7 de Novembro, o inimigo, reforçado com novas tropas de S. Andero, occupou as alturas de Guenes. O Marechal Duque de Dantzic avançou contra elles e lhes rompeo o centro. Os regimentos 58 e 35 se distinguiram muito nesta occasião. Se as acções tivessem acontecido nas planicies, nem um so homem do inimigo teria escapado: porém as montanhas de S. Andero, e Bilboa são quasi intransitaveis. O Duque de Dantzic perseguiu o inimigo todo o dia até os passos de Valsaineda.

Nestas differentes acções perdeu o inimigo, em mortos, e feridos de 3.500 a 4.000 homens. O Duque de Dantzic louva particularmente os Generaes de Divizaõ Laval,

e Sebastiani; o General Hollandez Chassey; o Coronel Lacoste do Regimento 27 de infantaria ligeira, o Coronel Baco do Regimento 63 de linha, e os Coroneis dos Regimentos de Baden e Nassau, a quem S. M. conferio premios. O exercito está abundantemente suprido de mantimentos, e o tempo muito bom. As nossas columnas estão marchando para diante, e combinando os seus movimentos. Suppoem-se que o Quartel-General se moverá ésta noite de Vittoria.

Paris, 19 de Novembro. Segundo Buletin do exercito de Hespanha. Burgos 12 de Novembro.

O Duque de Dantzie entrou em Valsameda em seguimento do inimigo. Aos 8 o General Sebastiani descobrio a retaguarda dos rebeldes, postada sobre um outeiro ellevado, á direita de Valsameda: avançou logo contra elle, derrotou-o, e tomou 100 prisioneiros. Entre tanto occupou a Cidade de Burgos o exercito da Estremadura, que consistia em 3 divisoes. A guarda avançada era composta das guardas Wallonas, e Hespanholas, e dos Estudantes das Universidades de Salamanca e Leon, divididos em varios Batalhoens, e alguns regimentos de linha, com outros corpos levantados depois da insurreiçãõ de Badajoz; o todo deste exercito montava a perto de 20.000 homens. O commando da Cavallaria do exercito foi dado ao Marechal Duque de Istria; e o Imperador confiou o commando do segundo corpo ao Marechal Duque de Dalmacia.

No dia 10 ao romper da manhaã, partio este Marechal á frente da divisaõ de Mouton a reconhecer o inimigo. Chegando a Gamonal foi recebido com uma descarga de 30 peças de artilheria. Foi este o signal para avançar com marcha de ataque; a infantaria da divisaõ de Mouton, sustentada pela artilheria, fez o ataque. As guardas Wallonas, e Hespanholas fõram destroçadas ao primeiro encontro. O Duque de Istria á frente da sua Cavallaria at-

tacou, pelo flanco, ao inimio, que foi completamente derrotado, deixando 3.000 mortos, no campo de batalha. Tomamos 12 bandeiras, 25 peças de artilheria, e 3.000 prisioneiros, o resto foi obrigado a esparzir-se. As nossas tropas entráram na Cidade de Burgos de envolta com o inimigo, e a cavallaria o perguiou em todas as direcções. Este exercito da Estremadura, que tinha vindo de Madrid, com marchas forçadas, e que tivéram por primeira empreza o assassinio de seu infeliz General Conde de Torres, e que se achava apetrechado com armamento Inglez, alem de estar ao soldo de Inglaterra ; ja não existe. O coronel das guardas Wallonas, e um grande numero de officiaes superiores, ficáram prisioneiros. A nossa perda foi mui inconsideravel ; consistio somente em 12 ou 15 mortos, e 50 feridos ao mais. Somente um Capitaõ foi morto por uma balla de peça.

Esta acção, que deve a sua excellente disposiçãõ ao Duque de Dalmacia, e á intrepidez com que o Duque de Istria capitaneou a Cavallaria, faz a maior honra á divisiãõ de Mouton ; postoque, como he notorio, ésta divisiãõ consiste de corpos, cujo nome, somente, ha muito que se considera como um titulo honorifico.

O Castello de Burgos foi occupado pelas nossas tropas, e se achou em mui bom estado : havia nelle grande quantidade de farinha, vinho, e graõ.

Aos 11, o Imperador passou revista á divisiãõ do Gen. Bonnet, e a destacou immediatamente para a entrada dos passos de S. Andero.

A posiçãõ do exercito hoje he a seguinte. O Marechal Duque de Belluno está em seguimento dos restos do exercito de Galiza, que fogem na direcçãõ de Villarcayo e Reynosa ; para cujos pontos marcha tambem o Duque de Dalmacia. Não podem ter outro recurso senãõ esparzir-se pelas montanhas, perdendo a artilheria, e bagagem, e tudo quanto constitue um exercito. S. M. o Imperador

está com a sua guarda em Burgos. O Gen. Milhaud está marchando com a sua divisaõ sobre Palencia. O Gen. Lassale tomou posse de Lerma.

Desta sorte, em um instante fóram derrotados os exercitos de Galiza, fôram dispersos, e em parte anihilados, posto que não tenham ainda chegado todos os corpos do nosso exercito. Tres quartas partes da Cavallaria, e quasi metade da Infanteria ficam ainda atraz.

O exercito dos rebeldes exhibe o mais singular contraste. Nas algibeiras dos officiaes, que foram mortos, se acháram listas de companhias, algumas das quaes tem o nome de *companhia de Bruto*, *Companhia do Povo*. Havia companhias de Estudantes, e outras que tinham nomes de Sanctos. Tal eram os bandos militares, que compunham o exercito rebelde dos paizamos. Anarchia e confusaõ: eis aqui o que a Inglaterra semea na Hespanha; O que colherá dahi? O odio desta valorosa naçaõ, uma vez que forem illustrados debaixo de um bom Governo: quanto ao mais a extravagancia dos cabeças dos rebeldes he notoria em toda a parte. Entre as bandeiras, que cabiram em nossas maõs, ha algumas, que trazem o Leão de Hespanha despedaçando a Aguia Imperial. E quem saõ os que se saboréam com estes emblemas? As peores tropas que ha na Europa.

A cavallaria do exercito da Estremadura não nos podia fazer frente. Ao momento em que o Regimento de caçadores 10, se lhe poz á vista, fôram os inimigos derrotados, e nunca mais apparecêram. O Imperador passou revista ao corpo do Duque de Dalmacia, antes de marchar de Burgos em busca da retaguarda do exercito de Galiza. S. M. fez varias promoçoens, distribuiu premios, e está mui satisfeito com o comportamento destas tropas. Expressio a sua satisfacçaõ aos Conquistadores de Medina, Rio Seco, e Burgos, o Marechal Duque de Istria, e os Gen. Merle e Mouton.

París, 21 de Novembro. Terceiro Buletim do exercito da Hespanha. *Burgos, 13 de Novembro.*

O exercito de Galiza está de fugida para Bilbao; e vai em seu seguimento o Marechal Duque de Belluno, na direcção de Espinosa, e o Marechal Duque de Dantzic na direcção de Villarcayo. O Marechal Duque de Dalmacia marchou para Reynosa para lhe cortar a retirada, de maneira, que se espéram importantes acontecimentos. O General Milhaud entrou em Palencia, com a sua divisão de Cavallaria, e mandou destacamentos aos passos de Reynosa, em seguimento de um parque de Artilheria, que pertencia ao exercito de Galiza. Os moços estudantes de Salamanca, que pensávam em nada menos do que na conquista de França, e os fanaticos paizanos, que já sonhávam com o saque de Bayona e Bourdeaux, e concebiam que eram em toda a parte conduzidos por Sanctos, que haviam apparecido aos seus impostores frades, vem agora desvanecidas as suas malfazejas illusoens. A sua desesperaçãõ, e confusaõ, estão ellegadas a summo gráo; lamentam as desgraças de que tem sido a victima; as falsidades que se lhe tem feito crer, e a contenda em que se tem envolvido, sem causa nenhuma. Toda a planicie de ambas as Castellas está cuberta com a nossa Cavallaria: o ardor e valor das nossos tropas as tem feito marchar 14 e 15 milhas por dia, com muita facilidade: os nossos piquetes estão sobre o Douro. Toda a costa, de S. Andero até Bilbao, está limpa do inimigo.

A infeliz Cidade de Burgos, sujeita a todas as calamidades de uma Cidade tomada por assalto, treme com horror. Padres, Frades, e habitantes fugiram á primeira noticia da batalha; temendo que os soldados do exercito da Estremadura quizessem, como dizíam, defender-se nas suas casas; e que seriam primeiro roubados por estes, depois pelos nossos soldados, que havendo expulsado o ini-

migo não achariam habitantes. Homens taes como Mr. Vanstein, que por falta de tropas de linha, incapazes elles por si mesmos de se oppor ás nossas aguias, tem fomentado a extravagante idea de uma insurreiçãõ em massa, deviam conhecer os males, que disso resultavam; e dos mui inconsideraveis obstaculos, que semelhante recurso pode oppor a tropas regulares.

Em Burgos e suas vizinhanças se achou uma quantidade de laã, que montava a 30 milhoens; a qual S. M. o Imperador mandou, que se puzesse em sequestro. Toda a laã pertencente a Frades, ou outras pessoas, que se tem unido aos rebeldes, será confiscada, e applicada, em primeiro lugar, para indemnizar as percas que tem soffrido os Francezes; porque até em Madrid, os Francezes, la residentes por 40 annos, fôram despojados de sua propriedade. Os Hespanhoes, que fôram fieis ao seu Rey fôram exterminados. A propriedade do virtuosissimo, e sabio Asanza, do habilissimo marinheiro Massaredo, e do melhor soldado em Hespanha O'Faril, foi vendida publicamente. A de Campo de Alange, respeitavel por suas virtudes, sua reputaçãõ, e sua riqueza, sendo proprietario de 60.000 ovelhas, e tendo uma renda annual de 3 milhoens, veio a ser preza destes procedimentos loucos.

Outra medida ordenada pelo Imperador he o confisco de todos os bens Inglezes, e productos coloniaes, que se tiverem desembarcado na Hespanha desde o principio da insurreiçãõ. Os mercadores de Londres fazem muito bem em mandar as suas mercadorias para Lisboa, Porto, e portos da Hespanha. Quanto mais mandarem, maior he a contribuiçãõ que nos daõ. A Cidade de Palencia, governada por um digno Bispo, recebeo as nossas tropas com bom agazalho. Aquella Cidade não soffre nenhuma das calamidades da guerra. Um virtuoso Bispo, que observa as doutrinas do Evangelho, e que he inspirado pela charidade Christaã, e de cujos labios não corre senaõ mel,

he a maior benção, que o Ceo pode dar a um povo. Mas um Prelado ambicioso, odioso, e perverso, que so prega a insurreiçãõ, desobediencia, e desordem, he um monstro, que Deus em sua ira manda ás naçoens, para as desencaminhar, manchando a mesma fonte da moral.

Nas prisoens de Burgos ha grande numero de frades, que fôram apedrejados pelos paizanos. “ Malvados! lhes diziaõ elles, sois vos que nos tendes submergido neste golfo de miseria; talvez nunca tornaremos a ver nossas infelizes mulheres, nossos pobres filhos. Malvados! Um Deus de justiça vos punirá no inferno pelas calamidades, que trouxesteis ás nossas familias, e á nossa patria.”



Quarto Buletim do exercito de Hespanha. Burgos, 15 de Novembro.

S. M. passou hontem revista á divisaõ Marchand. Nomeou os officiaes e sub officiaes mais benemeritos para encher os postos, e distribuio premios aos soldados, que se distinguiram. S. M. ficou muito satisfeito destas tropas, que haviam acabado de chegar das margens do Vistula, sem fazer halto uma só vez. O Duque de Elchingen partio para Burgos. O Imperador passou revista á sua guarda ésta manhaã, na planicie de Burgos. S. M. foi despois vêr a divisaõ de Desolles, e preencheo as vacancias nesta divisaõ.

Os acontecimentos estaõ em preparaçaõ, e tudo vai seguindo seu progresso. Na guerra nada pode ser bem succedido, senaõ o que for resultado de um plano bem combinado.

Entre os prisioneiros havia alguns que tinham nos botões uma aguia revirada, com duas setas, e a divisa “o conquistador da França:” por ésta ridicula fanfarronada, se podem mui bem reconhecer os patricios de D. Quixote. Seria impossivel achar peores tropas, tanto nas montanhas,

como nas planícies. Ignorancia de bobos, anexins desasizados, crueldade para com os fracos, baixeza, e covardice para com os fortes ; tal he a scena que temos perante nos. Os frades e a Inquisição tem submergido ésta nação na barbaridade. Dez mil homens de Infanteria ligeira e dragoens, com 24 peças de campanha, marcharam aos 11 a attacar a retaguarda da divisaõ Ingleza, que se dizia estar em Valladolid. Estes valorosos soldados passaram por 32 milhas de terreno em dous dias ; mas as nossas esperanças se desvanecêram. Nos entramos Palencia, e Valladolid, e avançamos até seis milhas adiante ; não achamos Inglezes, mas achamos abundantes promessas, e seguranças. Entretanto parece certo, que uma divisaõ de suas tropas desembarcou em Coruna, e outra divisaõ entrou em Badajoz no principio deste mez. O dia em que nos encontrarmos com elles será um dia de festividade para o exercito Francez. Oxala que elles humedêçam com seu sangue aquelle continente, que tem desolado com as suas intrigas, seu monopolio, e seu horrivel amor proprio ! Oxalá que, em vez de 20,000 homens fossem elles 80, ou 100,000 ; para que as mãys Inglezas saibam o que saõ as calamidades da guerra, e que o Governo Inglez não continue a entreter-se sempre com as vidas e sangue do Continente.

O machiavelismo Inglez tem empregado as maiores falsidades, e os mais baixos meios, para desencaminhar a nação Hespanhola ; porem a massa da nação, ainda está boa. A Biscaya, Navarra, Castellavelha, e a maior parte de Arragaõ, estaõ bem dispostas. A nação em geral olha, com a mais penetrante dor, para o abysmo, em que está precipitada, e em pouco tempo amaldioçará os authores de tantas calamidades.

Florida Blanca, que está a testa dos rebeldes, he a pessoa que servio de Ministro, com Carlos III ; foi sempre um inimigo jurado da França, e um zeloso partidista da

Inglaterra. He de esperar que elle, no fim de seus dias, descubra os erros de sua vida politica. Elle he um homem velho, que une ao mais cego afferro aos Inglezes, a mais credula superstiçaõ. Os seus confidentes, e amigos, saõ os frades mais fanaticos, e estupidos. Restabeleceo-se a tranquillidade em Burgos, e suas vizinhanças. Ao primeiro momento de furor succedeo a confiança. Os paizanos voltaram ás suas aldeas, e continuam os seus trabalhos.

Quinto Buletin do exercito da Hespanha. Burgos, 16 de Novembro, de 1808.

A sorte do exercito da Estremadura ficou decidida nas planicies de Burgos. O exercito de Galiza, derrotado nas batalhas de Durango, Guines, e Valsameda, foi disperso na batalha de Espinosa. Este exercito éra composto das antigas tropas Hespanholas, que estávam em Portugal, e Galiza, e que deixáram o Porto nos fins de Junho; da Milicia de Galiza, Asturias, e Castella a velha; de 5,000 prisioneiros Hespanhoes, que os Inglezes tinham vestido, e armado a sua custa, e desembarcado em S. Andero; dos voluntarios de Galiza, e Regimentos de artilheria; e das tropas que o traidor Romana levou com sigo do Norte. Este exercito teve o arrojo de tentar o cortar a nossa communicaçãõ com Biscaya. Por dez dias successivos foi acoçado de posto em posto; e por fim aos 10 de Novembro chegou a Espinosa; onde, em ordem a poder salvar a sua artilheria e muniçoens, se formou em linha de batalha, em uma posiçaõ que elles suppunham, que se não podia forçar. As 3 horas da tarde o Marechal Duque de Belluno chegou á frente do inimigo: o Gen. Pachtod teve ordem de atacar, com o seu Corpo, éstas tropas, que abusáram da nossa confiança, e violáram o seu juramento. Em um instante fõram derrotadas, e lançadas do precipicio abaixo. O Regimento do Principe foi de-

struido. O inimigo fez varios ataques, e em todos foi estroçado. Ambos os exercitos ficáram nas suas posçoens durante a noite. Em quanto isto succedia, marchou o Duque de Dalmacia para Reynosa, unica retirada, que o inimigo tinha ; ao romper do dia foi o inimigo atacado tanto na direita, como na esquerda, pelos Duques de Dantzic, e Belluno, ao mesmo tempo que o Gen. Maigon avançou contra o centro. O inimigo fugio, largando as armas, e as bandeiras, e abandonando a sua artilheria. O Duque de Dantzic tomou em Reynosa a sua artilheria, muniçoens, e bagage, e fez alguns prisioneiros. Desta maneira foi o inimigo voltado não só em Reynosa mas em Palencia. Sessenta peças de artilheria fôram aqui tomadas ; e 20.000 homens, ou mortos, ou feitos prisioneiros e dous Generaes Hespanhoes mortos ; todos os soccorros de armas, &c. que os Inglezes lhe mandáram nos cahiram nas mãos. Blake salvou-se acolhendo-se ás montanhas das Asturias. Romana, com alguns poucos mil homens vai marchando para S. Andero.—A nossa perca nestas batalhas he mera bagatella, pois não excede 30 mortos, e 200 feridos.



Sexto Buletin.

Burgos, 18 de Novembro.

Dos 40.000 homens, que compunhaõ o exercito da Galiza, parte foi morta, parte tomada, o resto foi disperso. Os residuos chegam todos os dias aos nossos postos. O Gen. de Divisaõ Dacho fez 500 prisioneiros juncto a Vassancellos.—O Coronel Tascher, que commanda o primeiro Regimento de caçadores, atacou a escolta do Gen. Hespanhol Acovedo ; e havendoas tropas, que acompanhavam esta escolta feito alguma resistencia, fôram passados á espada.—O Gen. Bonnet, com a sua divisaõ, encontrou a vanguarda de uma columna de fugitivos, que consistia de 2.000 homens, dos quaes parte foi tomada, e parte destruida :

—O Marechal Duque de Istria, que commanda a Cavallaria do exercito, entrou em Aranda aos 16 do mez pelo meio dia. As nossas partidas avançadas de cavallaria adiantaõ-se á esquerda, até Soria e Madrid, e á direita até Leaõ e Zamora.—O inimigo evacuou Aranda, com a maior precipitaçaõ, deixando la 4 peças de artilheria, um consideravel provimento de biscoito, 40.000 quintaes de graõ, e uma quantidade de panno.—Em Reynosa acharam-se muitas fazendas Inglezas, e uma grande quantidade de provimentos de toda a casta. Os habitantes de Montana e de toda a planicie de Castella, que se estende até Portugal, e da Provincia de Soria, detestam e amaldiçaõ os authores da guerra, e affincadamente pedem paz a socogo.—Vinte mil fardos de laã, que valem de 15. a 20 milhoens, fõram confiscados em Burgos, e mandados para Bayona.

◆

Septimo Buletin. Burgos, 20 de Novembro, 1808.

Aos 16 entrou em S. Andero a vanguarda do Marechal Duque de Damaltia; e se achou neste lugar uma grande quantidade de farinha, muniçoens, e fazendas Inglezas.—O Bispo de S. Andero, animado mais pelo espirito diabolico doque pelo do Evangelho, e que anda sempre com uma espada ao lado, refugiou-se a bordo das fragatas Inglezas.—A cavallaria do Gen. Lajale adiantou os seus postos avançados até Samosierra. Os Regimentos de Zamora e Princeza, que formávam parte da divizaõ de Romana, estaõ quasi inteiramente annihillados.

◆

Oitavo Buletin. Burgos, 22 de Novembro, 1808.

O Duque de Dalmacia, continuando a seguir as suas victorias com a maior actividade.—Hum Comboy de artilheria, muniçoens, e espingardas Inglezas, foi tomado no porto de Cunilar, ao momento em que as embarcaçoens estavam a fazer-se a vella.—O Gen. Surrat, á frente de sua brigada, continua a perseguir vigorosamente o inimigo.

Elle ja passou Montana, e entrou nas Asturias. As companhias ligeiras do Regimento 36 tomaram, no porto de Santilhana, um Comboy Inglez carregado de assucar, café, algodão, e outros productos coloniaes. O numero de navios Inglezes, ricamente carregados, que se tem tomado nesta costa sobe ja a vinte e cinco.—O Septimo corpo do exercito de Hespanha, commandado pelo Gen. Gouvion S. Cyr, principiou ja as suas operaçoens. Rossas foi investida, aos 6 de Novembro, pelas Gen. Reille, e Peno; e os Italianos tomaram as alturas de S. Pedro. Occupava o porto de Selva um grande numero de Miqueletes, e Inglezes; fôram estes atacados pelo Gen. Fontana, á testa dos tres batalhoens de infantaria ligeira, e lançados ao mar com perca de 10 peças de 24, quatro das quaes éram Inglezas, e não tivèram tempo de as embarcar.—Aos 8, fez a guarnição de Rosas uma sortida, em 3 columnas, protegidas pela artilheria dos navios Inglezes. O Gen. Mazuchelli matou 600 do inimigo, e repulsou, e resto.—Suppoem-se que o Quartel gen. se moverá de Burgos no decurso desta noite.

Nono Buletim.

Aranda, 25 de Novembro, 1808.

O systema militar parece haver sido o seguinte. A esquerda estava o exercite de Galiza, metade do qual éra composto de tropas de linha, e de todos os recursos de Galiza, Asturia, e Leaõ.—No centro estava o exercito da Estremadura, que as tropas Inglezas promettêram ajudar, e que éra composto de tudo que podia fornecer a Estremadura e as provincias vizinhas.—O exercito de Andaluzia, Valencia, Castella nova, e Aragaõ, que se diz subir a 80.00 hemens, occupava, aos 23 de Novembro, Calahora, Tudela, e as margens do Aragon; e éra composto das tropas, que formávam o campo de S. Roque, e de toda a força de Andaluzia, Valencia, Carthagenas, e Madrid; he contra este exercito, que as tropas Francezas agora

manobram ; o resto foi disperso, e destruido, nas batalhas de Espinosa e Burgos.—O quartel-general mudou-se aos 22 de Burgos para Lerma, e aos 23 de Lerma para Aranda.—O Duque de Elchingen marchou aos 22 para Soria. Desarmou-se a Cidade, e nomeou-se um comittè de pessoas bem affectas, para a administracção da Provincia. O Duque está agora em Medina Celi, e as suas tropas ligeiras cruzam o caminho de Saragoça a Madrid. Aos 22 os Duques de Montebello e Corneigliano formáram a sua junção na ponte de Lodosa.—Aos 24 o Duque de Beluno mudou o seu quartel-general para Venta-Goméz.—Quasi todos os caminhos de communicacção entre Madrid e as provincias Orientaes estão interceptados pelas nossas tropas, cujas partidas ligeiras tem apanhado grande numero de correios, e malas. Em Madrid parece está agora tudo na maior confusão, e o povo anciosamente deseja o restabelicimento daquella tranquillidade e paz, de que a nação tem sido privada, pela pueril arrogancia, e criminoso artificio de uns poucos de intrigantes. Parece que he difficil, que o exercito, que forma a direita do inimigo, e está agora nas margens do Ebro, possa retirar-se a Madrid ou ao Sul da Hespanha ; os acontecimentos, que agora se preparam provavelmente decidirão a sorte desta outra metade do exercito da Hespanha. Por estes 3 dias temos tido o tempo humido, e nebuloso. Esta estação he mais prejudicial aos naturaes do paiz, do que a homons acustumados aos climas do norte. O Gen. Gouviou S. Cyr continua a adiantar vigorosamente o cerco de Rosas.

O decimo buletim he datado de Aranda, 26 de Novembro, e diz que a força effectiva dos Hespanhoes he de 130.000 homens.—Foram ja dispersos ou inhabilitados de combater 80.000 homens effectivos, e destes 80.000, 60.000 estavam armados, e compunham o exercito de Galiza e da Estremadura, commandados por Blake, Romana, e Galuz-

zo.—O exercito de Andaluzia, de Valencia, de Castella a Nova, e Aragaó, commandado por Castaños, Peña, e Palafox, e que igualmente consistia de 80.000; isto he 60.000 armados, bem depressa encontrará com a sua sorte, pois o Duque de Montebello recebeu ordens para atacar em frente, com 30.000 homens, em quanto os Duques de Elchingen e Belluno, se postavam pela retaguarda. Alem destes ha mais 60.000 homens effectivos (dos quaes 40.000 saõ armados) destes estaõ 30.000 na Catalunha, e 10.000 em Madrid, Valencia, e outros lugares.—O Imperador antes de marchar para alem do Douro, tinha tomado a resoluçãõ, de anniquillar os exercitos do centro, e esquerda, e depois servir pela mesma maneira o da direita, commandado pelo Gen. Castaños. Quando este plano estiver executado a marcha para Madrid naõ sera mais do que um passeio. Este grande plano estarã ja agora executado.

Undecimo Buletin. Aranda del Duero, 27 de Novembro.

S. M. fez partir, a 19 do Corrente, o Marechal Duque do Montebello, com instrucçoens para os movimentos da esquerda, de que lhe deo o commando. O Duque de Montebello e o Duque de Corneigliano, concertãram juntamente as suas medidas em Lodosa, aos 20, para a execuçãõ das ordens de S. M.—Aos 21 a divisaõ do Gen. La Grange, com a brigada da Cavallaria ligeria do Gen. Colbert, e a brigada de Dragoens do Gen. Dijon, sahio de Logroño, pela direita do Ebro, abandonando todo o paiz, entre o Ebro e Pamplona.—Aos 22 ao amanhecer principiou o exercito Francez a sua marcha; e tomou a direcçãõ de Calahorra; aonde, na noite precedente, havia estado o Quartel General de Castaños: achou-se aquelle lugar evacuado, e ao depois marcharam sobre Alfaro, donde o inimigo se havia tambem retirado. Aos 23, ao romper do dia, o Gen. Lefebvre à frente da Cavallaria, e auxiliado pela divisaõ do Gen. Morley, que formava a guarda

avançada, se encontrou com o inimigo. Deu immediatamente parte disto ao Duque de Montebello, que achou o exercito do inimigo em 7 divisoens, que consistiam em 45.000 homens, debaixo d'armas, com a sua direita diante de Tudela, e a esquerda occupando uma linha de legoa e meia; disposiçaõ ésta absolutamente má. Os Aragonезes estávam na direita, e as tropas de Castella nova, e Valencia, no centro, e as tres divisoens de Andaluzia, que o Gen. Castañõs commandava mais especialmente, formávam a esquerda. Quarenta peças de artilheria cubriam a linha do inimigo.—A's 9 da manhaã, as columnas do exercito Francez se começaram a desenvolver, com aquella ordem e regularidade, e sangue frio, que caracteriza tropas veteranas. Escolhêram-se as situaçoens para estabelecer as baterias, com 60 peças de artilheria: mas a impetuosidade das tropas, e a inquietação do inimigo, não lhe deo tempo a fazello. O exercito Hespanhol ja estava vencido, pela ordem e movimentos do exercito Francez. O Duque de Montebello mandou, que a divisaõ do Gen. Mauricio Mathieu, penetrasse o centro. O Gen. de divisaõ Lefebvre, com a sua cavallaria, passou immediatamente, a trote, por ésta abertura, e cercou, por um quarto de conversão sobre a esquerda, toda a direita do inimigo.—Logo que ametade da linha do inimigo se achou voltada, e desfeita, o Gen. Lagrange atacou o lugar de Cascante, aonde estáva postada a linha de Castañõs: a qual não fez melhor face do que a da direita, pois abandonou o campo de batalha, deixando ficar a sua artilheria e um grande numero de prisioneiros. A cavallaria perseguio os restos do exercito do inimigo até Malem, na direcção de Saragoça, e até Tarracõna, na direcção de Agreda: tomáram-se, nesta acção 7 estandartes, 30 peças de artilheria, com todos os seus petrechos, 12 coroneis, 300 officiaes, e 3.000 homens, 4.000 ficáram, ou mortos no campo da batalha, ou expulsados para o Ebro. A nossa perca foi insignificante; só tivemos 60 homens mortos, e 400

feridos, entre estes he o Gen. de divisãõ Lagrange, que recebeu uma balla em um braço.—As nossas tropas acháram em Tudella grande numero de muniçoens.—O Marechal Duque de Cornegliano, principiou a sua marcha sobre Saragoça.—Em quanto parte dos fugitivos se retiravam para este lugar, a esquerda, que tinha sido cortada, fugio em desordem para Tarracona, e Agreda. O Duque de Elchingen, que estava aos 22 em Soria, se deveria achar aos 23 em Agreda, e entãõ nem um so homem escaparia: mas estando este corpo demasiado fatigado, ficou em Soria nos dias 23 e 24. Chegou a Agreda aos 25, ainda em tempo para lançar mãõ das muniçoens.—Um tal Palafox, que tinha sido da guarda de corpus, homem sem talentos e sem coragem, uma especie de frade insignificante, um verdadeiro cabeça de partido, que lhe deo o nome de General, foi o primeiro que fugio: naõ he a primetra vez, que elle assim obra: tem feito o mesmo em todas as occasioens.—Demaneira que este exercito de 45,000 homens foi vencido e derrotado, sem que nós empenhassemos na açãõ mais de 6.000 homens.—A batalha deBurgos ferio o centro do inimigo, a batalha de Espinosa a direita: a batalha de Tudella tem ferido a esquerda. Assim tem a victoria ferido, como um raio, e disperso toda a liga do inimigo.

Relaçãõ de 18 de Novembro, no cerco de Rosas.—Abrãram-se as trincheiras, juncto a Rosas, defronte do bastiaõ á direita do ataque, ás 8 horas da noite. A parallella he de 14 a 15 toezas de comprimento, 500 metros distantes da praça. Involve o bastiaõ numero 5, da frente do ataque, e se estende até o mar; construiu-se uma bateria na retaguarda desta parallella, aonde se devem pôr seis morteiros. A construcçãõ da parallella e bateria foi interiormente occulta ao inimigo, que naõ attirou um so tiro para a impedir. Guarneçêram-se as trincheiras ao amanhecer. Aos 16, e 17 a companhia de gastadores Italianos, auxiliada por um destacamento de Infanteria,

concertou a estrada, que vai ter ao forte de Rossas; de maneira, que ficou capaz de se poder transportar a artilheria pezada, para aquelle ponto. Aos 18 se construiu uma bateria para batter o dicto forte.—Esta obra foi dirigida e se fez debaixo da inspecção de M. Rugini, um official Italiano do corpo de Engenheiros, e de M. Lafitte um Engenheiro Francez.—RIBAS, Coronel de Engenheiros. Quartel-general, Palau, 19 de Novembro, de 1808.

Duodecimo Buletim. Aranda, 21 de Novembro, 1808.

Na batalha de Tudela o Gen. de divisãõ Lagrange, encarregado de atacar Cascante, mandou marchar a sua divisãõ em escaloens, e se postou, em pessoa, a testa da primeira divisãõ, composta do Regimento 25 de Infantaria ligeira, que arremetteo o inimigo com tal impeto, que no primeiro ataque de bayoneta ficaram mortos 300 Hespanhoes. As outras divisõens naõ pudéram vir a tempo. Esta singular intrepidez derramou a consternação e desordem entre as tropas de Castaños. Foi a este momento que o Gen. Lagrange que estava á frente do primeiro escalaõ, recebeu uma balla, que o ferio perigosamente. Aos 26 avançou o Duque de Elchingen por Tarragona até Borja, o inimigo destruiu 60 carros manchegos, que tinha em Tarragona.—O Gen. Mauricio Mathieu chegou a Borja aos 25, perseguindo o inimigo, e tomando-lhe a todos os momentos, prisioneiros, os quaes ja chegam a 5.000, e tudo saõ tropas de linha. Naõ se deo quartel a nenhum paizano, que se achava armado. Tomamos 36 peças de artilheria. Os seus chefes estaõ desordenados, e delirantes. O seu primerio procedimento foi um violento manifesto, em que elles declaravam guerra á França. A ella imputávam todas as desordens da sua Corte, a degeneração da familia reynante, a vileza dos grandes, que por muitos annos se tem prostrado, da maneira mais abjecta, aos pes

do idolo a quem, agora que está derrubado, dirigem toda a sua raiva. Na Alemanha, Italia e França faz-se uma idea mui errada dos frades Hespanhoes, comparando-os aos frades que existem nestas terras. Nós achamos entre os Benedictinos, Bernardinos, &c. em França e Italia, uma multidão de homens, notaveis em sciencia e literatura; e que se distinguem por sua educação, e pela honrosa e util classe a que pertencem. Os frades hespanhoes, pelo contrario, são tirados das fezes do povo, são ignorantes, bebados, e so se podem comparar á gente que se emprega nos açougues: são ignorantes, e tem as mesmas maneiras delles: he somente sobre a classe infima que tem influencia. Um cidadão se julgaria deshonrado, se admittisse um frade á sua meza. Quanto aos desgraçados paizanos, so os podemos comparar aos Fellahs do Egypto: não tem propriedade alguma; tudo pertence aos frades, ou a alguma casa poderosa. A liberdade de ter uma estalage, he um direito feudal; e ainda assim em um paiz tão favorecido pela natureza não achamos nem postas nem estalagens: os tributos tem-se allienado, e pertencem aos Senhores. Os Grandes tem degenerado a tal ponto, que estão sem energia, sem merecimento, e até sem influencia. Todos os dias achamos em Valladolid, e alem d'elle consideraveis depositos d'armas: os Inglezes executáram aquella parte dos seus ajustes: elles promettêram espingardas, punhaes, e libellos; isto mandáram com profusão. O seu espirito inventor se assignalou; e tem levado mui longe a arte de espalhar libellos, assim como ultimamente se tem distinguido pelos seus fogos artificiaes. Todos os males, todas as pragas, que podem affligir o genero humano, vem de Londres.

Decimo terceiro Buletin. S. Martim, juncto a Madrid, 2 de Dezembro, de 1808.

Aos 29 do passado se mudou o Quartel-general do Imperador para a villa de Bozeguillas. Aos 30 ao amanhe-

cer, se apresentou o Duque de Belluno nas fraldas de Samosierra. Defendia ésta passagem das montanhas uma divisaõ do exercito de reserva Hespanhol, que constava de 13.000. O inimigo suppunha que a sua posiçaõ se não podia attacar : tinha-se entrincheirado na passagem estreita, chamada Puerto, com 16 peças de artilheria. O Regimento 9 de infantaria ligeira marchou sobre a direita, o 96 sobre a estrada elevada, e o 24 seguiu pelo lado das montanhas á esquerda. O Gen. Senarmont, com seis peças de artilheria, avançou pela estrada elevada. A acçaõ começou com o fogo da mosqueteria, e artilheria ; um ataque, feito pelo Gen. Montbrun, á frente da cavallaria ligeira Polaca, decidio a acçaõ. Foi esta a mais brilhante, e este Regimento se cubrio de gloria, e mostrou que éra digno de formar parte da guarda Imperial. Estandartes, bandeiras, armas, soldados, tudo foi tomado, ou feito em pedaços. Oito da cavallaria ligeira Polaca fôram mortos sobre a artilheria ; e 16 ficáram feridos. Entre estes he o Capitaõ Dzievanski, que foi ferido perigosamente, e não da esperanças de viver. O Major Segur Marechal (apresentador mor) da Casa do Imperador, atacou entre os Polacos, e recebeu muitas feridas, uma das quaes he mui grave. Os fructos desta brilhante acçaõ fôram, 16 peças de artilheria, 10 bandeiras, 30 caixas cubertas, e 200 carros carregados com toda a casta de bagagem. Entre os prisioneiros, que são mui numerosos, se acham todos os Coroneis e Tenentes Coroneis do corpo da divisaõ Hespanhola. Todos os soldados seríam tomados se não largassem armas, e fugissem dispersos pelas montanhas. No 1 de Dezembro estáva o Quartel-general do Imperador em S. Agostinho : aos 2 o Duque de Istria, com a cavallaria, commandava as alturas de Madrid ; a infanteira não podia chegar antes do dia 3. As noticias, que se tem recebido daõ lugar a crer, que esta Cidade está soffrendo toda a sorte de desordens, e que as portas se entupiríam. O tempo está mui favoravel.

Cerco de Rosas. Trincheiras 21 e 22 de Novembro 7^{mo}. corpo, 2^{da}. brigada.

Durante o dia continuou a formaçãõ da parte circular em frente da bateria N. 2. melhorou-se a parallella, e completou-se nas partes mais difficeis; e ficou feito quasi todo o parapeito ao longo do que se havia cavado: ao romper do dia principiamos a trabalhar na communicaçãõ da bateria N. 1. e ás 9 horas estava acabada. Trabalhou-se todo o dia na communicaçãõ, que se marcou nas vinhas.—As 5 hõras os Senhores Lenoir e Soleirol foram reconhecer o ataque da esquerda, com o Major das trincheiras; era necessario cavar uma extensãõ de 700 metros. As 6 e meia chegãram as tropas às trincheiras; a saber o Regimento 56, a Legião 5, e um batalhaõ do 6 Italiano.—O Gen. Jouba mandou aos granadeiros, e volteadores (*vol-tigeurs*) do 56, e tambem os volteadores Italianos, que se postassem na frente do ataque á direita, demaneira que as tropas, destinadas para o ataque da esquerda, consistiam das tres companhias da Legião, e o centro do 6 Italiano.—A's 8 horas avançamos no ataque da esquerda, e começaram as obras immediatamente. A situaçãõ no nosso posto, em frente da parallella, fez desnecessario empregar tropas para proteger os trabalhadores, foram estes distribuidos, parte juncto á parallella antiga, que servia como linha de communicaçãõ, á extençãõ de perto de 500 passos, e o resto juucto á casa, que se queimou, havendo os meios de retirada pelos caminhos, escavados, que se estendiam ao mesmo comprimento.—A's 2 horas mandou o Gen. Jouba buscar a terceira companhia da Legião, e ás 6 fez retirar os volteadores Italianos.—De manhaã foi cuberta a legião que estava postada á direita. O inimigo durante o dia, attirou 368 ballas, durante a noite 10. Houve 6 homens mortos e feridos.

(Assignado) RIBES, Coronel de Engenheiros.

Hespanha.

Aranjuez, 12 de Novembro. O Conde de Florida Blanca recebeu a seguinte carta do Marechal de Campo, Conde de Belveder.

SERENISSIMO SENHOR. Apenas cheguei a Burgos, quando fui atacado pelo inimigo; duas vezes o repulsei; mas hoje, depois de suster o seu fogo por 13 hõras, carregáram sobre mim com dobrada força, particularmente em Cavallaria, que julgo ser cousa de 3.000, e ao menos 6.000 infantes. Não obstante haverem as minhas tropas defendido valorosamente o terreno, durante todo aquelle tempo, não pudéram com tudo resistir á cavallaria do inimigo, e eu me ví obrigado a retirar-me para Lerma, donde partirei para Aranda a concentrar o meu exercito.

O Marechal de campo D. João de Henestrosa, que commandava na acção, se comportou com tal valor, e honra, que se fez conspicuo a todo o exercito. Transmitirei a V. A. Serenissima as particularidades, por um official, logo que as possa saber. Os voluntarios de Lerena, Zafia, e Valencia, o primeiro batalhaõ de infantaria de Truxilo, e todos os Paizanos de Badajoz, não tinham ainda chegado a Burgos, e consequentemente, com o auxilio deste corpo me poderei manter em Aranda. Dizem-me que he pequeno o numero do inimigo, que vem agora em meu alcance; mas temendo que venham avançando sobre mim á manhaã, faço tencaõ de marchar daqui immediatamente. Saõ agóra 10 horas da noite.

Hontem mandei avizo ao Tn. Gen. Blake de que eu tinha receio de que fosse atacado hoje; mas o inimigo frustrou as disposiçoens e precauçoens que eu tinha tomado, principiando o ataque ás 11 horas da noite. Deus guarde a V. A. muito annos. Lerma 10 de Novembro, de 1808.

CONDE DE BELVEDER.

Ao Serenissimo Senhor Conde de Florida Blanca.

Aranjuez, 14 de Novembro. O Secretario de Estado da Repartição de guerra, recebeu a seguinte carta do Ten. Gen. D. Joaquim Blake, datada de Valsamedá.

EXCELLENTÍSSIMO SENHOR. Em ordem a assegurar os meios de reconcentrar as minhas forças, materia de importancia em todas as occasioens; e mais particularmente nas circumstancias de ser o meu exercito atacado por um taõ superior em numero, e chegar-me á unica estrada porque podia obter os meios de subsistencia. Aos 3 do corrente determinei unir as diferentes divisioens, incluindo a do Norte, que havia acabado de chegar na visinhança do pequeno lugar de Nava. Formáram todos a sua junçãõ, excepto a segunda divisaõ de Galiza, e uma parte das tropas das Asturias, que formávam um corpo, debaixo do commando de S. Ex. D. Vicente Acevedo. Este corpo foi atacado pelo inimigo, seperior em forças, aos 3 do corrente entre Llameno e Menagarai; e o inimigo, posto que vigorosamente rechaçado, tomou uma posiçaõ entre os corpos commandados pelo Senhor Acevedo, e o exercito; apparentemente, e conforme aos avizos, que tive, com a esperanza de um reforço em ordem a impedir que Acevedo formasse a junçãõ commigo. Esta informaçãõ me chegou na manhã do dia 4. Vi logo a necessidade que havia de um movimento decisivo contra o inimigo: em consequencia dei ordem para que na mesma noite a terceira divizaõ commandada pelo Brigadeiro D. Francisco Riquelme, com um dos corpos das Asturias commandado pelo Marechal de Campo D. Gregorio Queiroz, fosse buscar, e atacasse o corpo do inimigo, que interceptou a passagem de Acevedo; que a 4 divisaõ e a guarda avançada marchassem para Valsamedá com o fim de atacar aquellas tropas do inimigo, com quem pudessem encontrar, que a 1, e a reserva, marchassem, debaixo de meu immediato commando, para Gordejuela, a fim de cortar a communicaçãõ entre as diferentes divisioens Francezas; e

finalmente, que o Corpo do Norte ficasse postado em Berron como uma reserva geral.

Ao momento de começar a nossa marcha, recebi avizo de que o Corpo do Senhor Acevedo tinha podido mudar a sua posicaõ, tomado uma nova, e muito vantajosa, entre Gordejuela, Valsameda, e Orranta, porém, que o inimigo em numero mui consideravel, se occupava ainda em vigiar os seus movimentos. Esta nova disposiçaõ do Sr. Acevedo necessariamente me levou a fazer alguma alteraçaõ na minha. As tropas, commandadas pelos Senhores Queiroz e Riquelme, tivéram, em consequencia, ordem de atacar o inimigo, que, pelos signaes que havia dado, e pelas informaçoens de alguns paizanos, se suppunham estar em Arciniega. Julgava-se que o seu corpo principal estava em Orrantia, e eu tomei sobre mim o desalojálo dali, com a primeira, com a guarda avançada, e com a reserva. A 4ta debaixo do commando, interino, do Brigadeiro D. Estevaõ Portier, por se achar indisposto o Marquez del Portasgo, seguiu o seu destino original para Valsameda, porém debaixo da precauçaõ de não atacar, se se encontrassem com força superior.

Verdadeiramente não sei a que possa attribuir a resoluçaõ que tomáram os Francezes, de retirar as suas forças do Corpo de Acevedo, porém he certo, que, em Orrantia e Arciniega nos só encontramos noticias de sua retirada, a qual effectuáram na mesma noite; e assim as divizoens, que tínhamos em vista salvar felizmente se nos ajunctáram. A 4ta divisaõ, com tudo, foi mais feliz do que as outras; porque, chegando aos suburbios de Valsameda, onde havia 7.000 inimigos commandados pelo General de Divisaõ Villat, atacáram com o maior impeto, e os expeliram do lugar perseguindo-os por mais de uma legoa, então fizéram halto, em consequencia de chegar a noite. O inimigo fugio na maior desordem tendo soffrido grande perda em mortos, e feridos; e tambem lhe tomamos 40 prisioneiros.

ros, e entre estes um official; deixáram em nossas mãos uma peça de 4, e dous carros de munição, capazes de servir; cinco carros de bagagem, e de mantimentos, alguns dos quaes pertenciam ao trem do General; e a este pertenciam tambem os papeis, e um grande numero de outros artigos, que fóram despojo nosso. O que contribuiu muito para decidir ésta brilhante acção foi a rapidez, e ardor com que alguns corpos de Asturianos, e da 2da divisaõ de Galiza descêram a Valsameda ao instante em que observáram a contenda em que a 4ta divisaõ começava a empenhar-se. Este, e o acima dicto corpo, tem adquirido um indisputavel direito á estimação de seus compariotas—direito que na verdade pertence indistinctamente a todos os nossos inimitaveis soldados, que, desde 23 do passado, tem estado ao tempo, durante as chuvosas noites, e a inclemencia do ar, sem chapéos, e uma grande parte delles sem vestidos, e até sem çapatos nem meias, e o que mais he sem comida, e se submettêram com a maior presteza as grandes fadigas, sem inostrar o menor symptoma de descontentamento, em taõ extraordinarias necessidades, e sem manifestar outro desejo mais do que o de destruir o inimigo com o sacrificio de suas vidas.

Tenho transmittido o acima dicto a V. Ex. para que se sirva communicar o mesmo a S. M. Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Valsameda, 7 de Novembro, de 1808.

JOAQUIM BLAKE.

Ao Secretario de Estado da Repartição de Guerra.

EXCELLENTISSIMO SENHOR. Achando-me sem informaçãõ positiva, a respeito das forças, e situaçãõ do inimigo, que era indispensavelmente necessario que eu obtivesse, para o fim de regular as minhas operaçoens, marchei hontem com a primeira e segunda divisaõ, na direcçãõ de Guenes, e ordenei á guarda avançada, que marchasse par

Gordejuelo até Sodupe. O corpo de tropa debaixo do meu immediato commando se encontrou logo com 4 regimentos Francezes, que formávam uma força effectiva de 8.000, e se fez então um fogo, que durou todo o dia, sem vantagem de nenhuma das partes. Juncto á noite o inimigo se retirou um pouco; e nós suspendemos o movimento, que havíamos começado a fazer, da direita para a esquerda, com as vistas de os attacar em nova direcção.

Teríamos executado o nosso meditado ataque, esta manhã com todas as apparencias de bom successo, se a extrema inclemencia da noite, e a exhausta condição da tropas, por falta de mantimento e fadiga intoleravel, me não obrigassem a procurar-lhes abrigo, descanso, e alguma comida. Por tanto fiz retirar as tropas outra vez para o quartel General, um pouco antes de ser manhã.

A força do inimigo se tem verificado pelas declarações de alguns prisioneiros; assim como tambem que o Marechal Lefebvre commandou na acção. Sube que a vanguarda foi atacada por 5.000 homens; e que, depois de defender o terreno com a sua usual firmeza, a noite pos fim ao combate.—Communicando esta informação a V. Ex. e pedindo-lhe, que tenha a bondade submeter a mesma á consideração de S. M. não posso deixar de fazer menção, nos termos mais elevados, do valor, constancia, e paciencia debaixo da fadiga e faltas do necessario, que fizéram com que se distinguisse o patriotismo, que manifestáram os Chefes, Officiaes, e soldados. Não devo omittir, que do numero dos feridos he o Senhor Birch, Capitão no serviço de S. M. Britannica, um official de distincta instrucção, e determinada resolução, que não deixou o campo até, que as tropas o leváram para fóra. Fui tambem ajudado pelo Ten. Coronel o Senhor Carol, o qual, por 3 mezes continuados tem acompanhado este exercito naquelle posto, tendo parte em todas as acções, e dando, em todas ellas

exemplo de valor. Deus guarde a V. Ex muitos annos.
Quartel-general de Valsámeda, 8 de Nov. 1808.

JOAQUIMBLAKE.

Ex^{mo}. Senhor Secretario de Estado
da Repartição da Guerra.

A seguinte relação se publicou em Coruña aos 23 de Novembro, por ordem do Governo.

O nosso exercito, que apenas se tinha formado, quando procedeo a obrar em defeza do interior deste Reyno, se achou, depois da acção de Rio Seco, completamente organizado, e tomou uma posição a mais vantajosa para a defeza geral da Peninsula, e a mais judiciosa para a especie de operaçoens de que era capaz, a falta de cavallaria, fazia com que não pudesse obrar nas planicies. Por uma marcha bem concertada, rapida, e bem succedida, tomou a sua posição nas montanhas de Reynosa, e immediatamente depois de apertar o inimigo, e forçallo a retirar-se para as montanhas de Biscaia, se postaram em Sornosa, 3 leguas de Durango. As evoluçoens do nosso exercito atrahiram toda a attenção do inimigo, que havendo recebido numerosos reforços, o atacou naquella posição com forças dobradas das suas. Nesta acção se comportáram os nossos soldados com o maior valor, e arte; retirando-se aos 13 do corrente, (como ja o publico sabe) para Valsámeda, para evitar o verem-se cercados por uma força superior.

Depois daquella data não temos recebido noticias: mandou-se um correio expresso, para trazer a relação das operaçoens, e posição do exercito, mas ainda não voltou. No emtanto, Mr. Broderick, um Gen. no serviço Inglez, recebeu um expresso do exercito, e nos communicou as seguintes particularidades, que apresentamos ao publico não havendo ainda recebido nenhumaes. Segundo esta conta, o Gen. Blakc atacou os Francezes no dia 5,

e os repulsou por uma consideravel distancia alem de Val-samedá, e Urrutia. Aos oito houve alguma peleja na retaguarda. Aos 10, atacou o inimigo o nosso exercito em Espinosa com força dobrada; a acção durou desde a uma hora da tarde até que escureceo, e entã ficou indecisa, ou antes terminou em nosso favôr. Renovou-se o attaque aos 11; e havendo o inimigo occupado o caminho por onde se devia fazer a nossa retirada, commerçaram algumas das nossas tropas a debandar-se. Aos 19 se retirou o Gen. Blake para Reynosa, para concentrar o seu exercito; porrem havendo o inimigo atacado-o outra vez naquella posição, com uma successão continua de tropas frescas, em forças superiores, o nosso exercito se retirou para um vale juncto na Santander. O official, que communicou estas noticias, dá os maiores louvores a todas as nossas tropas, e a seu capacissimo Chefe, que tem feito ou sofrido sette ataques, com o maior valor, e seguramente não pode haver uma prova mais distincta do seu valor do que o factó que se referio. Aindaque o Governo confidamente espera, que o nosso exercito, ao momento em que as tropas se concentrarem, attacará outra vez o inimigo; com tudo segundo as mesmas noticias, uma divisãõ de 7 a 8.000 homens penetrou pelo caminho de Burgos até as planicies de Reynosa, em ordem a estar preparado, com segurança, contra tudo que possa acontecer; e daqui vem que se dêram ordens para se fortificar sem perda de tempo o posto de Samabria; ordenaram tambem á divisãõ commandada pelo Marques de Valladares, e todas as tropas na provincia, que marchassem para as fronteiras do nosso Reyno, e que o exercito de reserva se forme immediatamente, e obre em conjunção com as tropas de S. M. Britannica, em defeza de Reyno, que he e tem sido o objecto de sua vigilante attenção.

Coruna, 24 de Novembro. Pelo Guia Cástro, que aqui chegou na noite de 22, soubemos a situação dos generaes e seus exercitos até os 13 do corrente.

A 7 do mez esteve com o Snr. Castaños em Tudela. O exercito de Aragoão estáva aquartelado em Cinco villas, e se estava preparando para attacar o inimigo em Pampe-lona. O Snr. Castanhos, com o exercito da Andaluzia, teve uma acção em Logroño, em consequencia do de Cas-tella se haver retirado. Aos 10 esteve o guia com o Conde de Belveder, em Burgos, onde teve 5.000 homens mortos. Os Francezes estávam ja nas vizinhanças da-quella Cidade, e em numero mui superior; aos 13 tinham effectivamente entrado em Aguilar del Campo, e o exer-cito de Belveder retrocedeo para Aranda do Douro. A mesma pessoa refere, que a columna do inimigo, que se havia avançado, se retirou subsequentemente para Burgos. Diz mais que a nossa perca em todos os ataques foi mui inconsideravel, e que aos 10, nos deixamos 7.000 Francezes, estendidos no Campo da batalha, em Espinosa. Alem disto segurou-se a artilheria em Reynosa, e só deixamos algumas poucas peças em Espinosa. Communicamos es-tas noticias, para que o publico possa conhecer que da nossa parte se não poupam trabalhos para alcançar noti-cias; e porque consideramos a este guia como uma pessoa digna de credito, ainda que não ficamos por todas as par-ticularidades. Elle encontrou a primeira divizaõ dos In-glezes em Banexa, e diz que o resto se avançava com mar-chas forçadas.

Coruna, 26 de Novembro. Por cartas recebidas hontem sabemos, que a artilheria do exercito da Estremadura se salvou toda, pela louvavel actividade do Tne. Coronel D. Henrique Canseco; e da mesma forma o Tne. Coronel D. Miguel Valedor levou para Leon a artilheria e muniçoens, que estávam em Reynosa. Considerando a actividade, prudencia, e sagacidade, necessarias para a execuçaõ destes particulares serviços, não podemos deixar de lou-var todos aquelles dignos officiaes, e principalmente os do Corpo da artilheria Real. A retirada do nosso exercito

para Leão desconcerta todas as medidas do inimigo, o qual ao momento em que souber da nossa junção com o exercito Inglez e dos reforços que havemos mandar com toda a promptidão para o fazer ainda mais formidavel, abandonará toda a extenção do paiz que occupa, se quizer evitar ver-se cercado e obrigado a render-se. Este ponto de uniaõ he o unico que deviamos ter tomado, no caso de que o inimigo penetrasse pelo caminho de Burgos, em consequencia da falta que temos de cavallaria para pelejarmos em campo razo. Mas pela junção dos dous exercitos nos exhibiremos um respeitavel corpo de cavallaria; as nossas forças seraõ organizadas, e se effectuará uma junção, para segurar as planicies e proceder a expelir o inimigo de Burgos.

Aranjuez, 17 de Novembro. O Gen. Blake, em uma carta de Espinosa de 10 do corrente, diz que, vendo a impossibilidade de se manter em Biscaya, por causa da falta de mantimentos, e meios de subsistencia do exercito, que começava a sentir-se, determinou retirar-se com o seu exercito daquelle paiz, em ordem a procurar um suprimento de provisoes, e dar algum descanso ás tropas. Estando a ponto de executar esta determinação, o inimigo, em numero de 14 a 15.000, appareceu em frente de Val-sameda aonde estâvam postadas a primeira e segunda divisaõ, e as tropas Asturianas. Portanto ordenou, que algumas tropas occupassem as posiçoens defensíveis, como se intentasse sustentar a posse do lugar; e depois de fazer alguma apparante e leve defenza, retrogradar immediatamente sobre o resto, que desfilava para Nava. Ao mesmo tempo a terceira divisaõ, que estava postada em Orrantia, foi atacada por uma força consideravel; indubitavelmente com a intençaõ de lhe cortar a retirada para Nava. Porém sendo o inimigo repellido, com grande perda, por ésta divisaõ, que foi promptamente auxiliada pela guarda avançada e reserva, que lhe ficâvam proximas, effectuaram a

junção com os outros corpos em Nava, e o todo desfilou para Espinosa de los Monteros; o corpo do Norte formava a retaguarda debaixo do commando do Brigadeiro Conde de S. Romão.

O Gen. Blake em uma carta de officio de 11 diz, que, aos 9 do corrente, ao meio dia, foi o seu exercito attaccado por uma força superior; porém que as tropas, generaes,* e officiaes se portáram com tal valor, que não só mantiveram os seus postos até uma hora depois de noite; mas rechaçáram o inimigo em todos os pontos. O inimigo augmentando consideravelmente o numero de suas forças com tropas de refresco, no dia seguinte, e aproveitando-se da sua muito grande superioridade; e do canção, que naturalmente produzio nas nossas tropas á gloriosa acção do dia antecedente, fez-nos algum damno na esquerda. O centro e a direita retrogradáram na direcção de S. Andero, e se estabelecéram em Reynosa, a onde se estão concentrando, como se havia previamente concertado, e a onde agora se acha o Marquez de la Romana, que tem de tomar o commando, O Gen. falla, nos termos mais emphaticos, do valor e firmeza de todas as pessoas, que se acháram no exercito, nos varios, e numerosos conflictos, em que entrarám, e ainda que não haja transmittido a relação circumstanciada destas acçoens, nos informa, com o maior pezar, que entre os officiaes, cujo valor coroára de gloria, deve mencionar no numero dos mortos o Marechal de Campo D. Gregorio Quiros, e no dos feridos, S. Ex. o Capitão General D. Vicente Acevedo, o Chefe de esquadraõ D. Caetano Valdez, e os Brigadeiros Conde de S. Romão, e D. Francisco Riquelme.

Tarragona, 7 de Novembro. O quartel-general deste exercito foi transferido, aos 3, de Villa Franca de Pavades para Mertoal, um lugar situado sobre o Lobregat uma parte das tropas occupáram os outeiros na margem esquerda daquelle rio. Uma columna de grandeiros Provinciales

com 4 ou 6 peças de artilheria e dous obuzes, o esquadrao de voluntarios, da cavallaria de Catalunha, e obra de 5.000 Miquelettes, debaixo das ordens do Gen. Laguna tem procedido a tomar um posto sobre o rio Besos, obra de uma legoa para leste de Barcelona, por este meio ficou aquella Capital bem cercada, e os seus oppressores muito apertados. O constante cuidado, que mostram os nossos fieis aliados os Inglezes, em nos supprir com armas, muniçoens, e artilheria nos tem habilitado a termos o prazer de assistir aos valorosos Aragonezes, com 8.000 espingardas e 300.000 cartuxos. Naõ temos a menor duvida que bem depressa tornaremos a entrar em operaçoens offensivas, contra a vil canalha, que profana a nossa Capital.

Rolis, 29 de Outubro. Aos 26, o inimigo, em numero de 600 infantes, e doze de cavallo, partio do campo da Junquera, na direcção de S. Clemente, Lacebas, e Espolla. Nestes lugares indagáram que era feito dos rapazes; respondeo-se-lhe, que estávam no campo a trabalhar. As suas perfidas intençoens éram bem entendidas. No mesmo dia o corpo do inimigo, que estava em Villa Sacra, mandou avizo ao lugar de Castellon, que os suprisse immediatamente com 20 quartos de cevada, sob pena de lançar fogo ao lugar no caso de recusarem. Hontem chegou aqui da Junqueira um trombeta, e quasi nunca se passa um dia sem que cheguem desertores do inimigo. Um carretaõ aqui veio tambem tomado, carregado de despojos, e foi tomado ao inimigo pelos paizanos Villanaut: outro igual foi tomado em Cabanos.

Madrid, 18 de Novembro. A Juncta Suprema dirigio ao Secretario de Estado da Repartição de Guerra, a seguinte ordem.

EXCELLENTISSIMO SNR.—El Rey nosso Senhor D. Fernando VII, e em seu Real nome a Suprema Juncta do Governo do Reyno, considerando, que nada pode contribuir tanto para exitar o espirito de valor, e emulacão entre

os soldados, como a propria distribuição de premios aos que se distinguirem em alguma acção gloriosa, foi servida resolver que todos aquelles que estiveram presentes, na que refere D. Joaquim Blake, na sua carta official, receberão por dous dias o dobre de sua paga, e que V Ex. communique as ordens necessarias para por em execucao esta resolucao Soberana ; o que participo a V. Ex. por ordem de S. M. para sua informacao. Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Aranjuez, 15 de Novembro, de 1808.

MARTIN DE GARAL.

Por uma ordem da mesma data, se concede permissao aos Jesuitas expatriados, para poderem voltar, continuando-lhe as pensoens, que antigamente se lhe tinham assignado. Por outra ordem do dia seguinte, se mandou suspender a venda da propriedade das Communidades Religiosas, Capellas, &c. e estabelece varias provisoens, para restituir a propriedade ja vendida.

Coruna, 29 de Novembro : por authoridade do Governo.

S. Ex. o Snr. D. Joaquim Blake informa o Governo, em uma carta datada de 24 do corrente, no Mosteiro de Estouza, que, em consequencia das ordens de S. M. havia resignado o commando do exercito a S. Ex. o Marquez de la Romana. Elle exprime a sua gratidao, pela confianca que nelle sempre se poz, e ao mesmo tempo mostra o seu sentimento de que nao pudesse, depois de tantos rencontres, annunciar uma victoria sobre um inimigo de forcas superiores, ao que somente devêram as vantagens que alcançaram, e que lhe custaram bem caras. Elle nos exhorta a proceder da maneira mais efficaz, em recrutar, sem admittir excepçoes, e tambem providenciar attentamente a substancia e vestuario do exercito, e fornecello com sufficiente numero de carrotoens, e bom gado para os puchar ; mas que todos os carreiros vaõ a pé. Passa

depois a animar a todos os Senhores a que tomem armas em taõ justa causa, propondo, para imitação, o exemplo do batalhaõ Literario, a quem elogia pelo seu valor e firmeza. Conclue com reforçar mais estes interessantes pontos, e recommendar os mais energicos esforços em providenciar tudo que for necessário para o exercito; offerecendo, ao mesmo tempo, sacrificar-se pela causa do Reyno. a quem professa a sua gratidaõ.—Em outra carta, do mesmo lugar, e da mesma data, nos informa, que fõra interceptado o correio, que despachou ao Governo, aos 12, com a relaçaõ das acçoens dos dias 5, 8, 10, e 11, Manda cõpias dos 3 ultimos, porque os outros ja fõram publicados na gazeta de Madrid. As cartas dizem respeito á evacuaçaõ de Balsameda, e batalha de Espinosa; manda tambem copia da sua resposta á carta de officio do Governo, relativamente ao estado de suas forças; publicada na gazeta de Madrid; e o original interceptado.

Aranjuez, 20 de Novembro. A Suprema Juncta de Governo deste Reyno recebeu a seguinte carta de S. Ex. D. Francisco Palafox y Melci.—

Acabo de receber informaçaõ dos Generaes O'Neille, e S. Marcos, que occupáram Caparosso hontem (14) as 10 horas da manhaã; havendo o inimigo precipitadamente evacuado a praça aos 7, e retirado-se para Peralta. Naõ vieram as circumstancias referidas por menor, e por consequencia naõ sei o estado de suas forças. Estou neste instante de partida para por o todo em movimento, de maneira, que nos aproveitemos das nossas vantagens. Deus guarde a vossas Altezas muitos annos, Calahorra, 15 de Novembro, de 1808.

(Assignado) FRANCISCO PALAFOX Y MELCI.

Por cartas, que se recebêram de 10, e 12 do corrente, nos informa o Capitaõ General da Catalunha D. Joaõ Miguel de Vives, que tendo resolvido attacar o inimigo,

em ordem a fazer mais completo o Bloqueio de Barcelona desalojando o inimigo das posiçoens, que occupáva nos suburbios, formou as suas tropas aos 8 do corrente em 5 columnas; commandadas, a primeira pelo Marechal de Campo D. Gregorio Laguna; a 2da por D. Gaspar Gomez de la Serna, Coronel do Regimento de Infanteria de Granada; a 3a por D. Carlos Montero Tn. Coronel do Regimento de Soria; a 4ta por D. Bruno Barrere Coronel de segundo Regimento de Savoia; ficando esta e a 3a columna debaixo das ordens superiores do Marechal de Campo Conde de Caldegues, e a 5ta por D. Carlos de Vitte, segundo em Commando de D. Luix Wimpffen, Coronel do Regimento de Suissos do mesmo nome. O Capitaõ General, com o Major General, o Quartel Mestre General, o Commandante da artilheria, e seus Ajudantes de campo, se postáram em S. Boi, para observar o progresso do ataque, e dar, em consequencia, as suas ordens. Principiado o ataque, a 3a e 4ta columnas desalojaram o inimigo dos casaes de Rosas, e Pubila de Gasas, perseguiram-no alem da aldeia de Sans, e avançáram até 1.500 varas da fortaleza de Barcelona, que fez fogo as nossas tropas. A segunda columna marchou, sem encontrar resistencia, até a casa de campo da Vice Raynha, retirando-se o inimigo para debaixo dos muros da fortaleza. A primeira columna desalojou o inimigo das aldeas de S. Adriaõ, S. André, e Horta, tomando o seu posto entre estas duas ultimas. Suspendeo-se o ataque em consequencia de uma grande pancada de chuva; e a primeira columna se retirou do Hospitalete; a 3 e 4ta voltáram para os seus primeiros postos; a 2da postou-se em S. Cugat, e a primeira ficou nas aldeas de Horta e S. Andres. A nossa perca consistio em um official, 1 cabo de esquadra, 5 soldados, e 5 cavallos mortos; feridos 1 official, 1 sargento, 2 cabos de esquadra 2 tambores, 36 soldades, e 4 cavallos; extraviados 12 soldados, e 3 cavallos. Pelo que dizem os prisioneiros, a perca do inimigo foi sem comparação maior.

O Marechal de Campo D. Gregorio Lama, que, em consequencia desta empreza, ficou com a columna debaixo de suas ordens nas alturas de S. Andres, foi atacado ás duas horas da tarde do dia 10 por uma força inimiga que consistio em 3, ou 4.000 infantes, e 300 de cavallo; as nossas tropas investiram o inimigo com ardor heroico, e os grandes Provincianos, e Miquelets, commandados por B. Francisco Milans mantivéram o combate por uma hóra, para proteger a retirada da divisaõ, e a artilheria: o todo se retirou sem desordem na direcção de S. Cugat. A acção, posto que breve, disse que foi mui obstinada, e tambem se diz, que o inimigo perdeu todo o 7mo Regimento de linha: a nossa perca foi de 6 mortos, 20 feridos, e 75 extraviados, O Capitão General louva o valor e comportamento das tropas em ambas estas occasioens, e particularmente dos grandes provincianos de Castella a Nova. Tambem recommenda os individuos de todas as classes que se distinguíram.

Aranjuez, 20 de Novembro. A 14 deste mez teve audiencia publica da Suprema Juncta, Mr. Frere, Ministro Plenipotenciario, e Enviado Extraordinario de S. M. Britannica, a nosso amado Fernando VII., e durante a sua ausencia á Suprema Juncta Central.

Oviedo, 21 de Novembro. Recebeo-se a seguinte carta de S. Ex. D. Vincente Maria de Acevedo, datada de 10 do corrente, no Quartel-general de Espinosa.

Serennissimos Senhores. Aos 7 do corrente communiquei a vossas Altezas, a relação de todos os procedimentos das tropas de Asturias, desde os 31 de Outubro data da minha carta precedente. Aos 7 o General em Chefe mandou ordens da esquerda, para que a quarta divisaõ, postada nas alturas de Balsameda, marchasse para Sopena, e que fossem succedidos por quatro Regimentos das Asturias. Para este terviço escolhi os de Castropol, Lueca, Candás, e Grado; por serem as menos fatigadas. Não me pare-

cendo sufficiente 4 Regimentos, uni-lhe os provincianos de Oviedo, e ordenei ao seu commandante D. Francisco Manglano, que tomasse o commando interino de todo o posto. O General em chefe tinha marchado duas horas antes, com varias divisoes, a desalojar o inimigo de um posto, obra de legoa e meia distante de Balsameda, objecto este que se não pode obter, não obstante o vivo fogo que se fez; por se haver chegado a noite. As 10 horas, na manhã seguinte, fui para a altura, que occupavam os Regimentos Asturianos, acompanhado pelo Ten. General D. Nicholas Elano Ponte, e o Marechal de Campo D. Caetano Valdez. Chegando ao posto de Milicias, reconhecemos um corpo do inimigo, que computamos a 3, ou 4.000 homens, e passando ao longo ao posto de Castropol, descuimos outro de 1.500, a 2.000 homens. Eu mandei immediatamente dar parte disto ao Gen. em Chefe, logo que observei que o inimigo estava em movimento vara se aproximar, ás montanhas, em que estavamos postados. O Marechal de Campo D. Caetano Valdez, foi para Balsameda, a pedir um reforço ao Gen. em Chefe; este subio em pessoa á montanha, logo que o inimigo começou o ataque á direita e á esquerda. O Gen. em Chefe reforçou o posto com os Hiberno-Asturianos, e com os voluntarios, e atiradores de Galiza, e me ordenou que o seguisse, deixando dous generaes, que eu escolhesse na montanha, com instrucçoes de fazer uma retirada bem ordenada; porque lhe parecia que o posto se não podia bem defender. Como os dous commandantes que eu devia escolher deviam ser Generaes, e elles tinham de commandar uma força tão consideravel, como a que fica dicto, tanto de Asturianos, como de Galegos, não me restava sutra escolha senão a do Ten. Gen. D. Nicholas de Llano Ponte, e do Marechal de Campo D. Ignacio Vasques Spinosa. Os Regimentos de Villaviciosa, Cangas de Tineo, Sierro, Salas, e Lena, evacuaram Balsameda, por ordem do Gen. em Chefe, assim como todo o resto do exercito da esquerda, com a

excepção da quarta divisaõ, que teve ordem de retrogradar para a costa. Ao tempo em que deixei Balsameda, com o Marechal de Campo D. Caetano Valdez, e D. Gregorio Berealdo de Quiros, acompanhando o Gen. em Chefe e seu Estado-maior, Ponte havia ja começado a sua retirada, conforme as instrucçoens, na melhor ordem. De varias contas, que tenho recebido, se vê, que a nossa perca foi mui pequena.”

A seguinte carta datada de 12 he do mesmo official.

“ Poucos momentos depois de escrever a minha ultima carta de Espinosa, aos 10 do corrente, deo parte a guarda avançada de que o inimigo apparecia em grande numero. Sem perder um instante tornei a montar acavallo, e estando comigo o Gen. em Chefe, descobrimos, que o inimigo dirigia o seu ataque principal, de uma aldea chamada Quintana, sobre a direita e esquerda da Espinosa. O Gen. em Chefe mandou ás tropas, que compunham a divisaõ do Norte, que occupassem um bosque á direita do Quartel Gen., e os Asturianos com a primeira divisaõ de Galiza, que se postassem em um outeiro, situado á esquerda. O inimigo atacou immediatamente a divisaõ do Norte, cerca das duas horas, e depois de um longo e obstinado conflicto, se vio ésta obrigada a deixar o bosque. Percebendo, que a direita do exercito estava ao ponto de ser derrotada, resolvi atacar a direita do inimigo com a minha esquerda. Em consequencia do opportuno movimento, que assim fez a nossa esquerda, com muito valor, se melhorou a situaçaõ das tropas do Norte, e recobráram parte do terreno, que havíam perdido, acabando-se a luz do dia, a escuridade pos fim á acçaõ, que ficou por decidir.

Durante a noite do dia 10, nos preparamos para o ataque, que esperavamos na manhã seguinte, e neste serviço trabalharam muito o Marechal de Campo D. Caetano Valdez, D. Gregorio Bernaldo de Quiros e D. José Peci. Ao amanhecer descobrimos o inimigo formado em ordem

de batalha, e prompto para dirigir o seu principal ataque contra a nossa esquerda; mas notando, que o inimigo continuava na mesma posição, me adiantei para elle com toda a minha linha, que consistia dos Regimentos de Sales e Lena, parte do de Villaviciosa, e toda a primeira divisão de Galiza. Logo que começamos a marcha contra o inimigo, poz elle em movimento toda a sua frente para nos atacar, e por tanto eu mandei ás minhas tropas que fizessem halto, em ordem a recebello. Principiou-se logo um fogo forte de ambas as partes, na distancia de pouco mais de tiro de pistola. Logo depois o Marechal de Campo D. Caetano Valdez foi ferido ao meu lado, posto que o não foi perigosamente, eu lhe ordenei que se retirasse; pouco depois foi morto o Marechal de Campo D. Gregorio Quiros, e o Coronel D. José Peci recebeu uma violenta contusão. Eu estava empregado em animar as tropas Asturianas, e vendo com muita satisfação a firmeza com que ellas mantinham o seu posto sem ceder ao inimigo uma polegada de terreno; quando observei, que a minha presença era mais necessaria em outro ponto; mas, antes que la pudesse chegar, me achei ferido na face, cuberto de sangue, e privado da vista. Pelo que mandei instantaneamente pedir ao General em Chefe, que nomeasse outro para tomar o Commando, estando dous Generaes feridos, e o terceiro morto; em menos de um quarto de hora. Mas antes que chegasse a pessoa nomeada pelo Commandante em Chefe, e em quanto eu esperava alguém, que me estancasse o sangue, se me deo parte que o inimigo havia ja ganhado o cume do monte, e que todas as tropas se retiravam em alguma desordem, e a maior parte dallas para S. Ander.

Ainda não posso mandar a V. A. a conta exacta dos mortos, e feridos; não navendo ainda os differentes corpos remettido as suas listas; nem se poderaõ obter por alguns dias. Tudo o que sei positivamente he; que no ataque

de 20, o Ten. Coronel de Villaviciosa D. Pedro Rivera foi morto. O Ten. de Milicias D. F. Peon foi ferido; e que o Brigadeiro D. Francisco Manglano recebeu uma contusão. Os Regimentos de Milicias de Villaviciosa se distinguiram em particular. O de Lena foi conduzido ao ataque com muita firmeza, e espirito, por seu Coronel D. Joaõ Dringol. O de Cangas, e Sierro, estiveram postados juncto a mim, sobre outra altura á esquerda, com a intenção de que obrassem offensiva ou defensivamente, conforme as circumstancias, na manhã do dia 11, contra o flanco esquerdo do inimigo, e trabalhasse par attacar a sua retaguarda: mas provavelmente não pudéram executar este plano.

Parece que o General em Chefe transferio o seu Quartel-general para Aguilar del Campo, para onde eu irei no decurso de poucas horas, com o Marechal de Campo D. Caetano Valdez, e todo o resto dos feridos neste lugar, entre estes ha o Conde de S. Romaõ, que está severamente ferido. Se no entanto recobrar a minha vista, trabalharei por ajunctar as tropas neste ponto; porém se continuar inhabil, resignarei o Commando ao Ten. General D. Nicolao de Llano Ponte, se no entanto V. A. não fizer outro arrançamento.



Aranjuez, 29 de Novembro. O Gen. D. Francisco Xavier de Castaños refere, em data de 26 do corrente, de Calatayud, que aos 21 recebeu noticia de haver o inimigo avançado por Coma, com 12.000 de Infantaria, e 4.000 de cavallo. A sua intenção não soffria duvida qual éra; e portanto elle deu immediatamente ordens para que o exercito cahisse sobre a retaguarda, na mesma noite, tomando uma posição, que se extendia desde Tarragona até Tudela; este ultimo ponto devia ser occupado pelas tropas do exercito de Aragaõ, e a quinta divisaõ do centro, que

estáva em Caparaso.—Quando se recebeo a ordem para a retirada, ja o inimigo estava em movimento para atacar, havendo as suas partidas avançadas chegado, no decurso da manhaã, até Calahorra, trazendo duas peças de artilheria ; e tomando posto nas alturas que ficam ao alcance de tiro de Calahorra ; movimento este que indubitavelmente se fez, com a intenção de principiar o ataque ao amanhecer. Naõ obstante este movimento, continuou o exercito a retirar-se na obscuridade da noite, com trabalho consideravel ; e chegáram as divisoens aos seus respectivos pontos, marchando aquella noite, e o dia seguinte ; fôram porém detidas para mudar o parque de artilheria de Cintruénigo, e aos 22, estávam as 4 divisoens do exercito, na posição que tinham de occupar, sem que tivessem soffrido perca alguma. Aos 23 déram parte as guardas avançadas, que 3 columnas do inimigo marchávam na direcção de Tudela : tocou-se a generala, e em quanto os dragoens passávam a ponte, occupou o inimigo os pontos de ataque, o qual principiou ás 8 horas de manhaã, e ás 10 horas toda a linha estáva em combate. As nossas tropas mantivéram a sua posição com o maior valor, e o inimigo foi repulsado de todos os lados. Renovou elle o ataque e fez-se senhor de um olival, na esquerda, d'onde desceo com um fogo tremendo ; mas foi taõbem recebido por nossas valorosas tropas, que, depois do mais obstinado conflicto, foi obrigado a retirar-se. Em quanto as nossas tropas perseguiam o inimigo derrotado na nossa esquerda, outra divisaõ do inimigo penetrou por Tudela sobre a direita, e tomou pela retaguarda as nossas tropas, que iam em alcance do inimigo. Isto decidio a sorte do dia, e naõ teve o nosso exercito outra alternativa, senaõ a retirada para Borja. Em quanto isto se passava em Tudela, a quarta divisaõ, commandada pelo General La Peña, que estava em Cascante, duas horas de marcha do campo de batalha, e tinha tido ordem de atacar o flanco direito do inimigo,

achou opostos a si 3.000 Francezes de infantaria, e 1.000 de cavallaria, e promptos a dar-lhe batalha. La Peña começou o cõmbate, derrotou, e perseguiu o inimigo até as alturas de Tudela, donde foi atacado pelas tropas do inimigo, que occupávam as montanhas. La Peña retirou-se para a posição de Cascante, aonde derrotou o inimigo, e ao entrar da noite começou a retirar-se para Borja; na conformidade da ordem que havia recebido. Nesta retirada foi outravez atacado pelo inimigo; mas as nossas tropas impediram o seu progresso, e as divisoes chegaram a Borja, donde marcharam para Calatayud.

As forças do inimigo, nestas acçoens de Tudela, e Cascante montavam de 36 a 40.000 infantes, e de 6 a 7.000 de Cavallo. A sua perca foi mui consideravel, assim como o foi a nossa em extraviados, e prisioneiros; mas não se pôde dizer com certeza o numero, até que os Generaes das Divisoens entreguem as suas listas.

Em uma carta de 27 diz o General Castaños, que não achando em Calatayud meios de subsistencia, e havendo tido noticia de que o inimigo ameaçava atacar Somosierra, por estas razoes, dezejando estar proximo á Capital, no caso de que os Francezes trabalhassem por se avançar tinha determinado hir para Siguenza.—O Major general D. Bento de S. Juan, que estava postado em Puerto de Samosierra, avizou em uma carta de 28 do corrente, que do amanhecer daquelle dia a divisaõ e tropas debaixo ao seu commando, tivéram rebate, e se puzeram em armas, esperando ser atacados em força pelo inimigo; porque todos avizos, que se recebêram durante a noite, concordavam em que na manhaã do dia precedente grande numero de tropas do inimigo tinha passado por Aranda del Duero, dirigindo a sua marcha para o acampamento de Bruguellas e La Granja, com muitas peças de artilheria, e que durante todo a dia transportaram artilheria, e outros petrechos militares. Em consequencia, um pouco antes

das seis da manhã, se ouvîran: nas alturas de Somosierra varias descargas de artilheria, e espingardas augmentando continuamente, e tudo na direcção do passo de Sepulveda, o que pos fóra de duvida, que se faria um ataque, e ainda que elle confiasse na resistencia de sua valorosa guarnição, que havia sido reforçada no dia antecedente (27) com 1.000 fuzileiros do Regimento de Jaen, com tudo o numero do inimigo, não podia deixar de excitar grande cuidado; e desde o momento do ataque, se tomáram proprias medidas para mandar soccorros de infantaria, artilheria, e muniçoens: mas sem a assistencia destes elle effeituou a completa defensa deste ponto, não obstante que o ataque durou por mais de 4 horas, e o inimigo atacou com 4.000 infantes, e 1.500 cavallos, e 4 peças de artilheria, alem dos reforços que tinha á mão para soccorrer estas tropas.— O Brigadeiro D. Joaõ Joseph Sarden, Coronel do Regimento de Cavallaria de Montisa, que commandava no posto de Sepulveda, escreve, que foi atacado pelo inimigo ao romper do dia por 3.500 ou 4.000 infantes, e 1.500 de cavallo, e 4 peças de artilheria, e que elle os repulsou com gloria das armas d'El Rey e da Patria. Elle intenta mandar brevemente a relação circumstanciada desta acção, na qual elle diz que nos temos soffrido alguma perca, porém julga que a do inimigo deve ter sido dobrada; porque o fogo continuou até as 10 horas.

Suecia.

Parte official do Exercito na Finlandia—Quartel General de Brakestad, 10 de Novembro, de 1808.

Aos 31 de Outubro despachei deste lugar o Ten. Coronel, e Ajudante Gen. Martineau, com a minha ultima participacão do exercito. Aos 27 de Outubro houve uma acção entre a 4ta brigada do exercito de V. Magestade, e um corpo Russiano, muito superior em numero em que a

perca foi muito consideravel de ambas as partes, sem que nenhuma obtivesse vantagem assignalada. O Coronel Sandels, chefe de brigada, achou conveniente retirar-se com o corpo principal de sua divisãõ para Salanis, tres milhas áquem de Idensalmi, deixando, com tudo, os seus postos avançados em Wiemera, e com esta posiçãõ poderia cubrir as vizinhanças daquelles lugares: mas he para temer que a falta de forragens o tenha obrigado, a este tempo, a retirar-se para Nisila.—Aos 5 do corrente o inimigo atacou o nosso posto em Lippoo-pas, nas vizinhanças de Kalajocki, e forçáram as nossas tropas, por uma canhonada, continuada com grande vigor, a retirar-se; em consequencia lançou o inimigo uma ponte no rio Lippo; e dirigio outro ataque aos nossos postos avançados, que os obrigou a fazer um movimento retrogrado, e unir-se ao corpo principal do nosso exercito, postado juncto ao rio Kalajocki.—Os Russos continuáram o seu ataque no dia seguinte, sem fazer a menor impressãõ nas tropas de V. M. Entretanto construia o inimigo uma ponte sobre aquelle rio juncto a Alawiesca, e cruzou-o com um forte destacamento, de infantaria. Logo que se rebeo noticia deste movimento, se déram ordens para atacar e repulsar as tropas, que tinham passado o rio. Ainda que o ataque foi bem succedido, com tudo, a extrema penuria de forragem obrigou o exercito a tomar outra posiçãõ juncto a Piajocki, e tenho fortes razoes para temer, que, considerando a grande superioridade do inimigo, e a falta de forragem, naõ será possivel ao exercito de V. M., o manter aquella posiçãõ por muito tempo.—Alem desta falta de forragem, que apenas se poderá remediar na presente estaçãõ, a humidade do ar, e as grandes fadigas, que tem soffrido as tropas de V. M. debaixo do meu commando, obrigadas a estar quasi continuamente debaixo d'armas, tem augmentado muito o numero dos doentes, que excedem 6.000, e cujo trans-

porte, e mudança augmenta as nossas difficuldades, em grão consideravel; mas não obstante todas estas difficuldades; trabalharei affincadamente por impedir e obstruir os progressos do inimigo, em quanto as circumstancias o permittirem.

C. N. D. KLUCKER,
General em Chefe do exercito da Filandia.

Memby, 25 de Novembro, de 1808.—A minha ultima carta de participaçãõ foi de 10 de Novembro, e transmitida de Brakestadt pelo Capitaõ Kufehlt. O exercito de V. M. debaixo do meu commando se retirou depois para Pyajocki, e Yppiri, aonde os Russos formáram um ataque na retaguarda, voltaram o flanco esquerdo juncto a Merri-jarrue, avançáram contra Peliskaski para tomar os nossos pela retaguarda, e forçar assim o exercito a que se retirasse para Patjocki; e aos 17 tomou uma posiçãõ juncto a Sykajocki. As nossas tropas occupávam Ruvolax e Paulola: porém, havendo o corpo do inimigo sido reforçado por 20.000 homens, munidos de 60 peças de artilheria pezada, e achando-se o exercito de V. M. reduzido a 7.000 homens, por percas no campo, e por doenças, se fez impossivel o manter a nossa posiçãõ: e eu julguei conveniente abrir negociaçãõ para um armitticio, de que resultou a convençãõ, que tenho a honra de por aos pes de V. M.

C. N. KLUCKER,
General em Chefe do exercito de Filandia.

Convençãõ.

Entre o Real Exercito Sueco na Filandia Septentrional, e o Imperial Exercito Russo.—Em virtude dos poderes a nos consedidos; Nos, os abaixo assignados, temos concordado, e estipulado os seguintes artigos.

ART. 1. O Real exercito Sueco tomará, logo que se ratificar ésta convençãõ, uma posiçãõ ao longo das frontieras do districto de Ulea-

borg, Kemi até Porkanara. Kemi, por consequencia, fica nas mãos dos Russos.

2. O exercito Sueco evacuará o lugar de Uleaborg, dentro em 10 dias, depois da data desta convenção; e as tropas Russas tomarão posse do dicto lugar aos 30 de Novembro. As outras partes do paiz, que se devem entregar aos Russos, serão evacuadas, na conformidade dos ajustes, que se haõ de fazer entre as partes contractantes.

3. A retaguarda do exercito Sueco voltará pelo mesmo caminho, que se ajustar, e tudo o que se naõ puder levar com as tropas Suecas na sua retirada, será considerado como boa e legitima preza.

4. O exercito Sueco se obriga, a naõ destruir, nem distribuir pelos habitantes, nem vender as muniçoens ou petrechos, que se vir obrigado a render.

5. As tropas Suecas naõ leverão com sigõ de Uleaborg, ou outros lugares, que se devam render, nenhum official Civil, nem alguns artigos ou bens, pertencentes ás Provincias.

6. O exercito Sueco deverá fazer voltar todos os ecclesiasticos, officiaes civis, e habitantes dos lugares, que as suas tropas evacuem, com tanto que isto se faça a petitorio, ou com o consentimento das dictas pessoas.

7. Esta Convenção será ratificada pelos respectivos Generaes em Chefe de ambos os exercitos, e as ratificações trocadas amanhã a noite.

Barão ALDERCRUTZ, Major-general

Conde KAMINSKI, Tenente-general

Olkjoeki, 7-18 de Novembro, de 1808.

Ratificada aos 8-20 de Novembro, de 1808.

CONDE BUXHOWDEN,

General em Chefe do Exercito Imperial Russo.

Artigos que se propoem como addiconnaes da Convenção, concluida, entre o Real Exercito Sueco, na Filandia Septentrional, e o Exercito Imperial Russo.

Art. 1. O armisticio concluido entre os dous exercitos deverá continuar por um mez, depois de que o Exercito Sueco tiver passado as fronteiras do districto de Uleaborg, ou até os 12 de Janeiro, de 1809. E se notificará a cessação do armisticio, ao menos 15 dias antes de recomen-

çarem as hostilidades. 2. Durante o armistício, as tropas Imperiaes Russas não cruzarão o rio Kenai.

C. N. KLUCKER.

Quartel-general de Linnuago, 20 de Novembro, de 1808.

Ao Gen. de Infantaria, e General em Chefe do Real
Exercito Sueco na Filandia.

GENERAL. Tenho a honra de vos informar, que a Convenção, que se concluiu hontem, foi ratificada por S. E. General Conde Buxhowden, e agora a transmittirei ao Conde Putimkin, para que se effectue a troca da ratificação. A respeito do armistício de que se trata tenho ordem de S. Ex. para vos informar, que não obstante o não convir elle na conclusão de um armistício formal; com tudo empenha a sua palavra de honra, que não começará operaçoens hostis contra o exercito Sueco, antes de expirarem os 14 dias, depois de haver o dicto exercito Sueco tomado a posição, que se estipula na Convenção acima; esperando que de vossa parte se não começaraõ operaçoens dentro do dicto termo. Tenho a honra de ser, &c.

CONDE KAMINSKI.

Brakestad, 9 de Novembro, 1808.

Reflexoens sobre as noticias deste mez.

França.

A serie de Bulletins Francezes, que transcrevemos por inteiro, daõ uma conta circumstanciada dos exercitos desta nação, na guerra da Hespanha; e juncto a elles copiamos as noticias dos mesmos acontecimentos, referidos pelos Hespanhoes, para que, ouvindo ambas as partes, se possa julgar melhor dos resultados.

A'vista destes documentos não pode deixar da lamentar-se, que a injustissima causa dos Francezes seja conduzida com um grão de energia e habilidade, igual á falta de concerto, e erros com que a Europa se propoem defender a justissima causa, que disputa com o tyranno usurpador de todos os direitos, que até aqui se tivéram por sagrados entre os homens.

Porém quaesquer que sêjam os successos dos Francezes, he impossivel deixar de enjoarnos com a continuada exaggeraçã de suas victorias, e do estudado desprezo com que affectam tratar o inimigo. Por exemplo no Buletim 11mo, naõ só ridiculizam, mas insultam grosseiramente o Gen. Palafox, homem, que se cubrio de gloria no cerco, que soffreo em Saragoça, fazendo esbarrar contra um muro velho cahido a pedaços, as tropas que se chamam invenciveis; naõ saõ os insultos e ralhos de um buletim, os que haõ de obscurecer a fama de um homem taõ valoroso como Palafox.

Mas compare-se este buletim undecimo, que refere a batalha de Tudela, com a narraçã da mesma aççã dada pelo Gen. Hespanhol, e será facilimo de conhecer a impudente exaggeraçã do Francez. Ao ler o buletim se fica julgando, que o exercito de Castanos soffreo uma completa annihilaçã, causada tanto pela ignorancia de seus chefes, como pela covardia dos soldados; mas ésta atroz falsidade fica bem refutada, lendo a relaçã de Castanos, por onde se vê, que a demasiada coragem de suas tropas, em perseguir o inimigo derrotado, deo lugar aque os Francezes, aproveitando-se desta aberta, fizessem adiantar um corpo de cavallaria, que, tomando aos outros pela retaguarda, desconcertãram a linha Hespanhola, ao ponto de que Castanos se vio obrigado a retirar-se: he um revez da guerra, occasionado pela demasiada coragem de tropas naõ experimentadas, muito commum em exercitos levantados de novo:

Mas naõ he isto para que diga o buletim, com a mais ridicula exaggeraçã, que na batalha de Tudela 6 mil homens annihilãram um exercito de 40.000; os Francezes querem reviver as proezas de Ferfabraz.

O Buletim 8vo, dá uma idea mui clara do systema da guerra, e a sua leitura, sobre a carta da Hespanha, será bastante para instruir o leitor intelligente, das operaçoens que se intentãvam por em practica. O 12 buletim he completamente um sermaõ, feito no gosto das proclamaçoens da Republica Franceza, que Deus tem em descanso; debaixo do pretexto de narrar os successos da guerra, que he a que se propoem os buletims, occupa-se em invectivar contra os frades, e abusos do governo, offerecendo o remediar todos os males. Que o Continente geme debaixo de males, e oppressoens sem numero, he uma verdade; mas que naõ he dos Francezes que lhes hade vir o remedio, he outra verdade, que o Mundo conhece ja mui bem, graças aos abominaveis crimes do Genio mao, que governa a França.

Como os Francezes tem mudado os nomes a quasi todos os seus cabeças, vem os buletins a ficar quasi ininteligiveis sem a chave desta

giria; pelo que será conveniente sujunctar aqui a lista de seus novos titulos, a qual tambem servirá para mostrar, *aestabilidade* com que os Francezes adherem aos principios de igualdade, em cujo nome tem derramado rios de sangue; e aprendam daqui, os que tivéram a infelicidade de ser illudidos, por ésta nação inconsequente, quaes são os remedios que os seus males podem esperar da França.

O Principe Archichanceler do Imperio, (*Cambaceres*) Duque de Parma

O Principe Archithesoureiro (*Le Brun*) Duque de Placencia

Marechal Moncey, de Cornegliano

—— Massena - - Rivoli

—— Augereau - Castiglioni

—— Sault - - Dalmatia

—— Lannes - Montebello

—— Mortier - - Treviso

—— Ney - - Elchingen

—— Davoust - Auerstadt

Marechal Bessieres - - Istria

—— Victor - - - Belluno

—— Lefebvre - - Dantzic

—— Kellerman - - Valmy

—— Marmont - - Ragusa

—— Junot - - - Abrantes

—— Caulincourt, Gram-Camarista - - - Vicenza

—— Duroc, Gram Marechal

do Palacio ou Aposentador

Mor - - - - - Frioni

General Savary - - - Rovigo

—— Arrighi - - - Padua

Hespanha.

O exercito Francez, que, marchando pela estrada de Bayona a Madrid por Burgos, estáva em Vittoria no dia 9 de Novembro, no dia 15 achava-se em Burgos; a 25 estava o Quartel Gen. em Aranda del Duero, e havendo tomado o importante posto de Somo Sierra entréram os Francezes Madrid, por capitulação, no dia 4 de Dezembro.

Buonaparte rompendo o centro do exercito Hespanhol destacou um corpo para a direita, que perseguisse a esquerda dos Hespanhoes, comandada por Blake, e La Romana, e outro corpo para á esquerda, que attacasse Castanos; deste modo, tendo o caminho desimpedido, marchou a encontrar-se com a tropas que pudessem formar ou um centro ou uma reserva, mas infelizmente não achou mais do que algum obstaculo, em Burgos. As tropas Inglezas, que marchavam em duas divisoes, de Portugal e da Coruna, para se reunirem em Salamanca conhecendo a impossibilidade, em que se achavam, de fazer a junção que intentávam, ou fizeram alto, ou retrogradaram, demaneira que a rapidez de movimento dos Francezes não dando lugar a que se unissem os diferentes corpos, facilitou por extremo a tomada de Madrid.

Temos colligido todos os documentos officiaes que dizem respeito a ésta importante revolução da Hespanha; e ainda que pareça tediosa a leitura de papeis que trazem uma data antiga, com tudo, pouca reflexão será bastante para mostrar, que estes importantes documentos sendo todos conservados, junctos ás mais noticias do tempo, que lhe dizem respeito; formaraõ um systema completo da importantissima historia desta revolução da Hespanha, que se intenta exhibir no Correio Braziliense, para as pessoas, que desajarem conservar ésta colleção como registro da historia do tempo.

—◆—
Portugal.

Este paiz apresenta uma scena, que não ha pessoa bem affecta aos Portuguezes, que a não desejasse melhor; a nomeação da antiga Regencia; que muitas pessoas supuzeram seria fatal ao Reyno, tem patenteado ja os seus effeitos: em uma palavra, he impossivel, que uma nação mostre energia, quando se lhe força a aceitar um Governo, que não goza da confiança do Povo. A Cidade do Porto tem mostrado certa firmeza de character, que no seu tanto nos enche de consolação, e tem mostrado, que são dignos descendentes de heroes; mas uma vez que a sua Juncta ficou annihilada pela creação da Regencia; como remedeia isso a inactividade, que se observa no Reyno?

Foi ja calculado, por um bom juiz na materia, que Portugal podia por em armas, sem grande custo, com mil homens; na seguinte proporção. “Reputando a povoação de Portugal, por um calculo approximativo a 3:000.000 de habitantes, sendo as mulheres 1:250.000, e as crianças, 500.000 haverá 1:250.000 homens, que se achám distribuidos nas differentes classes da Sociadade nestes termos.

I.	Classe do Clero	50.000
II.	— da toga.....	8.000
III.	— da Administração publica	21.000
IV.	— do Commercio	120.000
V.	— dos artistas	6.000
VI.	— dos Officios Mechanicos	150.000
VII.	— da Marinha militar e mercantil	20.000
VIII.	— da navegação dos rios e pescarias	5.000
IX.	— dos adultos aptos para tomar estado	30.000
X.	— dos empregados no serviço publico e dos particulares }	80.000
XI.	— dos membros inuteis ao Estado pelas suas molestias, &c. }	20.000

XII. Classe da agricultura	740.000
Suppondo que so nove destas classes podem contribuir para a formação do exercito se determinaria a cada uma das 9 classes a lotação seguinte.	
II. Classe da Toga080
III. — da Administração Publica315
IV. — do Commercio	2.400
V. — dos artistas060
VI. — dos officiaes mechanicos.....	15.000
VII. — da marinha100
VIII. — de navegação dos rios e das pescarias045
X. — dos empregados no serviço publico, e dos par ticulares }	8.000
XII. — dos agricultores	74.000
Total	<u>100.000</u>

Naõ desejamos entrar agéra na discussaõ dos motivos, e causas porque ésta força naõ está em campo ; a indagaçaõ desta materia, na presente crise, em que so se deseja a unanidade, seríã mais prejudicial do que util ; mas seguramente naõ podemos deixar de dizer, que estes recursos existem, e que para o futuro seraõ denunciados ao publico, com o ardor, e oprobrio, que merecem, aquelles que ou por ignorancía, ou por outros motivos, naõ tem dirigido as vontades desta importante massa de homens a pelejar contra o inimigo commum : O homem naõ se pode obrigar a querer o que elle naõ quer ; mas certissimamente pode induzir-se e persuadir-se a querer o que lhe convem.

A Regencia acaba de publicar dous Decretos, um datado de 9, outro de 11 de Dezembro ; o primeiro he uma Proclamaçaõ, que anima o Povo Portuguez á defensa da Patria lembrando-lhe, os grandes feitos de seus antepassados, e outros motivos que lhe podem excitar o valor. O segundo he uma ordem dsrigida do Conselho de Guerra para armar toda a naçaõ ; e pôr em estádo de defeza todas as Cidades, Villas, e Povoaçoes consideraveis, sugeitando os individuos, que se naõ armarem, ou favorecerem o inimigo, á pena de morte ; e as provaçoens

que se não defenderem, ou dêrem algum auxilio ao inimigo, incorrerão na pena de serem quemadas e arrazadas.

Estes decretos fôram precedidos pela prizaõ de alguns insignificantes individuos, que se suppunham desaffectedos ao Governo; e motivados decididamente pelo grito generalissimo da naçaõ, contra a inactividade dos Regentes; os quaes comêçam o Decreto de Dezembro confessando que *tem até aqui observando em silencio os admiraveis esforços dos Portuguezes.*

Abstemonos de fazer o menor comento sobre estes papeis, não lhe agora tempo senão de unir todos os esforços da naçaõ, as medidas do Decreto de 11 são excellentes, pouco mais se precisa do que a sua vigorosa execuçaõ. Os Portuguezes não devem agora lembrar-se de que estas medidas vem tarde. Obedeçam ao que se lhe manda; e se depois de passado o perigo se achar, que os Regentes não se houvêram co a energia, que deviam, castigue-se entãõ um ou todos elles, estigmatizem-se com a infamia que merecerem: mas neste momento nem uma palavra sobre isto se deve dizer; ás armas, ás armas, ás armas, não deve haver outro grito nem outro sentimento. Toda a outra questaõ, que agora se excitar, só pode servir de favorecer o inimigo.

America.

Voltando os olhos desta desgraçada Europa para um Continente mais feliz nos permittirá o leitor, que lhe chamemos a attençaõ para a representaçaõ da Cidade de Vera Cruz, e resposta do Vice Rey de Mexico (publicadas a p. 574.) ; Que importantes acontecimentos para o Mundo não prognosticam aquelles papeis?—Nada menos que a separaçãõ daquella riquissima colonia de sua Metropole; porquanto ali declara a Juncta, convocada pelo Vice Rey, que não ebedeceraõ a outra Juncta alguma, que não seja legitimamente nomeada por Fernando VII: este, ou por força, ou por vontade não somente renunciou sua authoridade, mas, entregando-se nas maõs de seus inimigos, se poz em estado de nunca mais a exercitar; (ou nós nos enganamos no character do tyranno, que o tem em prisaõ.) He logo evidente que, não sendo possivel haver um Governo nomeado por elle, os Mexicanos se veraõ obrigados para manter a sua

declaração, a estabelecer um governo seu, ao menos provisoriamente; e exaqui os rudimentos de um novo Governo, de um novo Estado, e de um novo Imperio, que pela sua situação, e immediata proximidade do oceano Atlantico e mar Pacifico, e pela posse do importantissimo estreito de Panama, deve commandar a navegação e Commercio das quatro partes do Mundo.

Mas deixando, por agóra as extensas vistas, que este novo Imperio offerece, e que se conhecem pela simples inspeção do mappa, limitar-nos-hemos a uma ou duas reflexoens sobre o immediato resultado do estabelecimento deste novo Governo.

He indubitavel, que a Juncta, convocada pelo Vice-Rey, não pode conservar por longo tempo a sua authoridade; porque tanto o Vice Rey como os Membros da Juncta, (que são certos officiaes de Justiça e Fazenda,) obtem o seu poder do Soberano: este, achando-se em prisão não pode nomear substitutos aos lugares vagos, e por tanto a Juncta de si mesma deve perder toda a authoridade; e, neste estado de anarchia, o Cabildo, que he a corporação Composta dos representantes do Povo, vem a ser a unica authoridade legitima. Se porem infelizmente, antes que os Mexicanos determinem o seu novo Governo, a intriga Franceza tiver lugar de peitar o Vice Rey ou algumas das personagens, que tiverem mais influencia, nesse caso uma guerra civil será a consequencia inevitavel, terminando talvez em que a França offereça o ajudar o estabelecimento do novo Governo, e obter em remuneração nesse serviço uma ascendencia nos conselhos dos Mexicanos, que lhe deveser mui favoravel.—A Inglaterra porém tem em seu poder impedir ésta vantagem da França, mas o unico meio, que para isto ha, he tomar a dianteira aos Francezes, e favorecendo o partido popular, attrahir a si as vontades da nação, por meio do que poderá achar no commercio daquellas ricas provincias, um bom equivalente ao que perde nas de-

soladas regioens, que o anticommercial espirito de Buona-
parte intenta reduzir á pobreza Spartiata.

Os Francezes saõ sem duvida bons negociadores politicos, e a estada de Moreau nos Estados Unidos da America, pode muito bem servir-lhe para influir nos negocios do Mexico ; mas se a Inglaterra andar presto em offerecer os seus serviços aos Mexicanos, e isto com a liberalidade necessaria para os fazer bem aceitos aos povos, na formaçaõ de seu novo Governo, será inteiramente impossivel aos Francezes realizar os seus planos : mas naõ ha tempo a perder em excluir dos conselhos Mexicanos os partidistas Francezes.

ADVERTENCIA.

Este numero constitue o ultimo do primeiro Volume, e a grande quantidade de materia importante, que foi necessario publicar este mez, fez, com que se naõ pudesse dar, agora, o index deste volume, que será entregue, ás pessoas que continuarem as suas assignaturas, com o numero seguinte. A necessidade de inserir os buletims Francezes, necessitou tambem a exclusão do importante papel de Cevallos, que se continuará nos numeros seguintes.

Os doze numeros, que se haõ de publicar no anno de 1809 constituiraõ dous volumes de 6 numeros cada um : e ambos teraõ o seu index separado ; por meio do qual se possa recorrer á collecçaõ de documentos officiaes, e mais noticias interessantes do tempo.

CONRESPONDENCIA.

Plain Truth. Veio demaziado tarde para ser inserido.

Um Brazilcero. Agradeço-lhe a boa vontade.

D. D. Em materia de factos, quero provas.

INDEX

DO PRIMEIRO VOLUME

No. 1.

POLITICA.

Collecção de Documentos officiaes relativos a Portugal.

D ECRETO do Principe Regente de Portugal : declara a sua intençaõ de mudar a corte para o Brazil, erije uma Regencia, para Governar em sua ausencia - - -	5
Instrucçoens a que se refere o Real Decreto acima - - -	7
Proclamação do General Junot aos Habitantes de Lisboa - - -	8
Proclamação do Marquez del Socorro General da Estremadura - - -	8
Relação circumstanciada da Revolução de Hespanha - - -	10
Decreto de abdição por Carlos IV. a Fernando VII. - - -	12
Edictal de Fernando VII. para confiscar os bens de D. Manoel de Godoy - - - - -	13
Edictal do Conselho de Madrid ao Publico - - -	14

COMMERCIO E ARTES.

Ordem de Sua Magestade Britannica sobre as propriedades Portuguezas, com data de 25 de Novembro, de 1807 - - -	15
Dicta com data de 6 de Janeiro, de 1808 - - -	16
Dicta com data de 4 de Maio, de 1808 - - -	18
Copia de uma carta do Lord Visconde Strangford ao Muito Honrado George Canning, annunciando-lhe a retirada, do Principe de Portugal para o Brazil - - -	20
Despacho do Contra Almirante Guilherme Sidney Smith na pa- ragem do Tejo - - - - -	24
Lista da Esquadra Portugueza que sahio do Tejo aos 28 de Novembro, de 1807 - - - - -	26
Despacho do Contra Almirante Guilherme Sidney Smith na pa- ragem do Tejo - - - - -	26
Lista dos Navios Portuguezes que ficáram em Lisboa - - -	28
Despacho do Contra Almirante Guilherme Sidney Smith - - -	28

LITERATURA E SCIENCIAS.

Analyze do folheto impresso, em Lisboa, a fim de mostrar o Estado presente da Inglaterra	-	-	- p. 32
--	---	---	---------

MISCELLANEA.

Pensamentos vagos sobre o novo Imperio do Brazil	-	-	57
Declaração da Russia relativamente á causa da ruptura com Inglaterra, e suspensão do Commercio	-	-	65
Proclamação para unir a Finlândia á Russia	-	-	66
Tratado da Sicilia com a Gram Bretanha	-	-	67
Tyrannia de Buonaparte na Italia	-	-	71
Argel	-	-	72
Extracto de uma carta de Lisboa	-	-	73
Suecia	-	-	74
Artigos relativos á evacuação da Ilha de Gothland	-	-	75
Inglaterra	-	-	76

No. 2.

POLITICA.

Collecção de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

Proclamação do General Taranco, em Portugal	-	-	81
Proclamação do Patriarcha aos Portuguezes	-	-	83
Proclamação de Junot aos Portuguezes, prohibindo ajunctamentos, e armas	-	-	85
Ordem de Junot aos Officiaes do seu Exercito em Lisboa	-	-	85
Decreto do General Junot para o confisco das propriedades Inglezas em Portugal	-	-	86
Decreto do General Junot prohibindo, o caçar em Portugal	-	-	87
Decreto do General Junot, sobre as Reclamaçoens dos Inglezes	-	-	88
Decreto do General Junot para o desembarque das fazendas Sequestradas	-	-	89
Edictal dos Governadores de Portugal, declarando receberem metade das dividas da fazenda Real em Graõ.	-	-	90
Edictal para o recebimento da moeda Franceza e Hespanhola em Portugal	-	-	90

Relação circumstanciada da Revolução de Hespanha.

Carta do Conde de Espeleta ao General Duhesme	-	-	-	p. 91
Justificação de D. Pedro Cevallos por Fernando VII.	-	-	-	93
Participação feita a S. A. Imperial, por o Gram Duque de Berg	-	-	-	94
Carta de El Rey Carlos IV. ao Imperador Napoleaõ	-	-	-	95
Protesto de Carlos IV. declarando nulla a renuncia da Corõa de Hespanha a Fernando VII.	-	-	-	96
Justificação de Fernando VII. a respeito dos Crimes, de que tinha sido accusado quando foi prezo	-	-	-	97
A determinação d'El Rey Fernando VII. de ir encontrar-se com o Imperador dos Francezes	-	-	-	100
Decreto de Fernando VII. authorizando seu Tio o Infante D. Antonio para despachar todos os negocios	-	-	-	101
Carta de S. M. o Imperador, ao Principe das Asturias	-	-	-	102
Carta d'El Rey Carlos a seu Filho o Principe das Asturias	-	-	-	104

COMMERCIO E ARTES.

Noticia sobre as propriedades Portuguezas detidas em Inglaterra	-	-	-	106
Artigo sobre a exportação dos Estados Unidos	-	-	-	112
Detenção dos Navios Americanos em Hespanha	-	-	-	114
Associação dos Negocientes Inglezes, que intentam negociar para o Brazil	-	-	-	115

LITERATURA E SCIENCIAS.

Universidade Imperial	-	-	-	117
Analyse do folheto intitulado Causas e consequencias da recente emigração para o Brazil	-	-	-	120

MISCELLANEA.

Noticias da Alemanha	-	-	-	-	125
Dinamarca	-	-	-	-	126
França	-	-	-	-	127
Reflexoens sobre o artigo França	-	-	-	:	131
Noticia da Hespanha	-	-	-	-	135
Inglaterra	-	-	-	-	135
A Juncta Suprema do Governo de Hespanha aos Portuguezes	-	-	-	-	138
Reflexoens sobre o comportamento dos Portuguezes	-	-	-	-	140
Noticias de Londres	-	-	-	-	143
Revolução de Portugal	-	-	-	-	145

Proclamação do Bispo Governador do Porto aos Portuguezes	p. 148
Noticias sobre a Revolução de Portugal	- - 149

120. 3.

POLITICA.

Collecção de Documentos officiaes relativos a Portugal.

Edictal dos Governadores de Portugal sobre o preço dos generos	153
Edictal dos Governadores de Portugal prohibindo aos Soldados Portuguezes, e Francezes estarem em Tavernas depois das sette horas	- - - - 154
Decreto do General Junot: concede mais tres dias para as declaraçoens das Propriedades Inglezas	- - - 155
Decreto do General Junot: dá facultade aos negocientos de vender as manufacturas Inglezas, que lhes tinhaõ sido manifestas, debaixo de certos artigos	- - - 155
Decreto do General Junot: determina o pagamento de dividas aos vassallos da Gram Bretanha debaixo de certas condiçoens	157
Decreto do General Junot: concede baixa á tropa Portugueza	159
Edictal dos Governadores de Portugal animando a lavoura	- 159
Decreto do General Junot: determina os Numeros e Letras para as embarçaçoens da pesca	- - - 161
Copia do Supplemento Extraordinario á Gazeta de Lisboa. Extincção da Regencia por Junot	- - - 163
Proclamação do General Junot, aos Habitantes de Portugal, declarando-lhe o Governo Francez	- - - 163
Decreto do General Junot: organiza o novo Governo	- - 165
Decreto do General Junot: manda que todos os actos publicos sejaõ em nome de S. M. Imperial e Real	- - 167
Proclamação de Loison aos Portuguezes	- - - 169
Decreto de Napoleaõ: impoem uma contribuição sobre o Reyno de Portugal	- - - 169
Forma da execução do Decreto acima, por o General Junot, em Portugal	- - - 170
Decreto do General Junot: prohibe a communicação entre os Portuguezes e a Esquadra Ingleza	- - - 165 [175]
Ordem provisional do Principe Regente de Portugal, á sua chegada á Bahia, sobre o Commercio do Brazil	- - - 167 [176a]

Relação circunstanciada da Revolução de Hespanha.

Carta do Príncipe das Asturias ao Infante D. Antonio	- -	p. 163 [176b]
Proclamação do General Joachim Murat ao povo de Madrid	-	168 [176b]
Ordem d'El Rey de Hespanha, nomeando o Gram Duque de Berg Tenente General do Reyno	- - -	171 [176e]
Proclamação de El Rey de Hespanha	- -	172 [176f]
Carta de El Rey de Hespanha ao Conselho de Castella, declarando a abdição dos seus direitos a favor de Imperador dos Francezes	- - - - -	173 [176g]
Proclamação da Suprema Junta aos Habitantes de Madrid	-	173 [176g]
O Moniteur de 5 de Maio, trata de suas Magestades o Rey e Raynha de Hespanha	- - -	175 [176i]
Carta circular do Consello Geral e Supremo da Inquição a todos os Tribunaes do Reyno de Hespanha	- -	176 [176j]
Proclamação attribuida ao Príncipe das Asturias	- -	177
Abdição da Corôa de El Rey de Hespanha, a Napoleão Imperador dos Francezes	- - -	177
Artigo de Bayona, tracta de negocios relativos a Hespanha	-	179
Artigo de Paris: tracta da Hespanha	- -	182
Proclamação de Fernando Príncipe das Asturias, e do Infante D. Antonio aos Hespanhoes	- - -	183
Artigo de Paris: tracta da Hespanha	- -	180
Proclamação do General Joachim Murat a seus Soldados	-	187
Artigo de Madrid, 6 de Maio	- - -	189
—Madrid, 30 de Maio	- - -	189
Decreto de Napoleão declarando a sua authoridade na Hespanha		190
Artigo de Madrid, 3 de Junho	- - -	190
Resumo da Proclamação de Napoleão aos Hespanhoes	-	191

COMMERCIO E ARTES.

Noticia das Propriedades Portuguezas detidas em Inglaterra	-	162
Interpretação das Ordens em Conselho	- -	199

LITTERATURA E SCIENCIAS.

Universidade Imperial	- - -	200
Analyse do folheto intitulado causas e Consequencias da recente Emigração para o Brazil	- - -	203

MISCELLANEA.

Noticias das Operaçoens Militares em Hespanha.

Exercito das Asturias e Galiza	p. 209
Resposta do General Blake ao General Bessieres	212
Artigo de Salamanca, 26 de Julho	213
——— Paleucia, 17 de Julho	213
——— Manzanal, 31 de Julho	213
——— Salamanca, 30 de Julho	213
——— Aragaõ: Jornal das operaçoens de Saragoça	217
——— Andaluzia. Avizo ao Publico	218
Despachos de Castaños datados de Cordova	218
Dictos Dicto de Andujar	219
Cartas chegadas de S. Andero	220
Sevilha, 20 de Julho: declaraçoens da Junta Suprema	221
Copia de uma carta interceptada do General Dupont ao Duque de Rovigo	222
Copia de outra dicta	223
Copia de outra dicta para o General Beliard	224
Despachos de Castaños; da Victoria alcançada sobre o General Dupont	226
Noticias de Londres	227
Conta official do resultado do rendimento de Dupont	228
Proclamação de Castaños aos Andaluzes	230
Artigo de Valencia	232
Sevilha, 6 de Julho	233
Edictal de D. Joaõ Mecuel de Vies	235
Noticias de Bayona, Julho 4	236
——— Madrid, 22 de Julho	236
——— Londres, 16 de Agosto	236
——— Cadiz	237
——— Corunha, 8 de Agosto	237
——— Alemanha	239
——— Inglaterra	239
——— Italia	240
——— Proclamação aos Toscanos	240
——— Dicta de Joseph Napoleaõ ao Povo de Napoles ..	241
Estatuto Constitucional do Reyno de Napoles e Sicilia	242
Decreto de Joaquim Napoleaõ	243
Proclamação do dicto	243

Noticias de França	p. 245
Proclamação do Almirante Cotton em Portugal	246
Noticias do Porto, 25 de Julho	248
----- Londres	249
Lista dos Donativos que se receberam na Cidade do Porto ..	251
Noticias de Cadiz, 25 de Julho	252
----- Londres, 16 de Agosto	252
Edictal do Principe Regente de Portugal na Bahia	253
Post scriptum	254

No. 4.

POLITICA.

Collecção de Documentos officiaes relativos á Portugal.

Manifesto da Corte de Portugal, e Declaração de Guerra contra a França	255
Papeis apresentados por ordem S. M. á Caza dos Communs sobre a invazão de Portugal	268
Proclamação do Bispo Governador do Porto aos Portuguezes	273
Edictal do dicto para formar o Exercito	274
Proclamação de Joze de Mello aos Portuenses	274
Proclamação de Luiz Pedro de Andrade aos dictos	275

Documentos officiaes relativos á Hespanha.

Edictal de declaração de Guerra, pela Juncta Suprema contra Napoleão	277
Bando da Juncta Suprema, para um alistamento Geral	277
Edictal da dicta por o qual declara castigar todas as pessoas que não coopérem para a cauza commum	281
Proclamação aos Habitantes do Porto de S. Maria	282
Proclamação aos dictos animando-os a pegar em Armas	283
A Suprema Juncta do Governo de Madrid, a S. M. o Imperador e Rey	284
Memorial da Cidade de Madrid	286
Decreto do Senado da França para a União da Toscana com a França e de Roma com a Italia	287
Decreto sobre Roma	287
America : Proclamação do Presidente dos Estados Unidos ..	288

COMMERCIO E ARTES.

Observações sobre o algodão do Brazil - - - p. 289

MISCELLANEA.

Operações Militares em Portugal	-	-	-	-	294
Extracto de uma carta do Ten. Gen. Wellesley	-	-	-	-	295
Despachos de Gen. Wellesley datados de Vilaverde	-	-	-	-	296
Dicto do. do. da Lourinhaã	-	-	-	-	300
Dictos de Henrique Burrard datados da Maceira	-	-	-	-	301
Despachos do Cav. Arthuro Wellesley sobre a Batalha de Vi- meiro	-	-	-	-	302
Dictos do Cav. Hew Dalrymple datados de Cintra					
Suspensão de Armas entre os Exercitos Francez e Inglez em Portugal	-	-	-	-	302
Convenção definitiva, para a evacuação de Portugal pelo Exer- cito Francez	-	-	-	-	311
Convenção feita com a Frota Russiana no Tejo	-	-	-	-	315

Resumo das Noticias deste mez.

Alemanha	-	-	-	-	316
Suecia	-	-	-	-	316
Constantinopla	-	-	-	-	316
França	-	-	-	-	317
Hespanha	-	-	-	-	317
Portugal: Reflexões sobre a conducta deste Reyno	-	-	-	-	318
Protesto de Bernardim Freire, General do Exercito Portuguez, contra a Convenção de Cintra	-	-	-	-	325
Post scriptum	-	-	-	-	327
Proclamação aos Portuguezes	-	-	-	-	328

No. 5.

POLITICA.

Collecção de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

Papeis apresentados por ordem de S. M. á Caza dos Communs	331
Edictal do Bispo Governador do Porto augmentando o Soldo aos Soldados	341

Edictal do Bispo Governador do Porto para alistar gente e formar o Exercito	- - - - -	341
Edictal do dicto sobre a suspenção dos processos	- - - - -	342
Edictal da Junta do Porto para os donativos	- - - - -	343
Edictal da dicta sobre os direitos do Vinho	- - - - -	344
Edictal do Intendente da Policia do Porto sobre a devassa das pessoas Inconfidentes	- - - - -	344
Proclamação do Governador da Provincia de Traz os Montes ; perdoa aos desertores	- - - - -	245
Proclamação de T. S. P. Da Fonseca aos Portuguezes	- - - - -	346
Edictal para a eleição do Juiz do Povo do Porto	- - - - -	347
Proclamação do Juiz do Povo os Portuguezes	- - - - -	347

Collecção de Documentos officiaes relativos á Hespanha.

Proclamação do Conselho de Leão á Nação Hespanhola	- - - - -	350
Carta de S. Eminencia o Cardeal Arcebispo de Toledo a S. M. o Imperador o Rey	- - - - -	354
Proclamação do General Castaños aos Hespanhoes	- - - - -	355
Circular do General Castaños aos Povos debaixo da sua Comandancia	- - - - -	356
Declaração de Valencia	- - - - -	358
Proclamação do Conselho de St. Ander aos Biscainhos	- - - - -	359
Bando de Sevilha	- - - - -	360
Proclamação da Junta de Sevilha ao Povo de Madrid	- - - - -	363
Proclamação da Provincia de Valladolid a todas as Provincias de Hespanha	- - - - -	364
Proclamação da Junta de Sevilha ao Povo Francez	- - - - -	365
Perdaõ da Junta de Sevilha aos desertores, &c.	- - - - -	367
Resposta ao Manifesto da Gazetta de Madrid	- - - - -	368
França, falla do Imperador ao Senado	- - - - -	372
Collecção de Documentos, a occupaçaõ de Roma pelos Francezes	- - - - -	374

COMMERCIO E ARTES.

Ordem em Conselho de S. M. Britanica sobre as Propriedades Portuguezas, com dacta de 19 de Setembro de 1808.	- - - - -	378
Declaração do Lord Bathurst aos Negociantes de Hespanha, Portugal, e Brazil	- - - - -	379
França	- - - - -	380

Russia	-	-	-	-	-	-	p. 380
Reflexoens sobre as Propriedades Portuguezas detidas em Inglaterra	-	-	-	-	-	-	381

LITERATURA E SCIENCIAS.

Reflexoens sobre a Literatura em Portugal	-	-	-	-	-	-	382
Analyze do faheto impresso em Londres sobre as Propriedades Portuguezas detidas	-	-	-	-	-	-	384

MISCELLANEA.

Estabelecimento da Imprensa no Brazil	-	-	-	-	-	-	393
---------------------------------------	---	---	---	---	---	---	-----

Resumo das Noticias deste mez.

Austria	-	-	-	-	-	-	394
França	-	-	-	-	-	-	395
Russia	-	-	-	-	-	-	396
Hespanha, a inauguraçã da Suprema Juncta Central do Governo do Reyno	-	-	-	-	-	-	397
Lista dos Membros da Suprema Juncta	-	-	-	-	-	-	400
A occupaçã de Bilboa pelas Tropas Francezas	-	-	-	-	-	-	400
Carta do General Bernardino Freire de Andrade ao Bispo do Porto	-	-	-	-	-	-	402
Proclamaçã do Cav. Hew Dalrymple aos Portuguezes estabelecendo a Regencia	-	-	-	-	-	-	403
Noticias de Lisboa 15 de Setembro	-	-	-	-	-	-	406
Proclamaçã do Tne. Gen. Hope, aos Habitantes de Lisboa	-	-	-	-	-	-	407
Proclamaçã dos Commissarios Britanicos, e Francezes encarregados de fazer executar a Convençã de Cintra	-	-	-	-	-	-	408
Relaçã da feliz restauraçã do Reyno do Algarve extrahida da Minerva Luzitana	-	-	-	-	-	-	410
Carta da Juncta do Algarve a S. M. Britanica	-	-	-	-	-	-	412
Reflexoens sobre os negocios de Portugal	-	-	-	-	-	-	414
Reflexoens sobre varios estabelecimentos do Brazil	-	-	-	-	-	-	420
Armisticio concluido entre os Suecos e Russos, na Finlandia	-	-	-	-	-	-	425
Noticias da Inglaterra	-	-	-	-	-	-	426

Exposição de Cevallos, Das intrigas e machinaçoens, pelos Francezes para usurpação da Corôa de Hespanha	-	p.	428
Tratado secreto entre S. M. Catholica, e S. M. o Imperador dos Francezes respeito á futura condição de Portugal	-		431
Convenção secreta concluida entre os dictos acima, respeito á occupaço de Portugal	-	-	433

NO. 6.

POLITICA.

Collecção de Documentos Officiaes relativos a Portugal.

Edictal do Intendente da Policia do Porto, prohibindo fogo solto			435
Edictal do Bispo Governador do Porto sobre a defeza da Nação			436
Proclamação da Juncta do Porto aos Portuguezes	-	-	437
Proclamação do Cavalleiro Carlos Cotton aos Habitântes de Portugal	-	-	438
Proclamação do General Commandante das tropas Portuguezas aos Soldados Francezes	-	-	439
Estabelecimento do Archivo, e Deposito das cartas, e Mappas do Brazil	-	-	440
Alvará do Principe Regente de Portugal nomeando a caza da supplicaço do Brazil	-	-	445

Documentos officiaes relativos á Hespanha.

Proclamação do General Morla aos Hespanhoes	-	-	449
Precauçoens que se devem tomar na Hespanha contra os Francezes			451
Proclamação de Leão aos Hespanhoes	-	-	455
Proclamação de Galiza aos Hespanhoes	-	-	459
Manifesto da Provincia de Aragaõ	-	-	461
Constituição do Reyno de Hespanha, apresentada á Juncta Extraordinaria convocada em Bayona	-	-	464
Proclamação do General de Saragoça aos Aragonezes			476
Proclamação da Suprema Juncta do Governo aos Hespanhoes mostrando os beneficios da nova constituição	-	-	477
França. Pariz: Falla de S. M. o Imperador e Rey feita no Palacio do Corpo Legislativo	-	-	482

Memorial do Corpo legislativo a S. M. o Imperador e Rey	p. 484
Falla dos Conselheiros de Estado sobre a situaçã do Imperio	
Francez	- - - - - 487
Collecçã de Documentos Officiaes relativos a occupaçã de	
Roma pelos Francezes.	- - - - - 502

COMMERCIO E ARTES.

Carta assignada Amante da Verdade ao Redactor do Correio	
Brazilience, sobre as propriedades Portuguezas	- - - 509
Decreto prohibitivo do Commercio na Hollanda	- - - 511
Resposta do General da Provincia de Andaluzia ao Governador	
de Cadiz, sobre um Memorial do Consulado	- - - 513

MISCELLANEA.

Decreto do Principe Regente de Portugal sobre a impresensa no	
Brazil	- - - - - 517
Reflexoens sobre o Decreto acima	- - - - - 518

Rezumo das noticias deste Mez.

Londres. Decreto que estabelece uma inquiriçã sobre a Con-	
vençã de Cintra	- - - - - 520
Portugal. Extrato de um Carta do Porto que referere a che-	
gada dos Francezes áquella Cidade	- - - - - 522
Lisboa. Ordem da Regencia, para prenderem aos que se supu-	
nhaõ Traidores	- - - - - 523
Carta da Juncta de S. Thiago de Casem á Regencia	- - - 524
Dicta da Regencia em resposta	- - - - - 525
Hespanha. Aranjuez, 1 de Outubro	- - - - - 526
Decreto do General Lechi em Barcelona	- - - - - 528
Noticias, &c. França	- - - - - 528
—————Suecia	- - - - - 531
—————Turquia	- - - - - 531
—————America	- - - - - 531
—————Buenos Aires	- - - - - 532
—————Brazil	- - - - - 532
Convençã secreta concluida entre S. M. Catholica, e S. M. o	
Imperador dos Francezes, respeito á occupaçã de Por-	
tugal	- - - - - 533

Continuação da Exposição de Cevallos.	-	-	p. 534
Carta escrita ao Redactor do Correio Braziliense pelo Sur. Jose Anselmo Corrêo Henriques	-	-	- 537

No. 7.

POLITICA.

Collecção de Documentos officiaes relativos á Portugal.

Carta dos Governadores de Portugal ao Bispo da Cidade do Porto	-	-	-	-	539
Copia de hum avizo dirigido ao Governador de Coimbra	-	-	-	-	540
Copia de outro dicto	-	-	-	-	542
Copia de hum avizo dirigido ao Governador de Coimbra para continuar a Minerva Luzitana	-	-	-	-	543
Brazil. Reclamação da Corôa de Hespanha pela Princeza D. Carlota, e o Infante D. Pedro ao Principe Regente de Portugal	-	-	-	-	544
Resposta do Principe á reclamação acima	-	-	-	-	549
Manifesto da Princeza D. Carlota aos Hespanhoes	-	-	-	-	550
Manifesto do Infante D. Pedro aos Hespanhoes	-	-	-	-	553

Documentos Officiaes relativos a Hespanha.

Proclamação dos Deputados da Juncta Extraordinaria em Bayonna	-	-	-	-	554
Noticias de Madrid, 4 de Maio	-	-	-	-	558
Proclamação do Reyno de Galiza aos Hespanhoes	-	-	-	-	559
Proclamação do Principado das Asturias aos Asturianos	-	-	-	-	561
Tractado apresentado ao Senado Francez como feito entre Napoleão e Carlos IV.	-	-	-	-	562
Carta de Napoleão ao Corpo Legislativo	-	-	-	-	565
Noticias de Paris, 20 de Novembro	-	-	-	-	565
———— Amsterdam. Sessão do Corpo Legislativo	-	-	-	-	566
———— Napoles, 8 de Outubro	-	-	-	-	569
———— Stockolmo, 11 do Novembro	-	-	-	-	569
Daclaração ás propozições que se fizeram a S. M. Britannica pela Russia e França	-	-	-	-	571
America. Representação da Cidade de Vera Cruz	-	-	-	-	574
Proclamação do Vice Rey da Nova Hespanha	-	-	-	-	576

Collecção de Documentos Officiaes relativos à occupação de Roma pelos Francezes	-	-	-	p. 579
--	---	---	---	--------

COMMERCIO E ARTES.

Reflexão sobre os Generos do Brazil que se devem mandar para a Inglaterra	-	-	-	-	588
Ordem de S. M. Britannica em Conselho sobre a navegação de S. Dominigos	-	-	-	-	592
Decreto sobre o Commercio na Hollanda	-	-	-	-	592
Reposta á Carta sasignada Amante da Verdade	-	-	-	-	594

MISCELLANEA.

Pariz. Primeiro Buletim do Exercito Francez da Hespanha					597
—— Segundo	-	-	-	-	599
—— Terceiro	-	-	-	-	602
—— Quarto	-	-	-	-	604
—— Quinto	-	-	-	-	606
—— Sexto	-	-	-	-	607
—— Septimo	-	-	-	-	608
—— Oitavo	-	-	-	-	608
—— Nono	-	-	-	-	609
—— Decimo	-	-	-	-	510
—— Undecimo	-	-	-	-	611
—— Duodecimo	-	-	-	-	614
—— Decimo terceiro	-	-	-	-	615
<i>Hespanha.</i> Carta do Marechal de Campo, Conde de Belveder, ao Conde de Florida Blanca, datada de Aranjuez					616
Dicta do Gen. Blake, ao Secretario de Estado da Repartição da Guerra datada de Valsameda	-	-	-	-	619
Dicta, do mesmo	-	-	-	-	621
Relação que se publicou na Corunã sobre o Exercito					623
Dicta de 24 de Novembro	-	dicta	-	-	624
Dicta de 26 dicto	-	-	dicta	-	625
Aranjuez 17 dicto	-	-	dicta	-	626
Tarragona 7 dicto	-	-	-	-	627
Rolas 29 Outubro	-	-	-	-	628
Noticias de <i>Madrid.</i> Ordem da Juncta Suprema, para a distribu- ição de premios aos Soldados	-	-	-	-	628
—— <i>Coruna,</i> 29 de Novembro	-	-	-	-	629

Index.

665

Noticias de Aranjuez, 20 de Novembro	-	-	p. 630
Cartas do General da Catalunha	-	-	- 630
----- Aranjuez, 26 de Novembro	-	-	- 632
Carta de D. Vicente Maria de Azevedo data de Espinosa	-	-	- 636
Parte official do Exercito da Finlandia	-	-	- 639
Convenção entre o Exercito Sueco e Russo na Finlandia	-	-	- 639

Reflexoens sobre as noticias deste meo.

França	-	-	-	-	-	- 643
Hespanha	-	-	-	-	-	- 645
Portugal	-	-	-	-	-	- 646
America Hespanhola	-	-	-	-	-	- 648

FIM DO TOM I.

*Este volume foi fac-similado a partir
de coleção de José Mindlin,
inclusive capas e sobrecapa.
Impresso em maio de 2001 em papel
Pólen Rustic 85g/m² nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
Textos complementares compostos
em Bodoni, corpo 9/11/18.*



